



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS INIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS POPULAÇÕES
AMAZÔNICAS – PPGHISPAM

ROBERTA TAVARES DE ALBUQUERQUE MENEZES

A DANÇA DA SUÇA: IDENTIDADE NO QUILOMBO DE CHAPADA DE
NATIVIDADE – TOCANTINS (1988 - 2023)

PORTO NACIONAL – TO

2024

ROBERTA TAVARES DE ALBUQUERQUE MENEZES

**A DANÇA DA SUÇA: IDENTIDADE NO QUILOMBO DE CHAPADA DE
NATIVIDADE – TOCANTINS (1988 -2023)**

dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em história das populações amazônicas, PPGHISPAM pela discente Roberta Tavares de Albuquerque Menezes como requisito para obtenção do título de mestre em história das populações amazônicas
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Regina Célia Padovan

PORTO NACIONAL – TO

2024

DADOS DA CATALOGAÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

M543d Menezes, Roberta Tavares de Albuquerque.
A Dança da Suça: Identidade no Quilombo de Chapada da Natividade - Tocantins (1988 - 2023). / Roberta Tavares de Albuquerque Menezes. – Porto Nacional, TO, 2024.
162 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em História das Populações Amazônicas (PPGHSPAM), 2024.

Orientadora : Regina Célia Padovan

1. Populações Amazônicas.. 2. Suça.. 3. Comunidades Remanescentes de Quilombo. 4. Identidade Cultural.. I. Título

CDD 901

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ROBERTA TAVARES DE ALBUQUERQUE MENEZES

**A DANÇA DA SUÇA: IDENTIDADE NO QUILOMBO DE CHAPADA DE
NATIVIDADE – TOCANTINS (1988 -2023)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas da Universidade Federal do Tocantins (UFT), avaliada para a obtenção do título de Mestre (a) em História e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Regina Célia Padovan – Prof.^a Orientadora

Prof. Dr George Leonardo Seabra Coelho – Prof. Convidado

Prof. Dr Adelmir Fiabani – Prof. Convidado

**PORTO NACIONAL –TO
2024**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao Criador, por ter me dado sabedoria de não desistir dos meus objetivos, mesmo que por muitas vezes, pensei que era algo muito distante da minha realidade, houveram obstáculos..., mas, quem tem gana, força de vontade, não desiste. A persistência, a resistência são constantes em minha caminhada.

Aos meus ancestrais, que acredito estarem felizes por minha conquista. Aos meus pais: Maria José Tiago de Albuquerque e José Tavares de Albuquerque, meus maiores exemplos, meus incentivadores para continuar firme nos estudos. Sempre com a frase pronta: Você consegue! Muito obrigada papai e mamãe!

Aos meus irmãos, Célia Albuquerque Dornelas Nunes, Cássia Tavares de Albuquerque, Verônica Tavares de Albuquerque e Fernando Tavares de Albuquerque. Obrigada pelo apoio, pela força nessa minha caminhada.

Ao meu amado esposo Izaldino José Ferreira de Menezes, o “culpado” de eu ter conquistado o título de Mestre. Um parceiro que sempre me apoia, dando forças, me acalmando nos momentos de ansiedade, fazendo as tarefas de casa, minha e dele, nesse processo do curso de mestrado. Um companheiro maravilhoso que está sempre ao meu lado.

Aos meus filhos, José Roberto Albuquerque Menezes, Marcos Daniel Albuquerque Menezes e Izabel Albuquerque Menezes por sempre me apoiarem, entendendo o esforço, a dedicação, a luta para conquistar o meu sonho de ser mestra. O processo não foi fácil, mas com a ajuda de vocês, pude concluir essa jornada.

Dedico a minha família esse diploma de Mestre, pois são meus tesouros, minha fortaleza, meu porto seguro, agradeço por compreender a importância desse momento em minha vida. Amo vocês!

Agradeço a minha orientadora, Professora Doutora Regina Célia Padovan, por ter sido paciente, por me incentivar e nortear minhas percepções para conseguir concluir essa pesquisa. Só tenho gratidão e alegria de tê-la como minha orientadora que levarei sempre em meu coração. Obrigada Doutora!

Aos meus professores de mestrados, obrigada pelos estudos, que foi de suma importância para o desenvolvimento dessa pesquisa. Aos meus colegas de turma, só tenho a agradecer os momentos que passamos juntos de vivências experiências e que transmitiu leveza para trilhar e encarar desafios,

A todos amigos e amigas que sempre me apoiaram, me incentivaram, me ajudaram, enviando energias positivas, todo meu carinho e agradecimento. Em especial ao Professor Doutor Valdir Aquino Zitzke, a Professora Doutora Nelzir Martins da Costa, ao Professor Mestre e Doutorando Wátilla Mislá Fernandes Bonfim, a minha colega de curso, Chagna Antônia Pires Santana, a Professora Mestra Dhambrya Morgana Neves de Sousa e a Pesquisadora em Artes Cênicas, Professora Doutora Liu Moreira, amigos que contribuíram de forma direta para que eu conseguisse conquistar o título de Mestra. Minha Gratidão eterna!

Agradeço grandemente a Comunidade Quilombola Chapada da Natividade, através da Associação Comunitária dos Quilombolas Visão de Águia, aos grupos de suça: Dona Maria e Mestre Patricinho, e, a equipe diretiva e comunidade escolar do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes que aceitaram participar desse estudo, meu carinho, minha gratidão. Sem vocês, não teria conquistado esse título de Mestra. Também dedico a vocês, pois foi nessa comunidade (Chapada da Natividade), que conheci e aprendi a amar essa cultura do nosso povo quilombola, nos meus quase dezoito anos que vivi na comunidade, e, poder contribuir mais uma vez com essa pesquisa, tendo a comunidade como sujeito da sua história, é maravilhoso!

Aos professores da Banca, Professor Doutor Adelmir Fiabani e Professor Doutor George Leonardo Seabra Coelho, pelas contribuições relevantes nessa pesquisa. Enfim, agradeço a existência da política de Cotas Raciais, pois sem essa política pública, seria muito difícil alcançar esse sonho.

Gratidão!

RESUMO

A presente pesquisa tem como principal foco o estudo sobre a dança da suça na comunidade remanescente de quilombo de Chapada da Natividade, no Tocantins. A “suça” trata-se de uma dança presente nas comunidades tradicionais no Tocantins, como em Lajeado, Dianópolis, Natividade, Paranã, entre outras, a qual remete às heranças do período da exploração do ouro, às memórias e experiências coletivas, transmitidas de geração em geração. Tem como objetivo principal investigar a contribuição da suça na preservação cultural da comunidade e sua relação com a educação e a identidade quilombola, através da leitura sobre as representações de seus praticantes na comunidade de Chapada da Natividade – Tocantins, no referido período de 1988, com a promulgação da Constituição brasileira, e em 2023 devido ao momento de políticas públicas voltadas as manifestações da cultura tradicional. A partir dos estudos da historiografia sobre a dança da suça, observados em Mari de Nasaré Baiocchi (1999), Wolfgang Teske (2008), Everton dos Andes (2008), Wendy Almeida de Araújo (2013), Eloísa Marques Rosa (2015), entre outros. A pesquisa ampliou sua abordagem na relação com a identidade quilombola e as representações de seus praticantes através da metodologia da História Oral, tendo como base teórica as considerações de Verena Alberti (2005). As narrativas, entre outras informações possibilitaram aproximar às experiências dos moradores e praticantes da tradição da suça, sua preservação e valorização enquanto herança cultural presente na comunidade estudada, tendo como base teórica, as contribuições de Roger Chartier (1990), com o enfoque sobre as representações; a abordagem da memória coletiva a partir de Maurice Halbwachs (2004), da relação da dança e da identidade cultural, no tocante a leitura de Stuart Hall (2000), e no exercício da oralidade e da escuta, a partir de Alessandro Portelli (1996). Por fim, como produto final do estudo, apresentamos a produção de materiais didáticos sobre a suça, para o uso dos docentes nas atividades de ensino como uma maneira tangível de preservar e fortalecer essa manifestação cultural com as gerações futuras, sua circulação e divulgação em escolas de comunidade quilombolas e não quilombolas.

Palavras-chave: Populações Amazônicas; suça, comunidades remanescentes de quilombo, identidade cultural.

ABSTRACT

The main focus of this research is the study of the *suça* dance in the remaining quilombo community of Chapada da Natividade, in Tocantins. The "*suça*" is a dance present in traditional communities in Tocantins, such as Lajeado, Dianópolis, Natividade, Paranã, among others, which refers to the legacies of the gold exploration period, to the memories and collective experiences, transmitted from generation to generation. Its main objective is to investigate the contribution of *suça* in the cultural preservation of the community and its relationship with quilombola education and identity, through the reading of the representations of its practitioners in the community of Chapada da Natividade – Tocantins, in the aforementioned period of 1988, with the promulgation of the Brazilian Constitution, and in 2023 due to the moment of public policies aimed at the manifestations of traditional culture. Based on the studies of historiography on the dance of the *suça*, observed in Mari de Nasaré Baiocchi (1999), Wolfgang Teske (2008), Everton dos Andes (2008), Wendy Almeida de Araújo (2013), Eloísa Marques Rosa (2015), among others. The research broadened its approach in the relationship with the quilombola identity and the representations of its practitioners through the methodology of Oral History, having as a theoretical basis the considerations of Verena Alberti (2005). The narratives, among other information, made it possible to bring together the experiences of residents and practitioners of the *suça* tradition, its preservation and appreciation as a cultural heritage present in the community studied, having as a theoretical basis, the contributions of Roger Chartier (1990), with a focus on representations; the approach to collective memory from Maurice Halbwachs (2004), the relationship between dance and cultural identity, with regard to the reading of Stuart Hall (2000), and the exercise of orality and listening, from Alessandro Portelli (1996). Finally, as a final product of the study, we present the production of didactic on the *suça*, for the use of teachers in teaching activities as a tangible way to preserve and strengthen this cultural manifestation with future generations, its circulation and dissemination in schools of quilombola and non-quilombola communities.

Keywords: Amazonian Populations, *suça*, remaining communities of quilombo, cultural identity

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Mapa de Goiás: vilas e arraiais do ouro – séc. XVIII e XIX	27
Figura 2: Mapa municipal de Chapada da Natividade	47
Figura 3: Comunidade Remanescente Quilombo de Chapada da Natividade - Tocantins	48
Figura 4: Os tambores de suça e em cima, os chapéus dos tocadores	50
Figura 5: Dança da Suça	51
Figura 6: Quilombolas do Morro de São João, Santa Rosa - TO	57
Figura 7: Grupo Jiquitaia- Almas, Tocantins	58
Figura 8: Dança da suça ou jiquitaia, Comunidade quilombola Lajeado, Dianópolis - TO	59
Figura 9: Comunidade Kalunga do Mimoso, Arraias, TO.	60
Figura 10: Festa do Capitão do Mastro do Divino Espírito Santo na comunidade de Chapada da Natividade, em julho de 2023	61
Figura 11: Grupo de suça Tia Zezinha – Colégio Estadual Fulgêncio Nunes – Chapada da Natividade	63
Figura 12: Semana da Consciência Negra no Quilombo de Chapada da Natividade	65
Figura 13: Ensaio do Grupo de suça Mestre Patricinho em sua residência na comunidade de Chapada da Natividade	66
Figura 14: Semana da Consciência Negra no Quilombo de Chapada da Natividade – 2016. Apresentação do Grupo de Suça Dona Maria, da Associação Quilombola Visão de Águia	67
Figura: 15: Festejo do Capitão do Mastro na comunidade de Chapada da Natividade	75
Figura 16: Apresentação da Suça Mestre Patricinho no festejo do Capitão do Mastro no quilombo de Chapada da Natividade	75
Figura 17: Mestre Patricinho e professora Roberta no Festejo do Mastro do Divino Espírito Santo no quilombo de Chapada da Natividade – TO	76
Figura 18: A dança da Suça na comunidade remanescente de quilombo de Chapada da Natividade	77
Figura 19: Mestre de Suça – Mestre Patricinho	79
Figura 20: Mestra de Suça – Maria Custódio de Cerqueira	80
Figura 21: Festa do Capitão do Mastro do Divino Espírito Santo na comunidade de Chapada da Natividade - TO	83
Figura 22: Presença da Suça – Coletivos	84
Figura 23: Grupo de Suça Dona Maria no evento Semana da Cultural da Consciência Negra no quilombo Chapada da Natividade – TO	84
Figura 24: Grupo de Suça Tia Zezinha do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes. Apresentação para os acadêmicos da UFT – campus de Porto Nacional – 2018	86
Figura 25: Apresentação no evento da Consciência Negra no Colégio Estadual Fulgêncio Nunes com alunos da escola	92

Figura 26: Grupo Mestre Patricinho do quilombo de Chapada da Natividade- TO, no evento da Secretaria dos Povos Originários e Tradicionais do Tocantins no lançamento do Aquilomba Tocantins	95
Figura 27: Evento da Secretaria dos povos Originários e Tradicionais: Aquilomba Tocantins, na imagem, Grupo Mestre Patricinho com a Secretária, na época, Narubia Werreria, e, vereadores do quilombo de Chapada da Natividade	95
Figura 28: Grupo Mestre Patricinho do quilombo Chapada da Natividade -TO, no evento da Secretaria de Educação do Estado: Poder Afro-Projeto de Combate ao Racismo nas Escola ..	96
Figura 29: Os tambores, pandeiro e chapéus dos tocadores de Suça do Quilombo de Chapada da Natividade	97
Figura 30: Grupo de Suça Mestre Patricinho –Apresentação no Colégio Estadual Fulgêncio Nunes	99
Figura 31: Grupo de Suça Tia Zezinha no Evento da Consciência Negra na comunidade de Chapada da Natividade	104
Figura 32: Mestra Generosa	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: População escrava em Goiás (1804)	29
Tabela 2: População escrava no Norte de Goiás	30
Tabela 3: Primeiros arraiais do ciclo do ouro no antigo Norte de Goiás	32
Tabela 4: Comunidades quilombolas do Tocantins certificadas pela Fundação Palmares	44
Tabela 5: Brincantes de suça entrevistados da Comunidade de Chapada da Natividade	69
Tabela 6: Fortalecimento da suça na escola	120
Tabela 7: Suça como parte da Educação Quilombola	121
Tabela 8: Suça e Projeto Político Pedagógico	123
Tabela 9: A suça nos eventos da escola	125

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Você conhece ou já ouviu falar sobre a dança da suça?	110
Gráfico 2: Você dançou ou fez parte de algum grupo de dança da suça?	111
Gráfico 3: O que a suça representa para você?	112
Gráfico 4: De acordo com as informações que você já teve acesso, a dança da suça faz parte?	114
Gráfico 5: Em quais ocasiões você presenciou a dança da suça sendo trabalhada na escola?	115
Gráfico 6: Para você é importante a escola trabalhar essa manifestação histórica e cultural da comunidade de Chapada da Natividade?	116
Gráfico 7: Alguém de sua família já participou ou participa dessa manifestação cultural? ...	117
Gráfico 8: Alunos que responderam ao questionário	118

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A PRESENÇA AFRICANA EM GOIÁS	24
2.1 Populações de escravizados na Capitania de Goiás	26
2.2 Goiás pelos olhos dos viajantes	32
2.3 Leituras de pós-abolição em Goiás	38
2.4 Comunidades Remanescentes no Tocantins	42
3 QUANDO RUFAM OS TAMBORES NO QUILOMBO: A SUÇA, UMA DANÇA QUILOMBOLA	49
3.1 A Suça: tradição afro-brasileira nas comunidades do Tocantins	51
3.2 Suça: dança Negra nas festividades das comunidades remanescentes de quilombo ...	56
3.3 A Suça: elemento identitário da comunidade remanescente Chapada da Natividade, Tocantins	63
4 A SUÇA ENCONTRA O QUILOMBO	67
4.1 A dança da suça na comunidade remanescente de quilombo Chapada da Natividade.....	77
4.2 Os coletivos de suça na comunidade de Chapada da Natividade	84
4.2.1 Grupo de Suça Dona Maria	84
4.2.2 Grupo de Suça Tia Zezinha	86
4.2.3 Grupo de Suça Mestre Patricinho	92
4.3 O silêncio dos tambores de suça	97
4.4 De que forma a suça ajuda a construir uma identidade quilombola	103
4.5 Leituras e representações: a Suça no espaço escolar do Col. Estadual Fulgêncio Nunes.....	108
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	130
APÊNDICES – APÊNDICE A – PRODUTO FINAL	135
APÊNDICE B – PROPOSTA DE APLICABILIDADE PEDAGÓGICA	149
ANEXOS	153

1 INTRODUÇÃO

O termo “suça”¹ empregado neste estudo, tem variadas grafias: sússia, sussa e súcia. Trata-se de uma dança em comunidades quilombolas presentes no estado do Tocantins, que remete a heranças, memórias e experiências ancestrais coletivas, transmitida de geração em geração. Caracteriza-se como uma expressão artística de movimentos circulares, canto e ritmo frenético.

A suça é uma prática coletiva onde membros da comunidade podem participar e se envolver, levados por um sentimento de pertencimento, coesão social e identidade cultural. Ela possui uma estética própria em torno de um elemento cultural comum: a resistência e preservação, marcas da força contra as adversidades históricas enfrentadas pela comunidade.

Sob o domínio da escravidão que marcou gerações de africanos e seus descendentes que foram escravizados em território colonial brasileiro, sabe-se que as condições de sobrevivência e luta foram marcados por estratégias diversas. As fugas, a formação de quilombos, entre outras formas de resistência, configuraram uma diversidade de enfrentamentos entre os seguimentos da sociedade vigente.

Nesse contexto, a constituição de práticas culturais também representou elaborações no interior dessas comunidades, em que as atividades festivas, rituais e danças marcaram momentos na história das relações constituídas. A suça, nesse sentido, pode ser oriunda das comunidades quilombolas formados em território goiano, povoado de uma expressiva população de negros e quilombos, formados ao longo do século XVIII e XIX.

Essas pessoas trouxeram consigo a arte, a cultura, a culinária, o vocabulário e os quilombos como forma de resistência. Os instrumentos que acompanham a dança – tambores, pandeiros, caixas – são confeccionados manualmente mediante técnicas transmitidas ao longo das gerações. São expressões de força, luta, libertação e perpetuação das heranças ancestrais. As comunidades remanescentes de quilombos e a suça, resistem no antigo norte goiano, atual Tocantins.

¹ A grafia suça é a mesma empregada pela Fundação Cultural do Tocantins (2012) e pela Associação Cultural Comunitária Visão de Águia de Chapada da Natividade (2006), a que mais se aproxima da pronúncia na região de Natividade. Também é possível encontrar a sua escrita com as grafias: sússia, sussa e súcia. A escrita adotada neste trabalho será suça.

O batuque da suça – como são denominadas as apresentações – em Chapada da Natividade, ocorre nos Festejos do Divino Espírito Santo, – nos pousos durante a folia – nas festas dos santos, nos eventos escolares, nas datas comemorativas do município – como no aniversário de sua emancipação – e, em especial, na Semana Cultural da Consciência Negra, ocasião na qual as crianças, jovens, adultos e idosos ratificam seu enfrentamento ao racismo e a luta por direitos e valorização da cultura e da identidade quilombola.

Posto esta informação, destacamos que nosso objetivo maior foi analisar e registrar a contribuição da dança da suça na formação da identidade quilombola em Chapada da Natividade, município quilombola no estado do Tocantins. A partir dos registros produzidos pelas narrativas dos mestres, das mestras e dos praticantes da dança e sua representação para a comunidade quilombola em estudo, identificamos como a memória histórica da dança da suça contribuiu para o fortalecimento da identidade quilombola, caracterizando e compreendendo os elementos da suça como resistência e pertencimento.

Buscamos ainda no decorrer dessa pesquisa compreender as relações históricas e culturais da dança da suça presente em Chapada da Natividade e seus aspectos socioculturais a partir de um processo de transformação histórica, entrevistando os sujeitos sociais e os aspectos diversos que envolvem essa expressão cultural.

Ao estabelecer tais objetivos, a pesquisa pontuou como indagações iniciais: Como a dança da suça contribui para o fortalecimento da identidade quilombola de Chapada da Natividade? Em que medida, os mestres e as mestras da dança da suça continuam repassando os saberes para os mais novos e qual a importância disso para a comunidade quilombola? Qual a contribuição do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes para que os estudantes conheçam e valorizem a dança da suça?

Para o fortalecimento e o respeito às singularidades dos quilombolas se faz necessário o reconhecimento de suas raízes, das suas tradições, dos seus costumes e de suas vivências. E a dança da suça faz parte dos momentos festivos de Chapada da Natividade. Assim, a dança da suça é o objeto da presente pesquisa, que teve como foco, identificar sua representação no processo da identidade quilombola, a partir dos relatos de seus praticantes e sua interação com a memória histórica e cultural de consolidação da comunidade com a preservação de sua história, como símbolo de resistência do povo quilombola de Chapada da Natividade.

Na esfera social, o objetivo desse estudo, é compartilhar com a comunidade quilombola os frutos que podem ser colhidos, preservando suas tradições e memórias. É evidente que os costumes e expressões culturais são transmitidos de uma geração para outra. Olhando por essa perspectiva, esses elementos podem ser integrados ao Colégio Estadual Fulgêncio Nunes, visando fortalecer o vínculo entre a comunidade quilombola e a instituição escolar. As relações de experiências são muito importantes para haver um fortalecimento entre os mais velhos e a juventude, assim, não deixando a memória e as tradições quilombolas serem esquecidas.

No contexto escolar, o Colégio Estadual Fulgêncio Nunes adotou uma abordagem voltada para a promoção da cultura quilombola em 2017, incorporando em sua grade curricular as disciplinas “Cultura Quilombola” e “Saberes e Fazeres Quilombolas²” direcionadas especificamente à comunidade e às famílias de origem quilombola. É importante notar, que a comunidade quilombola foi reconhecida em 2004, porém a escola ainda demorou em ter um currículo direcionado aos quilombolas. Assim, esse estudo tem relevância para toda a comunidade por contribuir para o aperfeiçoamento, revisão e continuidade das manifestações culturais quilombolas também na escola.

No âmbito acadêmico, o estudo contribuiu para ampliar a história regional das populações amazônicas no Tocantins enriquecendo a historiografia desse “Brasil profundo”, desconhecido por muitos e que a partir da pesquisa traz novas fontes de conhecimento. A abordagem regional oferece a história os acontecimentos para os cidadãos “usuais”, que fazem parte da sociedade.

A pesquisa em questão concentrou-se no período compreendido entre 1988 e 2023. Este intervalo de tempo foi escolhido devido a promulgação da nova Constituição Brasileira e as políticas públicas para a cultura. Tivemos com a Constituição Federal, importantes conquistas para a população negra. Entre elas, o artigo 68 do ato das disposições constitucionais transitórias que garante a titulação das terras as comunidades remanescentes de quilombo e também trouxe no artigo 215 as garantias para o pleno exercício dos direitos culturais, e, no § 1º a proteção das manifestações culturais populares, indígenas e afro-brasileiras e outros grupos, e, 2023, ao momento de políticas

² O colégio Estadual Fulgêncio Nunes, em Chapada da Natividade, no ano de 2017 tornou-se legalmente uma escola quilombola, apresentando uma nova matriz curricular, que mantém a base comum nacional curricular e incluem novos conteúdos correspondentes as especificidades socioculturais das comunidades quilombolas, contemplando a área do conhecimento Diversidade, com o componente curricular “Cultura Quilombola” que trabalhará os conteúdos dos “saberes e fazeres dos povos quilombolas”. (Componente curricular para o ano letivo de 2017).

públicas voltadas para o fortalecimento dos fazedores da cultura, entre eles, a cultura tradicional.

Importante aqui destacar a Lei³ nº 166, de 15 de dezembro de 2010, município de Chapada da Natividade que instituiu a Semana Cultural e o Feriado Municipal do Dia da Consciência Negra, com o objetivo de fortalecer as tradições, dar a conhecer sua história e promover a luta por direitos.

No Colégio Estadual Fulgêncio Nunes, foi criado o grupo de suça Tia Zezinha⁴ com o intuito de promover e estimular a preservação dessa manifestação cultural. Essas ações durante o período anteriormente mencionado contribuíram para o revigoreamento da identidade quilombola em Chapada da Natividade.

A presente pesquisa destaca a relevância da suça como expressão cultural significativa para os praticantes da dança, ao passo que servirá como ponto de visibilidade e fortalecimento da história regional e suas relações no Tocantins, marcada pela presença de um significativo número de comunidades remanescentes de quilombos.

Além disso, o estudo buscou compreender como essa prática está ligada aos costumes, tradições e a história de Chapada da Natividade. Portanto, intentou documentar uma parte essencial do patrimônio histórico e cultural dessa comunidade, fornecendo um maior entendimento de suas raízes, promovendo o fortalecimento e preservação da dança da suça como parte integral da identidade quilombola.

Entendo, também, ser importante destacar a minha trajetória entre 2001 a 2018, em Chapada da Natividade. Onde cheguei vinda da cidade de Nazaré da Mata, no estado de Pernambuco, diretamente para essa cidade, para exercer a docência no Colégio Estadual Fulgêncio Nunes. A minha estruturação como professora de ensino básico, se deu nessa instituição escolar de Chapada da Natividade, mas, não somente como professora, também, como ativista das questões étnico-raciais. Sempre trabalhando com

³ O Prefeito Municipal de Chapada da Natividade, Djalma Carneiro Rios, no uso de suas atribuições legais e constitucionais, faz saber, que a câmara Municipal de Chapada da Natividade, aprovou e eu, com base na Lei Orgânica do Município, SANCIONO a seguinte lei: [...] Art. 10' Fica instituído Feriado Municipal, na data de 20 de novembro, em alusão ao "Dia da Consciência Negra", cuja data deverá ser incluída no calendário de eventos culturais e religiosos deste Município, Art. 20 ' 0 dia da Consciência Negra será comemorado nas unidades da Rede Pública Municipal de Ensino, com atividades destinadas a resgatar a importância social, histórica e cultural do Negro na formação do Brasil e do nosso Município, durante a Semana Cultural da Consciência Negra.

⁴ O grupo de suça Tia Zezinha criado em 2015, tem essa denominação em homenagem a uma servidora do quadro geral do Colégio Fulgêncio Nunes que faleceu no ano da criação desse grupo. Em 2017 foi escrito um projeto intitulado "Projeto: Preservando Nossas Raízes" com o objetivo de obter os instrumentos e vestuários para as apresentações. Em 2018 o projeto foi contemplado através da Vara da Justiça do Trabalho em Dianópolis, TO.

projetos, em sua maioria, voltados a causa negra, de combate ao racismo dentro da escola e na comunidade, tendo a vivência com as tradições locais, através dos festejos da Padroeira Sant'Ana, do Divino Espírito Santo, de Santo Reis, na medida que chamou a minha atenção, foi que a dança da suça, era visto no quilombo inicialmente, somente nos festejos do catolicismo tradicional. Nesse sentido, surgiu o interesse de aprofundar os estudos pelo tema, em especial na comunidade de Chapada da Natividade, onde a suça desempenha um papel importante nas celebrações dos santos, nos eventos da instituição escolar, especialmente em novembro, durante as comemorações da Consciência Negra.

A partir de uma pós-graduação em História da Cultura Afro-Brasileira, na qual desenvolvi uma monografia focada no Projeto de Lei que instituiu a Semana Cultural e o feriado Municipal do Dia da Consciência Negra, envolvi a Associação Quilombola Visão de Águia no evento com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre a própria história, defender seus direitos, combater o racismo e avivar as tradições quilombolas.

Assim, em 2015, após cinco anos da instituição da lei municipal, iniciei o processo de torná-la uma realidade. E esse ano marcou um momento significativo para essa comunidade, pois a união Escola e Associação Quilombola foi uma parceria que deu certo. Juntos, organizamos uma série de atividades, incluindo palestras, feiras, oficinas, apresentações de catireiros, danças, entre elas, a dança tradicional, a suça.

Essas atividades envolveram toda a cidade, bem como os residentes e quilombolas da zona rural de Chapada da Natividade, e também das cidades vizinhas, durante a Semana da Consciência Negra. Esse evento segue acontecendo nessa comunidade quilombola até os dias atuais. No mesmo ano, no ambiente escolar, surgiu o grupo denominado Suça Tia Zezinha, cujo propósito era promover o reconhecimento da tradição como parte integrante da identidade quilombola.

Essa iniciativa, teve como objetivo destacar para os alunos e alunas, a importância de preservar essa expressão cultural. Os ensaios ocorriam semanalmente, após as aulas e contavam com a colaboração dos membros da comunidade que praticavam a suça, incluindo o mestre Patricinho. O apoio da comunidade escolar do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes nas ações e projetos desenvolvidos, desempenhou um papel fundamental com a articulação de docentes e equipe diretiva nesse processo de planejamento, organização e execução.

Embora⁵ Chapada da Natividade tenha sido oficialmente reconhecida pela Fundação Palmares em 2004 como comunidade de remanescentes de quilombo, ainda há um grande caminho a ser percorrido em relação a preservação e valorização das tradições na cultura quilombola. Outra ação importante foi a criação da página no Facebook intitulada “Nosso Quilombo, Nossa Cultura”, com o objetivo de dar visibilidade as atividades educacionais e ações da comunidade desenvolvidas em Chapada da Natividade. Assim, as histórias, as tradições, as memórias, a oralidade de alguns moradores da comunidade estão postadas nessa rede social para aqueles que queiram acessar e conhecer.

No que diz respeito aos estudos sobre a suça no Tocantins, nossa historiografia é enriquecida pelas contribuições de diversos pesquisadores, incluindo a dissertação de Thaís Teixeira de Siqueira (2006), a monografia de Everton dos Andes (2008), a dissertação de Wendy Almeida de Araújo (2013), a dissertação de Eloísa Marques Rosa (2015), a tese de Wolfgang Teske (2018), a tese de Nelzir Martins Costa (2020), a tese de Laurenita Gualberto Pereira Alves (2021) e, por fim, a dissertação de Maria de Jesus Pereira dos Santos (2022).

Os referidos estudos na forma de artigos, dissertações, teses, contribuíram para o desenvolvimento da presente pesquisa e sua abordagem sobre a dança da suça em Chapada da Natividade. Portanto, nossa pesquisa é de natureza qualitativa e exploratória, no que se refere ao levantamento bibliográfico e documental, assim como dos participantes da suça, a partir das entrevistas e questionários.

Nesse sentido, além do material documental e bibliográfico sobre o tema, a pesquisa utilizou como base metodológica o trabalho com a História Oral, como uma parte fundamental do seu enfoque. Esta abordagem, inspirada pelas orientações de Verena Alberti (2004) em sua obra *Manual de história oral* possibilitou captar as perspectivas e experiências dos moradores e praticantes da suça na comunidade de Chapada da Natividade e, com o propósito de aprofundar nossa compreensão e interpretação da dança, assim como os sentidos e significados suscitados pelas memórias da comunidade, a partir das categorias de leitura da representação, memória e identidade.

⁵ O presidente da Fundação Palmares no uso de suas atribuições legais [...] CERTIFICA que a comunidade de Chapada da Natividade, localizada no município de Chapada da Natividade, Estado do Tocantins, registrada no livro de cadastro geral nº 005, registro n. 449, fl. 57, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP nº 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União nº 43, de 04 de março de 2004, seção 1, f. 07, É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DE QUILOMBOS.

Foi com base nesse tripé e sua interlocução, definimos para o entendimento de representação e práticas, os fundamentos propostos por Roger Chartier, em sua obra *A História Cultural: entre práticas e representações* (1990), buscando compreender a dimensão da representação da suça e sua ancestralidade cultural na comunidade.

Outro suporte – para o estudo sobre a memória – encontramos na leitura de Maurice Halbwachs, na obra *A Memória Individual e Coletiva* (2004). Para as interfaces das leituras sobre o contexto histórico e as contribuições da historiografia em Goiás, a leitura foi de Gilka Salles (1992) e a obra *Economia e escravidão na Capitania de Goiás*. Para a compreensão dos processos de escravidão e as práticas escravistas no norte goiano, o estudo foi de Juciene Apolinário (2007), em *Vivências Escravistas em Arraiais, TO*, assim como as contribuições de Luís Palacin (2008), *História de Goiás*, entre outros autores que abordaram o norte de Goiás e a formação dos quilombos. E, por fim, trazemos também, Alessandro Portelli (1996), o qual destaca que “a História Oral e as memórias não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias” (Portelli, 1996, p. 16).

As memórias, em certo sentido, são individuais, pois mesmo que duas pessoas tenham estado presentes em um mesmo acontecimento, cada uma terá uma memória diferente das circunstâncias. Em outro sentido, a memória “individual” sofre as influências do meio social, o qual interfere no que será lembrado e também esquecido.

Entendemos assim, que as categorias mencionadas, permitiram explorar não apenas como a suça é representada na comunidade, mas também como essa tradição é incorporada e vivenciada pelos seus praticantes, enriquecendo nosso estudo sobre a relevância cultural e social da suça dentro do quilombo de Chapada da Natividade.

O estudo com a História Oral compreendeu a realização de entrevistas e aplicação de questionários na comunidade buscando elementos de leitura sobre a identidade quilombola. Para tanto, definimos dez participantes da dança da suça que foram entrevistados, por serem as pessoas que carregam o conhecimento dessa expressão cultural repassando aos mais novos. Outro suporte que julgamos importante foi, a aplicação de formulários na forma de questionários junto ao Colégio Fulgêncio Nunes, instituição escolar quilombola, voltado para as equipes diretivas, docentes e discentes responderam, totalizando 42 aplicações entre esses grupos da comunidade escolar.

Nessa perspectiva, como salienta Alberti (1989), a História Oral faz parte da historiografia contemporânea, auxiliando o pesquisador nos estudos e abrindo um leque de investigação além das fontes bibliográficas. Segundo Alberti,

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (Alberti, 1989, p. 04).

Com base no arcabouço teórico-metodológico delineado, nossa dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo, abordamos a contextualização temporal e espacial da presença da população negra em Goiás, em especial, no antigo norte de Goiás, atual região do Tocantins, como percurso no entendimento à formação de quilombos. Além disso, conduzimos uma análise detalhada do itinerário histórico dessa comunidade, investigando a origem e desenvolvimento da população negra, assim como o processo de estabelecimento e crescimento de algumas comunidades e territórios quilombolas da região. Sem explorar a valiosa contribuição da pesquisa histórica, o objetivo desta unidade se concentrou em destacar alguns elementos na formação da sociedade em Goiás, especialmente em relação à presença significativa da comunidade negra e seu papel na criação dos quilombos. Nossa pesquisa procurou investigar as raízes da população negra, desde seus primeiros momentos na região, até as fases subsequentes de formação e consolidação das comunidades quilombolas, proporcionando assim uma visão abrangente da história e evolução desse importante grupo cultural.

Para colaborar com o primeiro capítulo da dissertação, algumas leituras foram consideradas, como as obras referentes aos negros em Goiás e a formação de quilombos. Uma contribuição importante são estudos da historiadora Gilka Salles, em sua obra *Economia e Escravidão na Capitania de Goiás (1992)*, em que discorre sobre a quantidade de negros africanos no processo do trabalho nas minas e descoberta dos veios auríferos, entre outros dados importantes.

Outra referência utilizada à pesquisa de Juciene Ricarte Apolinário em sua obra *Escravidão negra no Tocantins colonial: vivências escravistas em Arraias (1739-1800)* em que retrata a partir de sua pesquisa o período aurífero e a resistência dos escravizados na capitania de Goiás, indicando pistas das formas de resistências e revoltas da população subjugada no norte de Goiás, tendo como direcionamento as informações sobre quilombos na região. Apolinário relata sobre os primeiros escravizados que chegam a Goiás, a partir do afluxo de africanos e seus descendentes para as áreas mineradoras, no final do século XVIII, assim, como informa sobre o processo de deslocamento dos comboios de cativos, vindos da Bahia, via o rio São Francisco para serem vendidos nas

minas do antigo norte da capitania de Goiás, entre outros detalhes importantes apresentados pela rica documentação utilizada.

Dentre outros autores, também serviu de base às leituras de Luís Palacin e Maria Augusta de Sant'Anna Moraes, na obra *História de Goiás (1722-1972)* quanto aos fundamentos históricos de Goiás desde as bandeiras e o primeiro povoamento até o ano de 1972, além das contribuições relevantes da historiadora Temis Parente, em *Fundamentos históricos do Estado do Tocantins (1999)*.

Quanto à abordagem sobre quilombos, tomamos como referência João José Reis e Flávio dos Santos Gomes e sua obra *Liberdade por um fio – História dos Quilombos no Brasil (1996)*, no qual pontua, entre os vários quilombos situados no Brasil, sobre os quilombos do ouro na capitania de Goiás.

Outra referência importante situa-se no estudo de Clóvis Moura, em *Quilombos: resistência ao escravismo (2021)*. Também contribuiu o pesquisador Adelmir Fiabani e sua obra: *Mato, Palhoça e Pilão: O quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004)*. O texto destaca o quilombo como uma forma singular de resistência e explora a transformação de significados associados a esse conceito, especialmente pelos antropólogos que se concentraram na categoria “quilombo”, após a promulgação da Constituição de 1988, que regulamentou o reconhecimento das terras dos remanescentes de quilombo.

Outro estudioso que serviu de referência foi o historiador Ivaldino Ferreira de Menezes em sua dissertação: *Natividade e o Recenseamento de Sua População (1872 – 1920)*, na qual podemos observar que no antigo norte goiano (Tocantins), a presença dos negros era em maior quantidade que a de brancos.

No segundo capítulo, exploramos a história da suça, traçando suas raízes e seu desenvolvimento na região de Chapada da Natividade (antigo norte de Goiás). Analisamos a relação entre a dança da suça e conceitos como ancestralidade, resistência e identidade quilombola, incluindo uma análise de algumas comunidades tradicionais que mantêm essa manifestação secular. A dança da suça é uma parte significativa da cultura tradicional da antiga região norte de Goiás como o quilombo de Chapada da Natividade.

Para enriquecer nossa compreensão, utilizamos como referência alguns estudiosos da suça como Everton dos Andes, que se debruça sobre a dança da suça no Tocantins, na sua especialização denominada *Suça e Tambor: Cultura popular e identidade na construção histórica do Tocantins (2008)*, no qual focaliza a musicalidade dessa manifestação popular. Em seu trabalho, assevera:

Na oralidade o historiador pode interpretar além-sentidos semânticos das palavras codificadas no corpo das fontes documentais. A oralidade permite interpretar a fala, o silêncio, o gesto e as emoções que decretam a seletividade da memória. (Andes, 2008, p. 12).

O autor em sua pesquisa diz que dançar e cantar a suça é se reencontrar com sua ancestralidade:

O que realmente importa saber é que cantar e dançar sussa representa um momento de reencontro com as raízes e as tradições mais representativas do imaginário coletivo dessa gente. Por outro lado, dançar sussa, hoje, deve ser interpretado como uma atitude, uma postura de afirmação em relação à própria cultura. (Andes, 2008, p. 13).

Andes afirma, ainda, que a suça passou por um processo de transformação,

Isto é, a Sussa teria passado por um processo de resignificação que a tornaria diferente, nos aspectos rituais da Sussa presente no contexto africano, descrito por João Portela. No entanto, a denominação original teria sobrevivido na memória dos descendentes afro-brasileiros. (Andes, 2008, p. 13).

Outra autora que estudou a suça foi Wendy Almeida de Araújo (2013) que em sua pesquisa intitulada *Os Ritmos Tradicionais nos Tambores do Tocantins: Constituições Identitárias e Processos Culturais*. Nesse trabalho, caracteriza:

A sússia é uma dança (que dá mesmo nome ao ritmo) caracterizada por músicas agitadas ao som dos tambores fuxico, caxambu e tambor de rabo. Homens e mulheres dançam aos pares, em círculo. As letras das músicas são breves, constituindo-se, normalmente, por dois refrãos provocativos e repetidos várias vezes. A mulher dança em passos miúdos, porém graciosos e sedutores, com a mão na cintura girando. O homem, com forte sapateado, acercando-se dela, tentando dominá-la (Araújo, 2013, p. 41).

Ela fala dos ritmos e passos da suça como podemos perceber nessa citação, onde se fundamenta no site da Fundação Cultural do Tocantins:

Quando se aceleram as batidas nos tambores surge a jiquitaia, que é conhecida como um passo da sússia. Os movimentos dançados na jiquitaia lembram a retirada de formigas que “invadem” os corpos dos pares, num bailado sensual e ao mesmo tempo frenético. Alguns pesquisadores, tocadores e dançarinos afirmam que a sússia tem origem africana, pois se assemelha à tradicional umbigada. (Tocantins, 2011). (Araújo, 2013, p. 41-42).

No artigo da Tatiane Oliveira e Mariléia Oliveira (2015), intitulado “Súcia: uma dança de manifestação cultural e religiosidade em Monte Do Carmo-TO”, as pesquisadoras focalizaram sobre a dança da suça no município de Monte do Carmo, Tocantins. No artigo afirmam que:

A súcia é uma dança que se manifesta durante o giro da folia do Divino Espírito Santo. É uma espécie de brincadeira composta por homens e mulheres que em dupla, acompanhados de viola e pandeiro se divertem e divertem a população com gesto de alegria e sensualidade. (Oliveira, 2015, p.146).

O artigo apresenta a importância de sua manifestação popular para o Tocantins como patrimônio Imaterial, como podemos observar neste fragmento:

A dança da suçia insere-se dentro da cultura popular ou mais formalmente chamada como “Patrimônio Imaterial”, de acordo com Grunberg (2007), caracteriza-se pelas manifestações e expressões que os homens e a sociedade criam e, que, ao longo dos anos, vão se modificando pelas gerações futuras e adaptando-se à realidade daquele determinado povo” (Oliveira, 2015, p. 147).

Outra autora que escreveu sobre a suçã no Tocantins foi Eloísa Marques Rosa (2015), que em sua dissertação de mestrado *A Suça em Natividade: Festa, Batuque e Ancestralidade*, discorre sobre a suçã, e apresenta várias formas de escrita do termo suçã. Rosa (2015) ainda recorre à Mary Del Priori para relacionar essa expressão popular a identidade coletiva. Segundo Del Priori (1994), as festas são atravessadas pelo sentimento de identidade coletiva que desloca a realidade cotidiana para outra realidade numa experiência comum de renovação de valores e projeção de esperança. Já Rosa afirma que: “[...] o sentimento de identidade coletiva, tão importante quanto viver uma mesma realidade é sonhar os mesmos sonhos” (Rosa, 2015, p. 18).

A pesquisadora Nelzir Martins Costa (2020) que ao estudar sobre *Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) 2013: literatura e as relações étnico-Raciais na escola no quilombo de Chapada da Natividade*, discorre sobre a importância da oralidade pontuando que “em se tratando de comunidades tradicionais vai além do simples fator registro, mas de dar visibilidade aos atores e personagens vivos, invisibilizados nesses territórios.” (Costa, 2020, p. 126). A autora analisa e observa a falta de registros escritos sobre a história da comunidade quilombola de Chapada da Natividade: “A comunidade necessita do registro escrito da sua história e dos seus aspectos culturais, uma vez que muito já se perdeu e pode se perder com o falecimento dos seus anciãos.” (Costa, 2020, p. 130).

Ressalta ainda em sua pesquisa de doutorado sobre a dança da suçã, e, diz ser uma tradição na comunidade, que “a dança da Súcia ou suçã, sempre foi praticada na região e a comunidade vem envidando esforços para não deixar a tradição morrer, visto que as gerações mais velhas é que dançavam.” (Costa, 2020, p.134).

Maria de Jesus Pereira dos Santos (2002) em sua dissertação de mestrado, *Os Desafios da Atuação Docente na Comunidade Quilombola de Chapada da Natividade-TO: Colégio Fulgêncio Nunes (2012-2019)*, muito embora a suçã não seja seu objeto de

pesquisa, relaciona a importância da escola no trabalho curricular com a educação quilombola e pontua que

[...] a dança da suça, remete às origens das comunidades quilombolas do Tocantins, como uma prática cultural nos momentos de descanso do povo negro, depois de longo e árduo trabalho, o que para eles representa um momento de descontração e diversão. (Santos, 2022, p. 81).

No terceiro capítulo, a ênfase foi o trabalho com o universo das práticas da suça, na perspectiva da História Oral por meio das narrativas e representações obtidas durante as entrevistas, bem como o enfoque na reinterpretação da dança dentro do ambiente escolar. Além disso, abordou-se a leitura da memória com base nas perspectivas do sociólogo francês Maurice Halbwachs (2004) e do historiador Pierre Nora (1993). Investigamos a resistência e os saberes tradicionais, bem como a recontextualização da prática da dança por meio das aplicações de questionários a diversos grupos no espaço escolar, entre eles, os alunos, os professores e a equipe diretiva.

A partir das histórias compartilhadas por mestres, mestras e praticantes da dança da suça, buscamos compreender o significado dessa expressão cultural para o quilombo de Chapada da Natividade, no Tocantins. As análises dos questionários no espaço escolar contribuirão para o fortalecimento de uma educação quilombola voltado para a identidade dos estudantes quilombolas e para o reconhecimento dessa manifestação cultural no quilombo de Chapada da Natividade. Os questionários elaborados nesse estudo estão no anexo desta dissertação. Dessa forma, a pesquisa contribui para fomentar a história, a memória e a identidade quilombola por meio da dança da suça na comunidade.

2 A PRESENÇA AFRICANA EM GOIÁS

No contexto da economia colonial mercantilista e da escravidão, que perdurou de 1530 a 1888, quando desembarcaram nos portos do território colonial mais de 4,5 milhões de homens e mulheres africanos na condição de escravizados (Rodrigues, 2005, p. 122), data do advento da mineração, no século XVIII, a presença de uma parcela significativa deles na capitania e Província de Goiás, se bem que o projeto da colonização portuguesa de ocupação e exploração das terras brasileiras tenha iniciado no século XVI.

Distribuídos por várias regiões do território colonial, os escravizados foram parte constitutiva da atividade econômica e da produção das riquezas da Colônia durante aqueles séculos. A propósito, durante o ciclo da cana-de-açúcar, o jesuíta João Antonil (1982, p. 89) pontuou: “os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho”, base, portanto, da economia colonial açucareira.

As mãos e os pés dos escravizados percorreram léguas e enriqueceram os donos deles em garimpos de ouro, criação de gado, de produção de charque, da navegação, da construção de casas, pontes, estradas. Estiveram na construção das casas grandes, das fazendas, bem como mourejaram em santas casas, igrejas, conventos, hospitais. As formas de exploração do trabalho escravo disseminaram na estrutura socioeconômica das diferentes regiões da Colônia. Onde houvesse necessidade de trabalho, lá estava o escravizado.

Os cativos conduzidos para a Capitania de Goiás trabalharam em todas as atividades econômicas semelhantes às demais regiões do Brasil. No entanto, um número maior deles foi para as minas e, posteriormente, para as fazendas. Dividiam-se entre o trato das roças, o cultivo da terra, a construção de benfeitorias, a abertura de estradas, a derrubada de matas e ao trabalho doméstico de toda ordem (Baiocchi, 2006, p. 27).

Grande parte da historiografia afirma que os escravizados trabalhavam até a exaustão. Geralmente um cativo tinha vida útil de 10 a 11 anos de trabalho. O escravista, para extrair maior lucro, fazia-o trabalhar longas jornadas, em relações mediadas pela violência tanto física, quanto psicológica. Quando um escravizado não tinha condições de pleno trabalho, era substituído por outro, alimentando o tráfico e comércio interno de seres humanos (Gorender, 2010; Maestri, 1988; Fiabani, 2012)

O fato é que trabalho excessivo, maus tratos, doenças não curadas, acomodações precárias e fétidas, controle desmedido e vigiado por feitores despertaram reações naturalmente adversas à sanha dos senhores. Insurreições, fugas, assassinatos de senhores e feitores, sabotagem em ferramentas e máquinas, formação de quilombos (Karash, 2000) foram algumas das estratégias de resistência. Se não, tentativas desesperadas de livramento mediante atentados contra a própria vida, suicídios, abortos, infanticídios, passaram a buscar formas de negociação para obtenção de alforria.

Na Capitania de Goiás, não foi diferente. Karash (1996)⁶ localiza e relata uma dessas fugas região nos idos do século XVIII.

Três Barras, com sessenta negros que insultavam e provocavam a morte de viajantes, Tocantins, Arraias, Meia Ponte, Crixás e Paracatu (agora em Minas Gerais). Com referência aos arraiais de São Félix e Natividade, o capitão-general Marcos de Noronha (1749-55) queixou-se do grande número de índios fugidos de suas aldeias e aquilombados (Karash, 1996, p. 246).

A presença dos negros cativos em Goiás ocorreu desde que chegaram os primeiros desbravadores do ouro e das descobertas auríferas na região, em princípios do século XVIII. A formação de quilombos e a constituição de comunidades negras, também conhecidas como remanescentes de quilombos perduraram na região até hoje.

Sem aprofundar a significativa contribuição da historiografia sobre a escravidão em território de Goiás, a pretensão deste estudo restringe-se abordar a presença da população negra na formação dos quilombos e sua relação com a permanência das práticas culturais como a suça, preservada por gerações. Portanto, o objetivo principal visa examinar o significado histórico dos quilombos e sua riqueza cultural duradoura com foco particular na dança da suça. Para tanto foram pesquisados a constituição e condições da população negra em Goiás desde o período da mineração, a formação dos quilombos e das comunidades e o reconhecimento delas.

⁶ Mary Karash, historiadora norte-americana, baseia-se nas obras de Salles (1992). *Economia e escravidão na Capitania de Goiás*, e em Palacin (1995) *História de Goiás em documentos*, além das fontes documentais que aborda na pesquisa.

2.1 Populações de escravizados na capitania de Goiás

Ao tratar da população cativa no território do Goiás colonial, de suas atividades econômicas e distribuição nas diferentes localidades, entre arraiais, vilas e cidades, recorreu-se a diversos estudiosos da historiografia sobre escravidão e economia em Goiás. Sem a pretensão de esgotar a abordagem que requer o assunto, esta leitura restringiu-se a alguns dados.

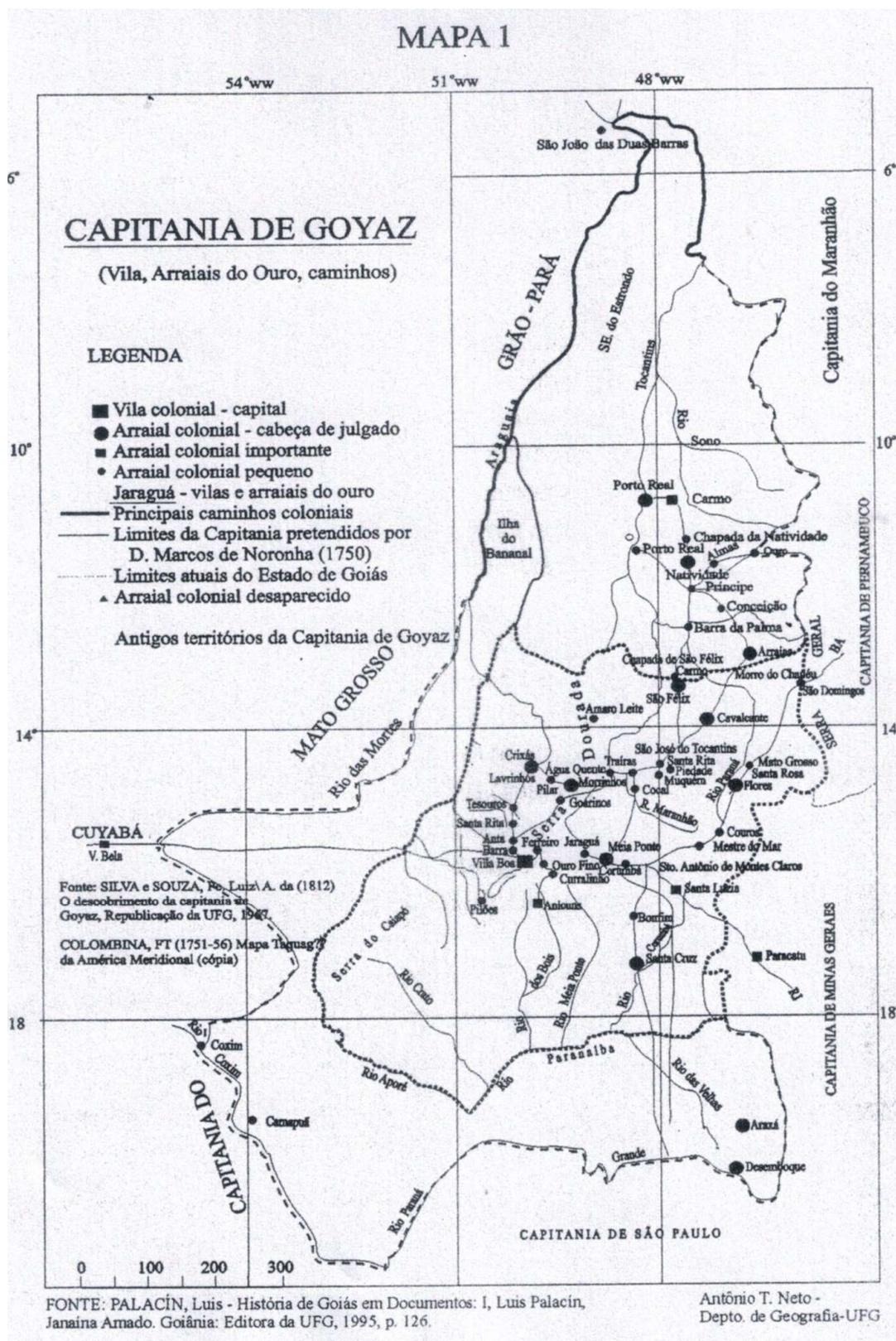
No início da mineração e das atividades auríferas nas regiões de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás na primeira metade do século XVIII marco na história da economia colonial brasileira, definiram-se os procedimentos do controle político e administrativo da Coroa portuguesa sobre a economia e a intensificação do tráfico de escravizados africanos para exploração mineral. Foi a partir de então que se intensificaram as correntes migratórias em direção ao oeste, até então pouco conhecido e inexplorado (Oliveira, 2015).

Ávidos pela exploração do ouro em rochas e leitos de córregos e rios, esses migrantes passaram a formar os primeiros povoados e arraiais, depois vilas e cidades importantes, a depender da quantidade de exploração aurífera e movimentação econômica. Concomitantemente e no mesmo contexto histórico foram ocupadas as regiões do Nordeste Paulista e do Triângulo Mineiro.

A propósito do processo e desenvolvimento da economia mineradora na Capitania de Goiás, é relevante considerar dois marcos importantes que determinaram sua ocupação: a “caça” aos indígenas e a demanda do ouro. “Do fim do século XVI até a segunda década das setecentas”, 14 bandeiras se embrenharam no interior da capitania à caça de indígenas para escravização. Não há registros da perseguição aos negros nessas expedições, o que pode não ter deixado de haver (Salles, 1992).

No mapa a seguir, estão destacados os arraiais e vilas impactados pela ocupação e desenvolvimento, oriundos da mineração. Pode-se observar as localidades da capitania de Goiás.

Figura 01: Mapa de Goiás: Vilas e Arraiais do Ouro - Séc. XVIII E XIX



Fonte: Parente, Temis Gomes. Fundamentos Históricos do Estado do Tocantins Colonial, Goiânia: EdUFG, 2007. p. 51.

A descoberta das primeiras minas de ouro em Goiás deu-se provavelmente entre 1725 e 1731 e os últimos redutos, por volta de 1746 e 1749, nos arraiais do Carmo, Santa Luzia e Cocal. A chegada dos negros foi “regular e constante, desde os primeiros anos de sua ocupação”. Em 1732, “um comboio vindo da Bahia chega ilegalmente em Meia Ponte, com alguns escravos e gado”.

Sabe-se que o primeiro comboio de negros chegou a Goiás em 7 de setembro de 1752. É desconhecido o montante de escravos, pois havia razões ponderáveis para ocultá-lo, já que o imposto de capitação e os dízimos levaram os colonos ao hábito da sonegação (Salles, 1992, p. 229).

O “pequeno arraial” de São José do Tocantins (atual cidade de Niquelândia, em Goiás) a meia légua de Traíras (atual cidade de Tupiraçaba, em Goiás), “possuía sete lavras muito produtivas, e sua população era tão atuante, que, em 1741, as empresas extrativas concentraram na região 2.666 escravos, número que continuou a crescer nos anos seguintes” (Salles, 1992, p. 75).

Em 1779, um tal capitão Domingos Antônio Cardoso fez escavações no leito de um rio obstruído para extração de ouro. “No primeiro ano trabalharam na desobstrução 60 escravos [...]. Quando se atingiu o filão do minério, constituiu-se uma sociedade exploradora, com capital de pessoas de maior posse da região arregimentando 180 trabalhadores”. Anos depois, em 1783, na região de Cavalcante, assentaram por lá “mais doze sociedades exploradoras com média de 10 escravos em cada uma, extraíndo ouro de todos os riachos e encostas dos morros [...]” (Salles, 1992, p. 122).

À mesma época multiplicaram-se os lugares para extração do ouro junto ao ribeirão de Pilar, Meia Ponte, Traíras e Amaro Leite. “Era um formigueiro em ação em que o entusiasmo se mesclava à ganância, sendo notório que os associados de posse se uniam em pequenos agrupamentos que se faziam e desfaziam ao sabor da sorte e da aventura” (Salles, 1992, p. 80). Por certo, esse “formigueiro em ação” refere-se às levas de escravizados submetidos ao trabalho nas minas.

Ainda de acordo com a autora, considerando que a mão de obra cativa em Goiás não tenha sido uma das mais numerosas do país, devido à mobilidade dessa população para regiões mineradoras mais promissoras, em que houve lugares na época em que ela foi maior que a população livre. Assim indica Salles (1992:235), em 1736, havia 10.263 trabalhadores”; no ano de 1737 já eram 13.151 trabalhadores, 2.888 a mais que no ano anterior. Salienta ainda que no ano de 1783, dos 17.613 escravizados que havia na Capitania, concentrados em Vila Boa, Crixás, Pilar e Traíras, cerca de 8.858 trabalhavam

nas minas; 6.917, nesses núcleos mais produtivas; e os restantes 1.941 subdividiam-se irregularmente pelos outros aglomerados populacionais (Salles, 1992, p. 242).

De acordo com os apontamentos de Salles, paralelo à mineração, as atividades mercantis acompanhavam o movimento das vendas de produtos alimentícios, em lojas, armazéns, boticas e tabernas, que mobilizavam o transporte de couro, açúcar, café, marmelada e trigo, nos julgados do Norte, entre os quais Natividade e Carmo. O milho e a mandioca serviam de base na alimentação, ficando restrito às fazendas e sítios.

Observando o quadro de habitantes no início do século XIX, em 1804, a população de Goiás chegou a 50.447 habitantes, dos quais 30.338 eram livres e 20.109 escravizados, 40% da população total, concentrados naquela região mencionada e em Meia Ponte, atual Pirenópolis, Santa Luzia do Sul, atual Luziânia, Cavalcante e Natividade no Norte. Se no início do ciclo do ouro “o número de negros livres era quase insignificante, 120 forros para quase 11 mil escravos, em 1804, os livres de cor representavam 77% do total da população livre” (Funes, 1986, p. 109).

Na leitura de Silva e Souza (1967) constam referências à presença de negros nas regiões e à população no início do século XIX. Em Vila Boa, atual cidade de Goiás, sede administrativa da Capitania, havia 2.637 escravos e 1.795 escravas. Sobre essas informações, Oliveira (2015) mostra a relação das atividades econômicas nas regiões de Goiás, predominantemente minerais ou agropecuárias e onde prevaleceram ambas, com o número da população de homens e mulheres livres, classificados em brancos, negros e pardos.

Tabela 01: População Escravizada em Goiás (1804)

LOCALIDADE	ESCRAVIZADOS	ESCRAVIZADAS
Meia Ponte	1356	926
Santa Luzia	768	496
Santa Cruz	324	380
Desemboque	413	247
Pilar	1307	538
Crixás	422	212
Traíras	1624	118
Cavalcante	753	456
São Félix	331	310
Arraias	232	187
Barra da Palma	304	280
Natividade	295	604
Porto Real	625	219

Fonte: Silva e Souza, Luiz Antônio da. *O descobrimento da Capitania de Goyaz: governo, população e coisas mais notáveis*. Goiânia: UFG, 1967. p. 51-61.

Tabela 02: População Escravizada no Norte de Goiás

População Capitania do Norte de Goiás (1804)															
Termos	Homens Livres						Escravos	Mulheres Livres						Escravos	Total
	Branco		Negro		Pardo			Branca		Negra		Parda			
	Cas.	Sol.	Cas.	Sol.	Cas.	Sol.		Cas.	Sol.	Cas.	Sol.	Cas.	Sol.		
NORTE															
Arraias	42	32	32	92	154	184	382	42	23	42	172	154	213	187	1751
Conceição	46	51	44	235	94	274	304	46	56	43	245	95	181	380	2094
Natividade	37	79	72	58	88	421	925	13	72	91	433	94	410	604	3397
Carmo	18	32	25	170	50	182	625	19	12	30	204	62	225	219	1873
Traíras	49	149	114	428	268	787	1624	14	160	108	650	250	802	1183	6586
Cavalcante	66	128	68	183	155	418	735	58	86	67	198	178	383	456	3179
São Félix	10	29	25	142	60	243	331	10	29	26	169	60	310	310	1754
Total	268	500	380	1.308	869	2.509	4.926	202	438	407	2.071	739	2.524	3.339	20.634

Fonte: Dados Extraídos de Funes (1986, p. 108); Silva e Souza (1874, p. 429-510)

Observa-se na referida tabela, a expressividade da população negra escravizada, no norte de Goiás⁷, no início do século XIX, atingindo mulheres e homens um total de 8.265 escravos, ou seja, quase a metade da população. Cabe destacar a presença indígena.

Comparando as duas tabelas, uma feita a partir da obra de Silva e Souza e outra a partir dos estudos de Eurípedes Funes, podemos constatar que alguns dados podem divergir. No entanto, as duas tabelas evidenciam a forte presença do negro em Goiás como referimos acima.

No ano de 1819, a população de Goiás atingia 63.168 pessoas, dos quais 36.368 livres e 26.800 escravizados, ou seja, 42,4% da população era composta de escravizados, o que possibilita entender a representatividade da população negra na região. Na segunda metade do século XIX, no ano de 1872, com a realização do primeiro censo populacional, em fins do período da escravidão e do declínio do ciclo do ouro, a região que hoje compreende o estado de Tocantins fazia parte do estado de Goiás.

No referido ano, a província de Goiás abrigava uma população total de 160.395 habitantes. Dentre esses, a maioria, ou seja, 149.743 pessoas eram consideradas livres. Essa categoria abrangia brancos, indígenas e negros que haviam sido libertados da

⁷ Importante lembrar a divisão das comarcas do Sul e do Norte de Goiás foi um procedimento administrativo, fiscal e judiciário, ocorrido em 1809, dividindo a capitania de Goiás em duas Comarcas: a Comarca de Goiás localizava-se no Sul, e a Comarca de São João das Duas Barras ficava na repartição norte. Em 1819, a cidade de Vila Boa, localizada na Comarca de Goiás, foi elevada a capital da capitania por ordem de D. João VI, quando então recebeu o nome de Cidade de Goiás (Vieira, 2014).

escravidão. No entanto, ainda existiam 10.695 pessoas vivendo em condição de escravidão (Funes, 1986, p. 115).

Os dados demográficos de 1872 ilustram a complexa composição étnica e social da região, mostrando a coexistência de pessoas de diferentes origens e situações sociais. É importante destacar que posteriormente, em 1988, o estado de Tocantins foi criado a partir da divisão de Goiás, tornando-se uma unidade federativa independente.

Ao observar mais pesquisa de Mari Baiocchi, realizada em 2006, focou-se no povo Kalunga em Goiás, especialmente na região nordeste do estado. Essa pesquisa teve como objetivo principal estudar a história e a formação das comunidades de remanescentes de quilombos Kalunga, contribuindo assim para o reconhecimento e a compreensão dessas comunidades (Funes, 1986, p. 116).

Durante esse período, muitos escravizados fugiram das unidades de trabalho nas minas, buscando liberdade e autonomia na região. Esses fugitivos formaram comunidades negras vigorosas, que mais tarde seriam conhecidas como as comunidades Kalunga. Essas comunidades eram compostas por descendentes de escravos que conseguiram escapar da escravidão e estabeleceram uma forma de vida independente.

Em sua pesquisa sobre os Kalungas, em Goiás, a historiadora Mari Baiocchi (2006) pontua que a chegada dos africanos e seus descendentes na região de Goiás inserem-se no movimento das bandeiras e do processo minerador, no século XIX onde ocorre “movimento migratório dos mineiros, baianos em busca de terras para lavoura e pastagens para ao gado” (Baiocchi, 2006, p. 28).⁸

Em Goiás, a chegada dos africanos e seus descendentes

[...] inicia-se com as bandeiras colonizadoras e segue no movimento minerador, continuando, mais tarde, no século XIX, no movimento migratório dos mineiros, baianos e outros, em busca de terras para lavoura e pastagem para o gado (Baiocchi, 2006, p. 28).

⁸ Destacamos aqui que o trabalho de pesquisa de Mari Baiocchi contribuiu para o reconhecimento das comunidades Kalunga como remanescentes de quilombos, enquanto grupos que preservaram suas tradições culturais e históricas, reconhecidos como parte importante da herança afro-brasileira. Além do que a pesquisa ajudou a documentar a história das comunidades Kalunga, seu papel na resistência à escravidão e na formação da cultura afro-brasileira na região, contribuindo para o alcance do reconhecimento oficial como remanescentes de quilombos, o que lhes confere direitos específicos de preservação cultural e territorial, de acordo com a Constituição Brasileira e a legislação relacionada à questão quilombola. Este ponto aprofundaremos em outro capítulo da presente pesquisa.

Quanto à mineração⁹, os arraiais ou centros de atividades começaram pelo sul da Capitania e avançaram mais para o Norte com a criação das “Minas do Tocantins”, bem como os arraiais citados na tabela que remonta ao século XVIII.

Tabela 03: Primeiros Arraiais do Ciclo do Ouro no Antigo Norte de Goiás

Arraiais do antigo norte de Goiás (Tocantins)	Ano	Cidades do Tocantins que corresponde aos arraiais do antigo norte de Goiás
São Luís	1734	Natividade
Chapada dos Negros	1734	Arraiais
Chapada da Natividade	1740	Chapada da Natividade
Conceição do Norte	1741	Conceição do Tocantins
São Miguel	1743	Almas
Carmo	1746	Monte do Carmo
Porto Real e Porto Imperial	1751	Porto Nacional
Duro e São José do Duro	1751	Dianópolis
Pontal	Não consta	Porto Nacional

Fonte: Tabela produzida pela autora, com base em dados Nascimento, Júnior Batista do. *Conhecendo o Tocantins: História e Geografia*. Goiânia: Asa Editora, 2007, p.14.

A tabela acima foi retirada da obra do pesquisador Junior Batista do Nascimento (2007, p. 14), com o objetivo de mostrar ao leitor o ano da fundação das localidades e qual nome antigo corresponde às respectivas denominações atuais para situar a pessoa que lê no tempo e no espaço.

2.2 Goiás pelo olhar dos viajantes

Além dos dados estatísticos oficiais a respeito da constituição e distribuição da população escravizada e livre na Capitania e Província de Goiás, cabe salientar os registros curiosos e relevantes dos viajantes estrangeiros, assim como dos agentes do governo provincial que passaram pelo Goiás na coleta de informações sobre as condições de vida das populações, a economia, as atividades sociais e culturais dos arraiais e vilas.

Na leitura de Garcia (2010, p. 69) o Brasil Central era uma das regiões desconhecidas, sendo Goiás “a província mais desconhecida e isolada”. Aponta a autora um conjunto de viagens empreendidas ainda no governo de D João VI, com o intuito de

⁹ As primeiras regiões mineradoras do norte goiano de acordo com Gilka Salles, Juciene Apolinário datam da década de 1730 a 1750. Salles, Gilka V. F. *Economia e escravidão na Capitania de Goiás (1992)*; Palacin, Luiz et al. *História de Goiás em documentos (1995)*; Apolinário, Juciene Ricarte. *Escravidão Negra no Tocantins: vivências escravistas em Arraiais (1739-1800) (2007)*.

estabelecer as fronteiras da capitania, entre os anos de 1848 e 1888. Além das viagens de interesse administrativo, as visitas por viajantes estrangeiros à região Central do Brasil foram bem mais numerosas do que as realizadas por estudiosos nacionais. Pontua a autora que os viajantes estrangeiros, em sua maioria naturalistas, atenderam os objetivos científicos, e as viagens dos brasileiros apontaram “em direção à ideia de nação”, numa tentativa de mudar o lugar da província no conjunto da nação”¹⁰. Numa afirmação de Garcia “estava visível o desejo de civilização” (Garcia, 2010, p. 69).

Quanto à presença dos viajantes estrangeiros, sabe-se das contribuições dos seus estudos e relatórios deixados sobre o território nacional, impressões das regiões e detalhes das populações e grupos, como os registrados pelos alemães Spix e Martius que também passaram pela província de Goiás. Sem o intuito de abarcar todos os viajantes que relataram sobre Goiás, destacamos na sequência alguns apontamentos sobre a presença da população escrava no cotidiano das localidades visitadas.

Em 1809, ao passar pela Capitania de Goiás, John Mawe¹¹ relata que o comércio, notadamente com o Rio de Janeiro, era muito rudimentar: “mulas voltam carregadas de sal, ferro, estampados de algodão e munição de chumbo, e diversas ferramentas de artífices”. Os mais abastados também investiam “na compra de negros” (Mawe, 1978, p. 195).

O viajante francês August de Saint-Hilaire¹² passou por Goiás, ainda no início do século XIX, precisamente em 1819. Entre muitas passagens, informou que os fazendeiros não gostavam de confiar “as funções de vaqueiro a escravos, porque os que as exercem vivem ordinariamente longe das vistas do senhor”. Para conduzir as boiadas, sobretudo

¹⁰ Destacam-se os nomes indicados pela autora, tais como: o juiz de direito Vicente Ferreira Gomes (1859); o Visconde de Taunay (1875); o presidente da província de Goiás Leite Morais (1881); Couto de Magalhães (1862, (Garcia, 2010).

¹¹ John Mawe nasceu em Derbyshire, Inglaterra, em 1764. Naturalista, mineralogista e comerciante de minerais dedicou-se por quinze anos a viagens marítimas com fins científicos e comerciais. Depois de ter explorado minas na Inglaterra e na Escócia, em 1804 seguiu em viagem pelo Rio do Prata, aportando inicialmente em Cádiz e depois de ter o seu navio retido, além dos obstáculos que enfrentou na guerra entre Inglaterra e Espanha pela disputa do comércio colonial. Em 1805 chegou ao Brasil um pouco antes da família real portuguesa se transferir para a colônia americana. Realizou diversas escalas no Sul, tendo alcançado Santa Catarina em 1807. No Rio de Janeiro foi recebido por d. João VI e com o apoio de d. Rodrigo de Sousa Coutinho, o conde de Linhares, foi o primeiro estrangeiro a obter permissão para visitar as jazidas das Minas Gerais e outras regiões do interior entre os anos de 1809 e 1810.

¹² Auguste François Cesar Prouvençal de Saint-Hilaire nasceu em 1779 na cidade de Orléans na França. Chegou ao Brasil em 1816 acompanhando a missão extraordinária do Duque de Luxemburgo, com a aprovação do Museu de História Natural de Paris e o financiamento do Ministério do Interior para realizar seus estudos e mandar amostras da flora local para os museus da França. Em sua passagem pelo Brasil fez observações sensíveis e minuciosas sobre a natureza nas antigas províncias da região sudeste, à épocas praticamente intocadas pela civilização. Também recolhia informações sobre o uso que os brasileiros faziam das plantas na medicina e alimentação, enriquecendo seus relatos com detalhes da cultura, geografia e antropologia dos lugares, assim, transportava o leitor para dentro de sua viagem.

para a Bahia, eram escolhidos “brancos, mulatos e pretos, também índios que com este trabalho procuravam ter algum lucro”. De fato, e preferencialmente, os escolhidos eram os pretos, porque conduzir tropas era uma atividade penosa, durava muitos dias e pernoites sem conforto algum, uma vez que, para os donos, eles não eram confiáveis para cuidar das fazendas (Saint.Hilaire, 1975, p. 313-317).

De passagem pela Capitania de Goiás, nos anos 1819 e 1820, o médico austríaco Johann Emanuel Pohl visitou dezesseis (16) fazendas e relata.

A capitania divide-se em duas comarcas: a Comarca do Sul ou Vila Boa, que, além de Vila Boa, compreende os arraiais de Crixá, Pilar, Meia Ponte, Santa Luzia, Santa Cruz e outras, e a Comarca do Norte, ou vila de São João da Palma, a que pertencem os arraiais de Porto Real, Natividade, Conceição, Trairas, Arraias, São Félix, Cavalcante, Flores e outros (Pohl, 1976, p. 122).

Com a mineração em declínio, homens livres e cativos rumaram para as fazendas criatórias de gado, cavalos, cabras e ovelhas. De passagem pelo engenho de Dona Feliciano encontrou “várias choupanas de negros”. Na fazenda “muito bem instalada” do juiz ordinário Severiano, “a residência é simples, mas solidamente edificada, é rodeada pelas cabanas de escravos”. Na região central de Goiás, na Serra Garo, encontrou “oito choupanas de barro, onde vivem negros que extraem ouro da argila”. Na fazenda Santa Maria ou Zacarias, apenas “um negro cuida dos rebanhos a ela pertencentes, os quais pastam nos campos” (Pohl, 1976, p. 115-268).

Na lista dos empreendedores de viagens encontramos o brasileiro Raimundo José da Cunha Matos¹³, em sua viagem de abril a junho de 1823 do Rio de Janeiro a Goiás, percorreu diversas regiões do norte de Goiás, incluindo Natividade e Porto Imperial, além de outras localidades importantes da época. Durante essa jornada, ele fez observações significativas sobre a situação econômica, social e demográfica dessas regiões, bem como sobre as condições dos escravos que ali viviam.

Em suas anotações, Cunha Matos mencionou que no Engenho de Santo Isidoro encontrou poucos escravos, todos eles idosos e enfrentando problemas de saúde. Isso sugere que a região já não estava tão próspera quanto em tempos passados, visto que existiam poucos escravizados e, na maioria, doentes, impossibilitados de trabalhar. Por

¹³ Um repositório de informações sobre a referida província, sendo considerado um dos mais completos e ainda hoje não superados estudos a respeito do assunto, fonte indispensável para todos aqueles que pretendem investigar a história de Minas Gerais. Propôs, em 1838, junto com o cônego Januário da Cunha Barbosa a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, numa assembleia composta por vinte e sete membros fundadores. Foi agraciado oficial da Imperial Ordem do Cruzeiro e comendador da Imperial Ordem de Avis.

outro lado, no Engenho Palmital, ele desfrutou de uma recepção calorosa, com comodidades adequadas, indicando que este engenho ainda estava em funcionamento e mantinha boas condições.

No entanto, Cunha Matos lamentou o declínio populacional em lugares como o Arraial do Pilar (atual Pilar de Goiás, GO) onde observou uma queda acentuada no número de habitantes em comparação com anos anteriores. Ele atribuiu isso, em parte, ao declínio da atividade de mineração na região, que outrora empregava muitos escravizados.

Essas observações se repetiram no Arraial de Arraias, em que notou a pobreza dos habitantes. Em tempos passados, esse arraial chegou a ter de 419 (Silva e Souza, 1967) a 569 (Funes, 1986) cativos envolvidos na mineração, mas a atividade mineradora estava em declínio, abandonando as escavações desgastadas do Ouro Podre, do Córrego Rico e do Ribeirão das Arraias.

A viagem de Cunha Matos e suas anotações proporcionam uma visão importante das condições econômicas, sociais e da escravidão na região norte de Goiás no início do século XIX. Suas observações ajudam a compreender melhor a dinâmica da época, os desafios enfrentados pela população e o declínio da atividade mineradora na região. Sobre a festa do Império e do Reinado, manifestou-se.

As casas do arraial (Arraias) estão cheias de gente, e aqueles indivíduos que não acham alojamento debaixo de telha, têm armado toldos e barracas pelos matos contíguos, onde ressoam inumeráveis violas, pandeiros e vários instrumentos bárbaros. [...] Às 9 horas da noite apareceram na praça do arraial doze cavaleiros nem bem-vestidos, nem bem montados, os quais fizeram umas carreiras de encamisados pelas pedregosas ruas, e na praça da igreja do arraial. Estes cavaleiros eram brancos e pardos das melhores famílias do julgado. Imenso povo, e eu com ele, aplaudimos muito o bom desempenho dos encamisados. Às 10 horas apresentaram-se vestidos inteiramente de branco, doze pretos, e outras tantas pretas ou homens vestidos como mulheres, cantando e tocando em paus, cabaços e pandeiros em louvor de N. Sra. do Rosário, e assim correram por vezes as ruas e praças do arraial que se achava inteiramente iluminado (Cunha Matos, 2004, p. 173).

Um destaque importante foi a indicação da festa do Espírito Santo, na narrativa do autor, como sendo uma antiga celebração religiosa que ocorria em diversas regiões do Brasil, constituindo parte importante da cultura afro-brasileira e da cultura popular como um todo. No contexto mencionado, o evento ocorreu em 6 de junho de 1824. A festa envolveu uma série de rituais e tradições que mesclam elementos da religião católica com influências africanas e indígenas, sendo significativa nas comunidades tradicionais e

quilombolas, como as mencionadas na pergunta anterior sobre as observações de Cunha Matos.

Há uma forte conexão com a comunidade, no aspecto da solidariedade e generosidade. Em muitos casos, a coroa do Divino Espírito Santo é o centro da celebração. Ela é empossada a uma pessoa escolhida pela comunidade para representar o Espírito Santo durante a festa. Esta coroa é levada em procissões e visitas a casas da comunidade, onde são realizados orações, cantos e distribuição de alimentos e presentes. O evento é uma forma de expressar a fé religiosa, a devoção e a unidade da comunidade. Além disso, a festa do Espírito Santo frequentemente inclui elementos da cultura africana, como músicas, danças e comidas tradicionais, que enriquecem a celebração com influências culturais profundas, tal como acontece no quilombo de Chapada da Natividade.

Como uma festa popular, constitui um exemplo de expansão da cultura negra e sua diversidade nas regiões do Brasil, presente de forma singular nas comunidades quilombolas e de afrodescendentes. No comentário de Cunha Matos, referente ao evento da festa do Espírito Santo ocorrido em 6 de junho de 1824, destaca que sem informações adicionais, fica difícil oferecer detalhes específicos sobre a celebração em particular. Indica que seria necessário consultar fontes históricas específicas para obter mais informações sobre sua realização naquela data

Ainda no comentário do autor sobre a festa na data indicada:

Desde a madrugada ninguém se entendia no arraial; homens e mulheres a cavalo vinham dos lugares mais distantes para assistirem a grande festa! Músicos tocando rebecas corriam as ruas, e outro tanto faziam os pretos com seus pandeiros e paus dentados; o burburinho durou até às 10 horas, e então se tocou a chamada para se formar uma Companhia de Infantaria, Guarda de Honra do Imperador, o qual ao meio-dia saiu em grande estado da casa de Jerônimo Caldeira: o Menino Imperador mui alvo, louro, galante, e vestido com muito asseio, marchava dentro do quadrado feito de quatro varas, levando a coroa na cabeça e cetro na mão direita. O que servia de alferes-mor conduzia a Bandeira; o condestável, a Espada do Estado, e o camareiro-mor levavam a Cauda da Capa ou o Manto Imperial, que era uma coberta de damasco (Cunha Matos, 2004, p. 174).

Relacionando a festa como base de leitura¹⁴, encontramos a dança da suça como uma expressão fortemente presente e em destaque. Assim remetemos compreender a

¹⁴ Todos os indícios indicam que a suça é de origem afro-brasileira, pois ela sempre foi dançada por pessoas negras, apresentam características do tambor, que é um instrumento originário da África, ela tem movimentos circulares muito semelhantes com os tambores de roda e o samba. Isso nos leva a crer que não é uma dança europeia e sim uma dança com raízes africana. Desde que viemos morar no Tocantins, vimos a suça majoritariamente composta de pessoas negras, com instrumentos muito parecidos com os usados no

dança da suça, com suas raízes profundas na cultura africana trazida ao Brasil pelos escravizados, ao tornar-se uma expressão popular na preservação da herança cultural afro-brasileira. Ela representa muito mais do que apenas uma dança; é uma manifestação de identidade, da resistência da comunidade.

Ainda no conjunto dos viajantes, temos o botânico inglês George Gardner¹⁵ visitou Goiás entre 1839 e 1840. Na fazenda Mato Virgem região do São Jose Duro, atual cidade de Dianópolis no Estado do Tocantins, registrou o descaso dos senhores para com seus escravos. “Nunca vi em parte alguma do Brasil escravos tão miseravelmente vestidos como aqui. [...] Um dos escravos era um velho de mais de cem anos, inteiramente cego, o que não o impedia de trabalhar o dia inteiro em peneirar farinha”. Na Missão do Duro calculou que havia “umas duzentas e cinquenta almas [...] a maior parte dos habitantes seja de puro sangue índio, há alguns mestiços de pretos, geralmente escravos fugidos, que ali se vieram estabelecer entre os primeiros”. Na Vila de Almas havia “cerca de oitocentos, negros e mulatos em maior parte, e mestiços destes com índios. O juiz de paz, um preto crioulo, não sabia ler nem escrever” (Gardner, 1975, p. 152-154), nem todos eram escravizados. Em Vila de Natividade ficou impressionado com a conduta moral dos padres.

Era um velho de mais de setenta e quatro anos de idade, natural de Santos, na Província de S. Paulo e primo do célebre José Bonifácio de Andrada e Silva. Embora bem-educado e de gênio humano e benévolo, deixou após si uma família de meia dúzia de filhos de suas próprias escravas, os quais, com as mães, deixados em cativeiro, foram vendidos depois, com outros bens para pagar as dívidas do morto (Gardner 1975, p. 158).

O arraial da Conceição, atual cidade de Cavalcante, localizada no estado de Goiás, no Brasil, de acordo com Gardner (1975), naquela época, tinha cerca de cem pessoas como população. Além disso, destaca que a maioria dos residentes era composta por negros e mulatos, com poucos brancos. Isso é significativo porque reflete a demografia da região e ressalta a importância da população afrodescendente na história e na cultura local. Cavalcante, além de sua relevância demográfica, é conhecida por sua rica história, belas paisagens naturais e presença de comunidades quilombolas, como os Kalunga, que

tambor de crioula, no samba de roda, os tambores muito parecidos com os que eram produzidos no continente africano, e, essas evidências ressaltam que é uma dança com influências do continente africano.

¹⁵ O naturalista escocês George Gardner (1810-1849) esteve no Brasil entre 1836 e 1841, dedicando-se especialmente à exploração de áreas de cerrado e caatinga no interior do país. Estabeleceu contato direto com dois povos indígenas: os Xokó da Ilha de São Pedro (Rio São Francisco, divisa entre Sergipe e Alagoas) e os Akroá da Missão do Duro (norte da então província de Goyaz, sul do atual estado do Tocantins).

desempenharam um papel importante na resistência à escravidão e na formação da cultura afro-brasileira na região.

As observações dos viajantes sobre a população escravizada e as informações fornecidas por eles são de grande relevância para a compreensão da história e da cultura das regiões do norte de Goiás, que incluem áreas que hoje fazem parte do estado de Tocantins. Os relatos dos viajantes oferecem pontos valiosos sobre a demografia da região na época, destacando a presença predominante de negros e mulatos¹⁶, que ajuda a reconhecer a influência da população afrodescendente na formação dessas comunidades.

No entanto, em relação a festas ou práticas culturais que envolvam danças entre o povo negro, os relatos específicos dos viajantes podem não ser abundantes ou detalhados. Todavia é importante lembrar que as tradições culturais, como a dança da suça ou outras práticas de origem africana, frequentemente eram transmitidas oralmente e podem não ter sido detalhadas nos registros dos viajantes.

Por outro lado, podemos considerar que a presença das festas e danças, como uma prática recorrente nas comunidades, vilas e cidades de uma forma geral desempenhou um papel crucial na preservação de tradições religiosas e culturais, mesmo que não fossem descritas, documentadas ou narradas de forma explícita, pelos diversos viajantes que percorreram o território de Goiás.

De todo modo, é possível identificar informações e pistas sobre a identificação na composição étnica das populações locais e da presença significativa da cultura africana nessas regiões. Essas informações podem ajudar a traçar conexões históricas e culturais entre o passado e o presente, destacando a ancestralidade da cultura afro-brasileira e a continuidade das práticas culturais ao longo do tempo (Gardner, 1975).

2.3 Leituras do pós-abolição em Goiás

Os anos que antecederam a evento da Abolição, em 1888, foram marcados por intensos debates que se confrontavam a respeito do futuro dos cativos, defendido pelos

¹⁶ O termo mulata ou mulato é problemático. A palavra de origem espanhola vem de “mula” ou “mulo”: aquilo que é híbrido, originário do cruzamento entre espécies. Empregado desde o período colonial, o termo era usado para designar negros de pele mais clara, frutos do estupro de escravas pelos senhores de engenho. Tal nomenclatura tem cunho machista e racista. A adjetivação é uma memória triste dos 354 anos de escravidão negra no Brasil. Extraído do livro em pdf Quem Tem Medo do Feminismo Negro? Autora: Djamila Ribeiro, página 94. <https://professor.pucgoias.edu.br/sitedocente/admin/arquivosUpload/4069/material/Quem%20Tem%20Medo%20do%20Feminismo%20Negro%20-%20Djamila%20Ribeiro.pdf>

abolicionistas e parte da população livre contra a resistência dos proprietários e fazendeiros, que não admitiam simplesmente perder o “bem” em que tinham investido, sem receber indenização do Governo Imperial. Foram anos em que se intensificaram atos de resistência, fugas, formação de quilombos, sobretudo na região cafeeira do Sudeste.

Até 1888 vigorava a Lei de Terras de 1850 que proibia a apropriação de terras por ocupação, mas tão somente por compra e venda. Evidentemente, os negros libertos, mestiços e brancos pobres estavam diante de um impeditivo estrutural. “Para se tornar proprietário de terras, haveria de ser muito endinheirado, se bem que imigrantes europeus tenham recebido concessões” (Ribeiro, 2019, p. 10).

Como sabemos a liberdade concedida aos cativos não se traduziu necessariamente em acesso às instituições políticas e aos direitos civis e sociais, ou minimamente a alguma condição de cidadania. Houve muitos que permaneceram nas mesmas propriedades onde trabalharam como escravizados, negociando condições de trabalho e acesso à terra como trabalhadores livres. De fato, o trabalho continuava essencial para a produção econômica da sociedade de economia agrária exportadora. Mas as relações entre ex-senhores e libertos foram marcadas por embates e conflitos, o que despertava temor do poder público de que a libertação em massa gerasse um caos social (Pereira, 2015, p. 104).

Na zona rural onde houve imigração europeia, o negro competia de forma desleal com os brancos, seja porque estes eram preferidos, seja porque aos negros sobrava voltar a trabalhar para os antigos “proprietários”, em terras próprias ou viver em comunidades negras. No processo dos ajustes sociais, nas estratégias de sobrevivência muitas levadas consideráveis de negros rumaram para os arredores dos centros urbanos dando origem ao que hoje se chama favela, comunidade, quebrada.

Silva (2011, p. 263) relata que os destinos dos libertos após a Abolição foram variados, conforme apontado por Rios e Mattos (2004; 2005; 2007). Houve também o caso dos que migraram para outras regiões, “apostando na mobilidade territorial como benesse da conquista da liberdade”. Assim sem direito à moradia, ao emprego, à educação, os libertos adentraram a República e continuaram sem reparação, sem cidadania, à margem do desenvolvimento socioeconômico cujos reflexos se fazem sentir até hoje. Livres, mas desvalidos, resistiram a seu modo à opressão em busca de alternativas.

Na leitura do antropólogo Kabengele Munanga (1999) a condição do negro pós-abolição no Brasil foi marcada pela discriminação racial, pelo desejo do branqueamento e pela dificuldade de definir sua identidade. Em sua obra *Rediscutindo a mestiçagem no*

Brasil: identidade nacional versus identidade negra, afirma que o mito da democracia racial e a ideologia do embranquecimento impediram o reconhecimento da diversidade étnica e cultural do país e a valorização da contribuição africana para a formação nacional.

Por outro lado, Beatriz Nascimento (2018), afirma o quilombo expressou uma forma de resistência e liberdade do negro pós-abolição, que não se limitou ao território geográfico, mas também ao simbólico, na medida em que o negro exerceu o direito ao espaço que ocupa, afirmando que sua história é outra, diferente daquela contada pelos brancos ou pelos não negros.

Numa leitura crítica, a escritora e ativista social Djamila Ribeiro (2018) em sua obra *Quem tem medo do feminismo negro?*, aborda a condição do negro pós-abolição com uma análise crítica profunda. Ela argumenta que, apesar do fim formal da escravidão, o racismo estrutural persistiu e se manifestou de maneiras subtis e institucionais na sociedade brasileira. Ribeiro discute como a abolição não trouxe uma efetiva inclusão dos negros na cidadania plena, mas sim uma transição para formas veladas de opressão e marginalização, como exclusão econômica, a criminalização da população negra e a construção de estereótipos raciais.

Em Goiás, a notícia da abolição chegou sem surpresa em 13 de maio de 1888, pois o desgaste e o advento da República pressionavam pela promulgação de tão arcaico sistema de relação produtiva, frente ao capitalismo moderno e de base industrial. Assinala Palacin (2008), que em toda a extensão da província foram libertos cerca de quatro mil negros, número insignificante numa população que ultrapassava 200 mil habitantes (Palacin, 2008, p. 122-123).

Depois de proclamado o evento da Abolição da Escravatura em 1888, Goiás, assim como outras partes do Brasil, passou por uma série de desafios relacionados à integração dos libertos na sociedade como cidadãos livres. Embora a Lei Áurea tenha concedido a liberdade formal, como apontado por Silva (2011), muitos libertos enfrentaram dificuldades significativas, uma vez que não receberam indenizações, terras ou apoio substancial para iniciar suas vidas como cidadãos livres.

No contexto da República, a situação dos negros libertos em Goiás era complexa. O estado tinha uma economia agrária baseada em atividades como a mineração, a agropecuária e a produção de alimentos, e muitos libertos tinham sido anteriormente envolvidos nessas atividades como escravos. Com a abolição, eles estavam em uma posição desfavorável, pois não tinham acesso a terras ou recursos para se sustentarem de maneira independente.

Além disso, como mencionado por Palacin (2008), o número de negros libertos em Goiás era relativamente pequeno em comparação com a população total, o que significava que sua influência na sociedade era limitada. A falta de moradia, emprego e acesso à educação também representava sérios obstáculos para sua plena integração na sociedade.

No decorrer da República, o estado de Goiás enfrentou desafios econômicos e sociais significativos, e a população negra livre continuou a lutar por direitos e oportunidades. O processo de libertação dos cativos na região refletiu as tensões e desigualdades sociais presentes na sociedade brasileira como um todo. A situação dos libertos em Goiás e no Tocantins (antigo norte de Goiás) como em outras partes do Brasil é uma parte importante da história social e econômica do Estado e contribuiu para a formação da sociedade goiana e tocantinense contemporânea.

Destacamos que durante o período colonial e imperial, a formação de quilombos foi uma resposta significativa à escravidão em Goiás. Assim como em outras partes do Brasil, os quilombos representavam comunidades de escravizados fugitivos e seus descendentes que buscavam refúgio e liberdade nas áreas remotas e de difícil acesso do estado. Palacin (2008) informa que os quilombos em Goiás eram notáveis pela sua resistência e autonomia.

Um dos mais conhecidos foi o Quilombo Kalunga, já mencionado anteriormente. Os Kalunga, descendentes de escravos que fugiram das minas da região, estabeleceram comunidades quilombolas nas áreas montanhosas do Norte de Goiás, incluindo o município de Cavalcante. Eles mantiveram suas tradições culturais, suas línguas, suas práticas religiosas e suas formas de organização social ao longo dos anos.

Outros quilombos também existiram em diferentes partes de Goiás, como o Quilombo dos Timbira, Quilombo do Almeida, entre outros. Essas comunidades eram locais de resistência à escravidão e ao domínio colonial e imperial. Eles não apenas representaram a busca pela liberdade, mas também foram importantes para a preservação da cultura africana e a formação da cultura afro-brasileira em Goiás.

Hoje, essas comunidades quilombolas desempenham um papel fundamental na preservação das tradições culturais e na luta pela preservação de suas terras e direitos. A formação dos quilombos em Goiás é uma parte essencial da história da resistência negra e da construção da identidade cultural afro-brasileira no estado (Palacin, 2008, p. 122-123).

2.4 As comunidades remanescentes no Tocantins

Cem anos após a Abolição, o Brasil viu nascer uma nova Constituição à custa de ampla participação da sociedade brasileira, no ano de 1988. Foi proposta e aprovada a emenda do movimento negro sobre a titulação das terras dos quilombos, em especial, o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias que garante às comunidades remanescentes de quilombos o direito à titulação das suas terras: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (Brasil, 1988).

“Remanescente de quilombo” é um termo que compreende terras cuja posse pressupõe distintas origens. As comunidades remanescentes de quilombos de hoje se originaram de várias matrizes, de antigos quilombos à época da escravidão. São terras doadas pela Igreja e ordens religiosas, terras compradas pelos cativos e libertos, – resultado do trabalho em dias de folga – terras devolutas, terras de fazendas falidas, terras doadas pelos próprios fazendeiros em troca de cuidados na velhice, terras de indígenas, terras doadas pelo Estado em troca de serviços guerreiros, terras de assentamentos pelo Incra, entre outras (Fiabani, 2015).

Com o fim da escravidão, os quilombos deixaram de existir como entidades oriundas das contradições da sociedade escravista, de refúgio e resistência dos escravizados contra sua apropriação e força de trabalho por seus donos (Fiabani, 2005, p. 26).

No novo contexto, com novas determinações, as comunidades negras rurais remanescentes de quilombos, confundidas com redutos de libertos, treze de maio, ex-cativos etc., passaram a ser designadas e a autodesignar-se por diversas denominações – rincões, reduto, arraial, vila etc. uma realidade que, nas primeiras décadas após a abolição, não despertou o interesse sistemático das ciências sociais brasileiras. Somente após a Constituição de 1988, cresceu significativamente o interesse por essas comunidades (Fiabani, 2005, p. 27).

Fiabani indaga: O que vem a ser quilombo e remanescente de quilombos? Quilombo era formado por cativos fugidos, mas não se confunde com comunidade remanescente de quilombo. O quilombo deixou de existir com o fim da escravidão. O termo “remanescentes de quilombos”, empregado na Constituição, diz respeito às comunidades negras formadas antes e depois de 1988, quando ficou conhecido. (Fiabani, 2005).

A Constituição Federal de 1988 também estabelece que essas comunidades têm direito à preservação de sua cultura e tradições, bem como à proteção de seus valores, crenças e práticas, direitos esses garantidos no artigo 215. Garanti-los é imprescindível à proteção dos direitos humanos e à promoção da igualdade racial no país. No entanto, tais tarefas ainda são um desafio, considerando, a princípio, a batalha jurídica em que estão imersas muitas comunidades quilombolas pelo reconhecimento de seus direitos de posse, propriedade e titulação de suas terras.

Além dos artigos 68 e 215 da Constituição, a lei 7.668/88 dispõe sobre o registro dos remanescentes de quilombos, que deve ser assentado no Livro de Registro Geral de Imóveis e a lei 9.649/98 trata da regularização fundiária das terras ocupadas por remanescentes de quilombos.

Antes de 1988, as comunidades remanescentes de quilombos não eram conhecidas nem chamadas assim, não existia essa categoria. Eram as “comunidades de pretos”, “terras de pretos” (Almeida, 2009, p. 12), “os pretos de determinado lugar”, “comunidades negras rurais”¹⁷ (Arruti, 1998, 2002; Maestri, 2005; Pires; Oliveira, 2006; Fiabani 2007; Lopes, 2020, p. 38).

Estima-se que em todo o território nacional haja mais de quatro mil comunidades negras rurais. Segundo a Comissão Pró-Índio de São Paulo, (CPISP)¹⁸, no Tocantins, há 33 terras quilombolas, que não significam necessariamente comunidades quilombolas (CPISP, 2023)¹⁹. Há comunidades com mais de uma terra, bem como duas ou mais comunidades em uma única gleba de terra,

Nesta seção (Observatório Terras Quilombolas), estão disponíveis para consulta os resultados do monitoramento dos processos de regularização de terras quilombolas em curso nas Superintendências Regionais do INCRA e das titulações efetivadas pelo governo federal e pelos governos estaduais (CPISP, 2023).

¹⁷ De acordo Lopes as “comunidades remanescentes de quilombos”, “quilombolas”, “comunidades negras rurais” são constituídas pelos descendentes dos escravos negros que, no processo de resistência à escravidão, originaram grupos sociais que ocupam um território comum e compartilham características culturais.

¹⁸ Verificar o site <https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/observatorio-terras-quilombolas/quilombolas-brasil/>

¹⁹ Segundo a CPISP, as comunidades remanescentes de quilombos do Tocantins são: Água Branca; Baião; Barra do Aroeira; Boa Esperança; Carrapato, Formiga e Ambrósio; Chapada da Natividade; Claro, Prata e Ouro Fino; Cocalinho; Córrego Fundo; Currálinho do Pontal; Dona Juscelina; Fazendas Kaagados e Lagoa dos Patos; Grotão; Ilha de São Vicente; Kalunga do Mimoso; Laginha; Lagoa da Pedra; Lajeado; Malhadinha; Manoel João; Margens do Rio Novo, Rio Preto e Riacho; Mata Grande; Matão; Mumbuca; Pé do Morro; Povoado do Prata; Projeto da Bavieira; Redenção; Rio das Almas; Santa Maria das Mangueiras; São João; São Joaquim; e São José.

Tabela 04: Comunidades Quilombolas do Tocantins Certificadas pela Fundação Cultural Palmares

QUANTIDADE DE QUILOMBOS	MUNICÍPIO	DENOMINAÇÃO DAS COMUNIDADES
02	Almas	Baião e Poço Dantas
02	Aragominas	Projeto da Baviera e Pé do Morro
01	Araguatins	Ilha São Vicente
04	Arraias	Lagoa da Pedra, Fazenda Lagoa dos Patos, Fazenda Kágados, Kalunga de Mimoso
04	Brejinho de Nazaré	Córrego Fundo, Malhadinha, Curralinho do Pontal e Manoel João
02	Chapada da Natividade	Chapada da Natividade e São José
02	Conceição do Tocantins	Matões e Água Branca
01	Dianópolis	Lajeado
01	Dois irmãos do Tocantins	Santa Maria das Mangueiras
03	Esperantina	Carrapiché, Ciríaco e Prachata
01	Filadélfia	Grotão
01	Jaú do Tocantins	Rio das Almas
01	Lagoa do Tocantins/Novo Acordo/Santa Tereza do Tocantins	Barra da Aroeira
08	Mateiros	Mumbuca, Ambrósio, Carrapato, Formiga, Margens do Rio Novo, Rio Preto, Boa Esperança e Riachão
01	Monte do Carmo	Mata Grande
01	Muricilândia	Dona Juscelina
01	Natividade	Redenção
04	Paraná	Kalunga de Mimoso, Claro, Ouro Fino e Prata
01	Ponte Alta do Tocantins	Lagoa Azul
02	Porto Alegre do Tocantins	São Joaquim e Lajinha
01	Santa Fé do Araguaia	Cocalinho
01	Santa Rosa do Tocantins	Morro do São João
01	São Félix do Tocantins	Povoado do Prata

Fonte: Santos, 2022, p. 47-48.

Com o declínio do ouro uma parte dos cativos voltou com seus donos para as regiões ainda produtivas de ouro no Brasil como Minas Gerais. A outra parte foi incorporada nas atividades da agropecuária. Vale ressaltar que já havia atividades de pecuária e agricultura em Goiás e que muitos escravizados estavam empregados nesses trabalhos.

Esses cativos ficaram trabalhando até a abolição da escravidão ou quando conseguiam suas alforrias, se tornavam negros livres, e, logo em seguida deram origem as comunidades negras como ocorreu em todo o Brasil. Essas comunidades se originam de antigos quilombos, como por exemplo, Palmares, comunidades que se formaram de fazendas falidas, de terras de ordem religiosas ou da Igreja, se formaram em terras

indígenas ou receberam terras em troca de participação em guerras, como no caso a comunidade de Barra da Aroeira, em Santa Tereza do Tocantins. Há várias matrizes formadoras de comunidades negras, estas são algumas (Fiabani 2005).

Distribuídas pelo Estado de Tocantins, existem outras comunidades tradicionais conhecidas. comunidade Redenção, em Natividade, formada por 24 famílias somando 82 habitantes que habitam moradias feitas de adobe e palha. Devotada às celebrações religiosas do Divino Espírito Santo, da Folia de Reis e da Festa do Menino Deus, cultuam rituais como a tradição de erguer e baixar o mastro. Mais da metade dos habitantes já deixou a comunidade em busca de melhores condições de vida nas cidades e fazendas ao redor. A principal fonte de renda é a agricultura com cultivo de feijão, mandioca, milho e hortaliças em solo pouco fértil (Silva; Zitzke, 2022, p. 325).

Às margens do Rio Manoel Alves, no município de Dianópolis, fica a comunidade do Lajeado, certificada em 2010. Habitam-na 14 famílias, descendentes de antigos escravizados refugiados estabelecidos em quilombos. Falta-lhe ainda a titulação do território (Silva; Zitzke, 2022, p. 325-326).

A comunidade Kalunga do Mimoso é bastante populosa, abriga cerca de mil habitantes de 230 famílias. Apesar do nome Mimoso, o território pertence ao município de Arraias, esse território, reconhecido como remanescentes de quilombo em 2005, antigamente chamado de Kalunga, que é separado apenas por um rio de Goiás. Cultuam-se ali as festas religiosas, bem ao modo tradicional com dança da suça e tudo, ocasião em que as mulheres evoluem em círculos, pés na areia e garrafas com água na cabeça, arriscam as mais ousadas (Silva; Zitzke, 2022, p. 322-323).

Outra comunidade quilombola denominada Dona Juscelina fica na zona urbana de Muricilândia. Em 24 de março de 2010 foi certificada pela Fundação Cultural Palmares como remanescente de quilombo (Lopes, 2020, p. 57-58).

Os moradores da comunidade quilombola Grotão, na zona rural do município de Filadélfia, são descendentes de escravizados vindos de Lunarda. As lembranças e histórias contadas sobre a escravidão, fuga e chegada à região remetem à década de 1860, quando lá chegaram no final de 1865 e início de 1866, quando nasceu Emídia, filha de Lunarda (Lopes, 2020, p. 55-56).

A comunidade quilombola Cocalinho, fica no município de Santa Fé do Araguaia. Em 20 de janeiro de 2006 foi certificada como remanescente de quilombo. Preserva-se nela a chamada dança do lindô, ou simplesmente lindô, dançada em pares em número suficiente ao espaço disponível (Lopes, 2020, p. 54-55).

A comunidade negra rural da Lagoa da Pedra, próxima do município de Arraias, tornou-se “pioneira entre as quinze comunidades reconhecidas [...] como quilombola, no Estado do Tocantins” (Teske, 2008, p. 59-60), reconhecimento esse comprovado mediante estudos notadamente da tradição oral transmitida de geração para geração, uma vez que não há registros escritos sobre a origem e desenvolvimento da comunidade (Teske, 2008, p. 49).

Consta da origem da comunidade de Mumbuca, na região do Jalapão, a ação conjunta de negros e índios, como bem assinala a autora que, ainda falte aprofundamento dos estudos das fontes escritas sobre a comunidade que comprovem isso (Santos, 2020, p. 18).

Outra comunidade remanescente de quilombos é a Comunidade Morro São João, no município de Santa Rosa do Tocantins, a qual foi reconhecida em 17 de janeiro de 2006 pela Fundação Cultural Palmares e cujas terras ainda não foram tituladas.

A comunidade da Barra da Aroeira, próxima do município de Palmas, não se originou da fuga de escravizados, mas de negros forros que participaram da Guerra do Paraguai. As terras, no norte de Goiás, foram doadas pelo Imperador D. Pedro II como reconhecimento da participação de Félix José Rodrigues, o herói da Barra, na guerra. Em 1867, ele se alistou no corpo dos “voluntários da Pátria” a fim de proteger seu filho, conquistar sua alforria e tornar-se um homem livre. Localizada nos municípios de Lagoa do Tocantins, Novo Acordo e Santa Teresa do Tocantins, a comunidade foi reconhecida em 17 de janeiro de 2006 e as terras parcialmente tituladas em 29 de julho de 2021.

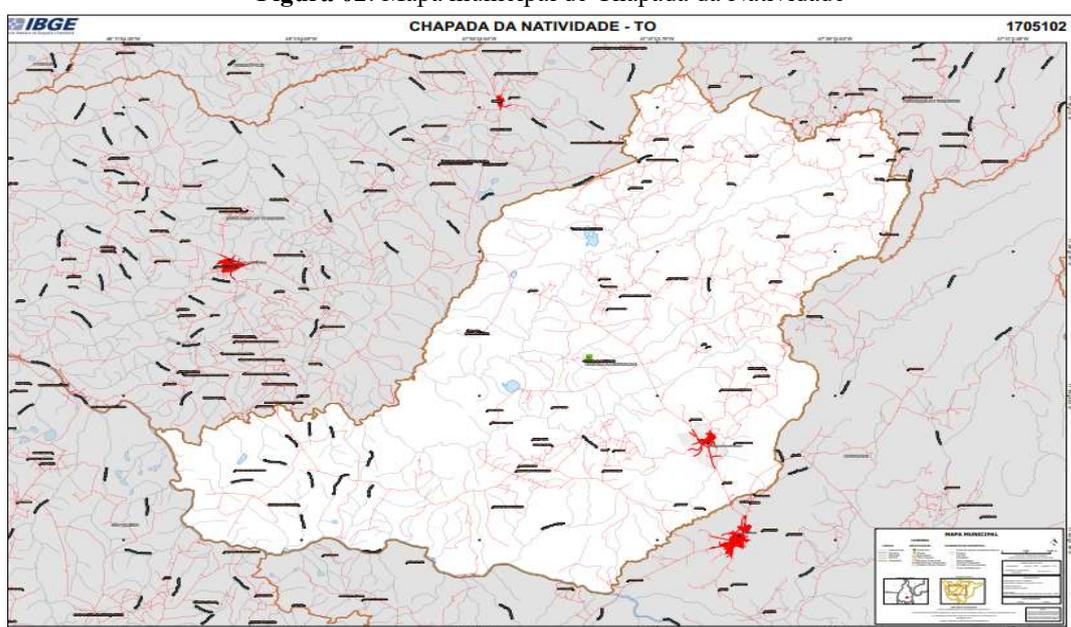
Segundo relatos das pessoas mais velhas da comunidade Malhadinha, no município de Brejinho de Nazaré, sua origem data da vinda de Esmenga àquela região. Trazida da Bahia para Porto Nacional por Frederico Lemos, também conhecido coronel Dirico, prestava-lhe serviços como escravizada mesmo depois de 1888. Revoltada, ela fugiu para onde hoje vive a comunidade Malhadinha. O local escolhido era protegido por morros e próximo do Rio Tocantins, o que lhe permitia deslocar-se pelo rio ou por trilhas junto a serra. Com o tempo, Esmenga conheceu um andarilho que passava pela região e com ele formou uma família. São os descendentes dessa família que hoje reivindicam as terras na condição de remanescente de quilombo.

A comunidade negra Mata Grande pertence ao município de Monte do Carmo, foi reconhecida em 30 de abril de 2009 pela Fundação Cultural Palmares, mas ainda não titulada. “Em 1804, foram registrados 840 cativos” em Monte do Carmo, se bem haja duas hipóteses sobre essa fixação humana.

Uma hipótese é de que escravos fugidos dirigiram-se para a região na época da mineração e foram recebendo novos integrantes após o fim do ciclo do ouro. A outra hipótese é de que escravos foram abandonados à própria sorte e que encontraram, na região, terra livre e fértil para a sobrevivência. A segunda hipótese é a mais provável (Fiabani et al., 2011, p. 109).

No final do século XVIII, os quilombolas, descendentes de escravizados fugidos, construíram suas casas perto do posto de contagem²⁰ de Chapada da Natividade. Sobreviveram cultivando pequenas lavouras e atraíram outros moradores. O município com o mesmo nome abriga hoje duas comunidades quilombolas: São José, na zona rural, e Chapada da Natividade, na urbana²¹.

Figura 02: Mapa municipal de Chapada da Natividade



Fonte: IBGE - Município de Chapada da Natividade – Tocantins. 2022

O arraial, hoje Chapada da Natividade, surgiu durante a terceira década do século XVIII, quando da descoberta de ouro. Garimpeiros, comerciantes, senhores, escravizados africanos, apareciam e desapareciam atraídos pela disponibilidade dos veios de ouro. As capitânicas do Grão-Pará – hoje os estados do Pará e Maranhão–, de Pernambuco e de São Paulo competiam pelo controle da mineração. Em 1773, a Coroa portuguesa determinou

²⁰ A expressão “contagem” foi usada pela primeira vez em Minas Gerais, para designar o posto de fiscalização no Ribeirão das Abóboras, que deu origem a atual cidade de Contagem, naquele Estado. Entretanto, foi em Goiás que houve a maior quantidade delas. Em Chapada, o posto de contagem era denominado Contagem de Chapada da Natividade, mencionado em 1812 pelo Padre Luís Antônio da Silva Sousa //www.chapadadanatividade.to.gov.br/

²¹ O município com o mesmo nome abriga hoje duas comunidades quilombolas: São José, na zona rural, e Chapada da Natividade, na urbana <https://www.chapadadanatividade.to.gov.br/>

que as minas no alto do Rio Tocantins passassem à administração da Capitania de São Paulo.

Chapada de Natividade foi reconhecida como comunidade remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares, em 17 de janeiro de 2006, se bem as terras que a compreendem ainda não foram tituladas pelo Incra.

Figura 03: Comunidade Remanescente de Quilombo de Chapada da Natividade – Tocantins



Fonte: Arquivo pessoal da autora - 2018. Quilombolas na Igreja do Rosário dos Pretos para uma sessão de fotos.

A comunidade São José, localizada no município de Chapada da Natividade, foi certificada em 2005. Cerca de 54% dos seus habitantes contam com alguma fonte de renda; 67% deles trabalham como agricultores e 33% são aposentados; 25% das famílias têm renda inferior a um salário-mínimo e 75%, mais que isso. Metade da população é beneficiada pelo programa social Bolsa Família. Há muitas moradias ainda sem eletricidade e os serviços básicos de saneamento. Além disso, a demografia da comunidade revela que cerca de 60% são crianças e jovens, 49% são mulheres e 61% são homens. Esses números podem ter implicações importantes para o desenvolvimento da comunidade, especialmente em termos de acesso à educação, saúde e oportunidades de emprego. (Silva; Zitzke, 2022, p. 324).

A dificuldade preponderante de que padecem os pesquisadores interessados em registrar a história das comunidades negras é a “falta” de documentos, seja sobre a escravidão no Norte de Goiás bastante dispersa, seja pela falta de arquivos organizados que concentrem documentos relativos ao período colonial e imperial do Brasil. Em geral estão distribuídos em arquivos na Bahia, Pernambuco, Goiás, Rio de Janeiro e Portugal.

No final do século XX, as comunidades quilombolas passaram a receber mais atenção do poder público, haja vista a atuação da Fundação Cultural Palmares a partir de 1995. Há muito que fazer, no entanto. Elas continuam lutando pela posse, demarcação e titulação de suas terras, a propósito. Trata-se de uma luta por direitos constitucionais, não por favores ou benesses políticos ou coisa que o valha.

No início do capítulo, foram abordadas as evidências concernentes à presença da população afrodescendente em Goiás, embasadas nos relatos de historiadores, viajantes e outros estudiosos. Além disso, apontou-se em pequenas passagens a condição dos negros no período subsequente à abolição da escravatura, sendo também destacadas algumas narrativas relativas às comunidades remanescentes de quilombos.

Tais comunidades, de fato, desempenham um papel fundamental na preservação e transmissão da herança cultural afrodescendente na região do Tocantins. Como desfecho, foi possível inferir que o Estado de Goiás e o Tocantins (antigo norte de Goiás) testemunhou uma presença significativa da população negra ao longo de sua história. No cenário contemporâneo, essas comunidades afrodescendentes se configuram como espaços propícios para a perpetuação e difusão da manifestação cultural conhecida como a dança da suça, a qual se erige como objetivo central subjacente a presente investigação acadêmica.

3 QUANDO RUFAM OS TAMBORES NO QUILOMBO: SUÇA, UMA DANÇA QUILOMBOLA

A referência aqui utilizada "quando rufam os tambores no quilombo: a suça, uma dança quilombola, trata em especial, de “ouvir” o som e o batuque da suça nas comunidades do Tocantins que possui essa prática, como em Morro São João, no município de Santa Rosa, no Quilombo Lajeado, na cidade de Dianópolis, quilombo Kalunga de Mimoso, no município de Arraias, na comunidade Baião em Almas ou na comunidade Chapada da Natividade, no município de mesmo nome, na região sudeste do Tocantins, permitindo observar as raízes da dança da suça, como uma tradição cultural. A intenção é apresentar exemplos de comunidades que vivenciam a dança da suça.

Figura 04: Na imagem podemos observar em destaque os tambores de suça e em cima os chapéus dos tocadores



Fonte: Emerson Silva, 2021.

De forma mais ampla, os estudos sobre essas comunidades remanescentes de quilombos, entre outras, revelam a prática da dança nos momentos festivos que remontam à formação histórica das populações de escravizados, no território do antigo norte de Goiás, em localidades que hoje pertencem ao estado do Tocantins.

Para iniciarmos esse capítulo buscaremos dialogar com a história das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Tocantins, com o objetivo de visualizar a dança da suça e sua importância, trazendo uma breve apresentação a partir dos estudos que localizam a prática da suça, como manifestação cultural inerente às histórias construídas, utilizando narrativas de entrevistados no quilombo de Chapada da

Natividade, porém é no terceiro capítulo que será mais explorada as entrevistas dos brincantes de suça nessa comunidade.

3.1 A Suça: tradição afro-brasileira nas comunidades do Tocantins

A Constituição brasileira de 1988 traz em seu artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), os direitos territoriais às comunidades remanescentes de quilombos, e em seu artigo 215, assegura a todos, a plena realização de aquisições culturais, bem como o acesso às transmissões da cultura nacional, em promover e estimular o reconhecimento e a disseminação das expressões culturais. Ainda em seu parágrafo primeiro diz: “O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e de outros grupos participantes do processo civilizatório Nacional” (Brasil,1988).

Figura 05: Dança da Suça



Crédito: Emerson Silva 2021.

Nesse contexto, encontramos a prática da suça nas comunidades de remanescentes de quilombo, em regiões do antigo norte goiano, hoje Tocantins, como marcada por um momento de ressignificação em sua manifestação cultural, antes “despercebida” ou “invisibilizada”, e que vem ganhando destaque a partir da lei mencionada. Quando se diz que a dança da suça era uma manifestação cultural “invisibilizada” que sofreu com o processo de “apagamento”, é importante mencionar a visão discriminatória do viajante o

juiz de Direito Virgílio Martins de Mello Franco que em sua visita ao norte da província de Goiás, especificamente em São João da Palma (atual município de Paranã), assim se referiu à dança praticada pelos habitantes:

[...] Em geral trajam ellas saias de chita de cores vivas e camisas de cassa com muita renda, por entre a qual transparecem todos os contornos do corpo. Apreciam muito a dansa, porém a mais comum é a que executa-se ao som do tambor, e que chamam cachambús. Essa dansa, porém, nada tem de elegante nem artística, ao contrário, grosseira e brutal como todas as cousas africanas, e consiste em uns tregeitos e gatimanhos mais ridiculos, por certo, do que as vira-voltas e cabriolas que o rei David executou dansando atraz da arca da alliança' de Obedon a Bethlém. (Franco, 1876, p. 55).

Possivelmente a dança referida pelo juiz possa ser identificada como os primórdios da dança da suça, pois as características citadas no trecho se assemelham há alguns aspectos dessa expressão cultural que atualmente se encontra em comunidades tradicionais e em muitos quilombos, como na comunidade de remanescentes de quilombo Chapada da Natividade. Pela leitura, fica explícito que as manifestações culturais de comunidades negras eram mal vistas pela elite e ou autoridades da época.

Nesse aspecto, pontuamos a manifestação do racismo e do preconceito e sua permanência em nossa sociedade até os nossos dias, na forma estudada pelo filósofo Silvio Almeida (2019) na fundamentação sobre o racismo estrutural, na interconexão de racismo, ciência e cultura: “[...] Por certo o folclore, os “lugares comuns”, os “chistes”, as piadas e os misticismos são importantes veículos de propagação do racismo, pois é por meio da cultura popular que haverá a naturalização da discriminação no imaginário social” (Almeida, 2019, p. 69).

Almeida (2019, p. 71) aponta que, no século XX, no período do Estado Novo, o discurso socioantropológico da democracia racial brasileira desempenhou uma função importante em que a cultura popular e ciência se relacionam num sistema de ideias que atribui sentido amplo para as práticas racistas já presentes no dia a dia.

Continuando, Silvio Almeida (2019, p. 74) expõe que “a permanência do racismo exige, em primeiro lugar, a criação e a recriação de um imaginário social em que determinadas características biológicas ou práticas culturais sejam associadas a raça”.

A filósofa Djamila Ribeiro (2019, p. 70-71), afirma que “o interesse pela cultura de certos povos não caminha lado a lado com o desejo de restituir a humanidade de grupos oprimidos. Assim, muitas pessoas que consomem cultura negra não se preocupam com as mazelas que a população negra vive no país”. Assim, as comunidades de remanescentes de quilombo não é uma exceção, quando falamos de racismo, preconceito. Nessa

perspectiva podemos incluir a narrativa histórica, predominantemente centrada na concepção colonizadora e ignorância em relação à cultura negra.

A quilombola Helena de Almeida Araújo, de 53 anos e integrante do Grupo de Suça Dona Maria, da Associação Quilombola Visão de Águia, da comunidade quilombola Chapada da Natividade, em seu relato diz:

Em Chapada, eu ouvi... é, ..., eles falar assim, né, que suça é para velho, não é para jovem, que..., assim né, que..., desfazendo da dança da suça, né. Que é muito feio, que pergunta se a gente não tem vergonha de tá dançando lá ao público não? Aí, até hoje, eu ouço mesmo o pessoal falar. Tem hora que põe até a gente pra baixo né, porque..., a gente vai, porque gosta né, e, aí você vai e ouve uma fala dessa! Coloca a gente pra baixo. Pois é bem aqui em Chapada mesmo.

O jovem quilombola Elton Avelino Ferreira de 21 anos, da comunidade quilombola de Chapada da Natividade, que já pertenceu ao grupo de suça Tia Zezinha do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes quando era estudante, é folião, vivenciou essa manifestação cultural fortemente fora e dentro da comunidade, e, em sua narrativa afirma:

Sim, sim, já presenciei, já fiz foi defender a dança da suça. Já ouvi muitas pessoas falando que isso é “bestagem”, isso é coisa de “macumba”, que é “macumbaria” e tal, e, dói muito pra gente que é um preservador da cultura escutar isso!

A jovem quilombola Erlany Miranda dos Santos, 21 anos, acadêmica do curso de Educação Física na Universidade Federal do Tocantins, Campus de Miracema integrante do Grupo de Suça Tia Zezinha, no quilombo Chapada da Natividade, discorre sobre o preconceito em relação a dança da suça:

Porque eu me lembro que..., quando a gente dançava súcia, é, tinha aquela questão também do preconceito né. É, quando a gente ia dançar na sua casa, ah, já vai as baianas, não sei o quê..., como ser baiano fosse..., é..., algo ruim né, na mentalidade deles, porque a gente usava os turbantes e tal. E eu, como tava tranquila, que minha consciência tinha o conhecimento da cultura, eu não tinha essa preocupação de ser chamada de baiana e tal. Mas as vezes a gente ia resolver alguma coisa, estava vestida na roupa e as meninas falavam que não, não quero sair no meio de gente não, porque o povo vai ficar atentando a gente, fazendo gracinha e tal. E eu: gente, mas é o que a gente escolheu né. É a nossa cultura. Se a gente que é a nova geração que está vindo, não representar essa cultura, quem é que vai representar né, quem é que vai dá continuidade...

Percebemos que as manifestações culturais afro-brasileiras sofrem com o racismo estrutural, no esforço de atingir a saúde mental daqueles que preservam suas raízes ancestrais. Há uma tentativa de tornar essas expressões culturais do povo negro “invisível”, porém, há resistência por meio dos coletivos, grupos, associações, que levam adiante, mesmo com todas as dificuldades que enfrentam suas tradições.

Djamila Ribeiro (2019) esclarece que:

É importante que se tenha uma preocupação real em não desrespeitar os símbolos de outras culturas. Para isso, deve-se nutrir empatia pelos diversos grupos existentes na sociedade, um processo intelectual que é construído ao longo do tempo e exige comprometimento: quando eu conheço uma cultura, eu a respeito. Então é essencial estudar, escutar e se informar. (Ribeiro, 2019, p. 72).

Em várias comunidades quilombolas a tradição da dança da suça tem sofrido impactos com a chegada de igrejas evangélicas, igrejas pentecostais, e na comunidade remanescentes de quilombo Chapada da Natividade não é diferente. Historicamente, as comunidades quilombolas é local de resistência e de preservação de suas tradições afro-brasileiras, porém, esses territórios viram-se diante de uma diminuição de quilombolas que antes participavam da suça, sendo introduzidos no protestantismo.

Ricardo Mariano²² (2001) discorre em sua crítica em relação ao pentecostalismo:

A religião pentecostal incumbe-se, então, do papel de fornecer-lhes novas comunidades, disciplina, valores adequados à vida nos centros urbanos, segurança psicológica e econômica [...]. Quanto mais avançado for o deslocamento geográfico e o desenraizamento cultural da população de origem rural e, quanto mais desenvolvida a industrialização e urbanização, tanto maior será a expansão pentecostal (Mariano, 2001, p. 51).

Porém, é importante destacar que essas transformações, não se aplica a todos os quilombos, pois mesmo com a presença de igrejas evangélicas, comunidades pentecostais, muitos quilombos mantêm suas tradições culturais. Contudo, a introdução do protestantismo nos quilombos, tem diminuído gradualmente o número de participantes dessa manifestação cultural, como ouvimos narrativas na comunidade de Chapada, que saíram adultos, adolescentes do grupo de suça para fazerem parte das igrejas evangélicas.

Voltando nosso olhar para a dança da suça como uma manifestação secular afro-brasileira presente no antigo norte de Goiás (Tocantins) desde o período da exploração do ouro, podemos afirmar que suas origens ascendem a constituição da população de africanos escravizados na região, que perdurou nas comunidades remanescentes de quilombos no Tocantins, marcadas por uma combinação de influências culturais que refletem a diversidade étnica e histórica do país.

A pesquisadora Eloísa Marques Rosa define a dança da suça assim:

A dança da Suça, também chamada de súcia, sussa, sússia, tem suas origens nos “batuques” afro-brasileiros, heranças da escravidão e da exploração do

²² MARIANO, Ricardo. *Análise sociológica do crescimento pentecostal*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2001.

ouro no estado de Goiás. A presença dessa dança marca as culturas do norte de Goiás e Tocantins e amplia o entendimento das danças brasileiras (Rosa, 2015, p. 60).

Nesse aspecto, a suça como dança de influência afro-brasileira, se apresenta também em festividades religiosas de tradições europeias, mais especificamente portuguesas, como podemos observar no festejo do Divino Espírito Santo e em outras festas da Igreja católica. Acredita-se que essa dança tenha surgido durante o período colonial por meio dos africanos escravizados trazidos pelos colonizadores portugueses que, ao longo do tempo, misturou-se e compôs parte dos festejos do catolicismo tradicional, ganhando espaço de forma paulatina em eventos externos.

Nessa leitura, a suça nas comunidades está fortemente ligada às festividades religiosas tradicionais do catolicismo principalmente nos calendários de festividades de santos e outras comemorações, tendo seu lugar de destaque. Na percepção da pesquisadora Rosa (2015, p. 22) assim pontuada em que “a presença da dança negra inserida nesse contexto festivo do Brasil Colonial, havendo uma rede de relações entre a Igreja, negros escravizados, indígenas, elite e escritores que se sucediam em diferentes micros contextos e grandes tensões”.

Os pesquisadores Zitzke e Reis (2020), pontuam que no cenário em que as festas contavam com a presença dos negros ou as festas de negros, “assumiram um papel histórico, político e religioso demarcado de ceticismo e ideologias anticristãs, onde as danças realizadas possuíam um caráter religioso ligado às suas ancestralidades”. Nessa perspectiva, a suça resistiu para dar continuidade a essa tradição na comunidade.

Outro ponto observado está em considerar que as comunidades quilombolas da região do norte goiano, também podem ter contribuído para a forma como a suça se desenvolveu no Tocantins. Muitas vezes, as tradições culturais são passadas de geração em geração nas comunidades, mantendo-as vivas e incorporando novos elementos ao longo do tempo. Nesse sentido, Rosa (2015), discorre:

Essas lembranças das gerações passadas, que coadunam com o espaço e suas construções sociais, podem associar-se ao conceito de Memória Coletiva, como propõe Halbwachs (2012). Para ele, a memória de um grupo de pessoas, tipicamente passadas de uma geração para a outra, cuja identidade é parte integrante do sentimento ligado ao passado, constitui a Memória Coletiva. (Rosa, 2015, p.19).

Assim, a suça nas comunidades do Tocantins é passada pelos mais velhos aos mais novos, apesar das dificuldades de encontrar crianças e jovens que queiram participar de grupos e ou coletivos, que tem como objetivo a perpetuação dessa manifestação

cultural. Falaremos mais, adiante, no próximo capítulo sobre essa problemática nas narrativas dos entrevistados da comunidade de Chapada da Natividade. Podemos perceber a importância dessa manifestação cultural para os praticantes das comunidades de remanescentes de quilombo, a partir de suas narrativas, que demonstram o valor, o pertencimento e ancestralidade.

Dessa maneira, a dança da suça é uma expressão forte que resiste e está enraizada nas raízes, tradições das comunidades e que buscam fortalecer a ancestralidade, o pertencimento desse ou daquele quilombo. Na leitura de Beatriz Nascimento (2021, p. 166), o “quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural”, constituindo um elemento de empoderamento dos quilombolas dessa região.

3.2 Suça: dança negra nas festividades das comunidades remanescentes de quilombo

Como já pontuado anteriormente, a história da suça remonta aos tempos da escravidão, no território do antigo norte goiano, atual Tocantins. Sua presença em algumas comunidades quilombolas faz-nos refletir sobre a força dessa prática secular, mas também desperta a curiosidade de sua permanência até os nossos dias.

Nesse tópico trataremos brevemente sobre algumas comunidades quilombolas do Tocantins que tem como uma de suas expressões culturais, a dança da suça. São elas a comunidade Morro São João, na zona rural do município de Santa Rosa, a comunidade Baião no município de Almas, comunidade de Lajeado, localizado na zona rural do município de Dianópolis, o quilombo Kalunga de Mimoso, no município de Arraias e a comunidade de Chapada da Natividade, situada na cidade do mesmo nome. Essas comunidades foram escolhidas por situarem em regiões próxima a comunidade de Chapada da Natividade e vivenciarem a dança da suça. Não pretendemos aprofundar os sentidos e expressões da dança, pois o nosso foco é a suça na comunidade de Chapada da Natividade, que iremos explorar no terceiro capítulo.

Iniciaremos pela comunidade Morro São João, em Santa Rosa. Nesse local, entre as manifestações culturais, acontece o ritual dos Congos na Festa das “Santas Almas Benditas”, sempre no dia 2 de novembro. Na referida festa que constitui o momento que a suça se faz presente na comunidade e região. Há o envolvimento de todos que participam desse festejo.

Figura 06: Quilombolas do Morro de São João celebram Dia de Finados com festa para antepassados. Santa Rosa – TO.



Fonte: TV Anhanguera - 2017

Nos estudos da pesquisadora Nayara Kalline Cândido dos Santos (2020), observamos no fragmento abaixo em que ela se refere ao ritual do congo, que comenta sobre a suça no quilombo Morro São João:

O paradigma da tradição masculinizada de dançadores de Congo foi quebrado no ano de 2019, quando, na falta de homens suficientes para dançarem o ritual, o Mestre dos Congos do Quilombo Morro São João se viu na situação de convidar mulheres pertencentes ao quilombo, conhecedoras também da tradição, a serem, além de dançadoras de tambor e de sussa, agora também de congo. (Santos, 2020, p. 76).

Assim observamos que a suça está presente no Morro São João, no ritual do Congo, nas festividades do catolicismo tradicional, onde a comunidade vivencia experiências de pertencimento da herança de seus ancestrais.

Outra comunidade que tem essa tradição é a comunidade Baião, em Almas, Tocantins. A suça se apresenta nas festividades religiosas, sendo a expressão da raiz afro-brasileira com sua forma peculiar de os brincantes dançar, cantar e tocar os instrumentos. É possível perceber o sincretismo religioso, que acontece na mistura das religiões de matriz africana com a do catolicismo tradicional.

No Protocolo de Consulta da Comunidade Quilombola Baião (2022, p. 06) da Associação dos Remanescentes de Quilombola da Comunidade Baião, podemos ver que é mencionada a dança da suça:

Nosso convívio coletivo é marcado pela religiosidade cultuada por meio de festejos, do acolhimento das folias do Divino Espírito Santo, Nossa Senhora do Rosário, reza de terços devocionais. Temos um grupo de Dança da Sussa dentro do quilombo composto por mulheres e homens de todas as faixas etárias, há convivências e trocas de saberes entre as pessoas mais velhas e mais novas.

Dessa forma observamos que na comunidade Baião, a dança da suçã está presente nos festejos dos santos, nos pousos das folias, além de terem um coletivo dessa manifestação cultural, onde, crianças, jovens, adultos e idosos participam, assim promovendo o fortalecimento das tradições culturais, como a suçã.

Figura 07: Grupo Jiquitaia- Almas, Tocantins



Fonte: almastocantins.blogspot 2017

Podemos discorrer sobre a manifestação cultural da suçã no quilombo Lajeado, em Dianópolis, dança afro-brasileira que se encontra na comunidade, e que faz parte da ancestralidade, identidade do povo negro dessa região e que, em festas, momentos de colheitas, são vividos pelos brincantes. De acordo com Wendy Almeida de Araújo (2013):

A sússia é uma dança (que dá mesmo nome ao ritmo) caracterizada por músicas agitadas ao som dos tambores fuxico, caxambu e tambor de rabo. Homens e mulheres dançam aos pares, em círculo. As letras das músicas são breves, constituindo-se, normalmente, por dois refrãos provocativos e repetidos várias vezes. A mulher dança em passos miúdos, porém graciosos e sedutores, com a mão na cintura girando. O homem, com forte sapateado, acercando-se dela, tentando dominá-la. (Araújo, 2013, p. 41).

Figura 08: Dança da suça ou jiquitaia – coletivo da comunidade quilombola Lajeado, Dianópolis – TO.



Fonte: Foto: Divulgação/Secult – Secretaria de Cultura – 2021

A pesquisadora quilombola dessa comunidade, Laurenita Gualberto Pereira Alves (2021), declara em sua dissertação que: “Com a roda de sússia, por exemplo, as pessoas que aprenderam a dançar não deixam morrer essa cultura afrodescendente. Os remanescentes da Comunidade costumam fazer a roda de sússia em diversos momentos e lugares” (Alves, 2021, p. 71). Em Lajeado, a dança da suça envolve pessoas de diferentes idades, desde crianças até idosos. Nessa realização da expressão cultural é possível observar aspectos da cultura local em sua dinâmica e diversidade.

Na sequência destacamos a Comunidade Kalunga do Mimoso, situada no município de Arraias. As festividades religiosas em Kalunga do Mimoso são realizadas durante o ano, onde podemos ver, por exemplo, a suça na Folia de Santos Reis, festejo importante no calendário religioso dos quilombolas daquela localidade. Na maioria dos festejos, após as devoções aos santos, os brincantes dançam a suça entre outras danças.

Figura 09: Comunidade Kalunga do Mimoso, Arraias – TO.



Fonte: Foto divulgação Ascom – Seduc – Assessoria de Comunicação da Secretaria da Educação e Cultura do Tocantins. 2021

Uma importante fonte de diversão para a comunidade são as festas religiosas. Estas festas que são o ponto culminante da integração entre os membros da comunidade. A dança também é importante como lazer. A súcia é uma dança típica da comunidade Kalunga, onde as mulheres giram em círculos arrastando os pés na areia. Há também algumas mais ousadas dançam com garrafas na cabeça (Lima, 2018).

O Instituto Sociedade, População e Natureza²³ (2020) discorre sobre a manifestação cultural da dança da suçã na comunidade Kalunga do Mimoso em Arraias, Tocantins:

Com seus antepassados, aprenderam sobre as culturas africanas, como a Suça. Com dança, saias rodadas, cantos, viola, tambor e pandeiros, esta manifestação cultural marca festejos religiosos, colheitas e folias dos povoados. No ritmo da Suça, na organização comunitária, na diversidade alimentar e no legado de seus antepassados, eles e elas encontraram os caminhos para a liberdade.

Por fim, e em destaque, temos a comunidade de Chapada da Natividade, que no próximo capítulo trataremos com maior atenção e análise sobre as narrativas e dados de inserção e representação da suçã. A suçã nessa comunidade como nas outras mencionadas

²³ Ver em <https://ispn.org.br/cultura-e-forca-kalunga/#:~:text=Com%20dan%C3%A7a%20saia%20rodada%20cantos,cultura%20alimentar%20de%20seus%20antepassados.>

nessa unidade, está fortemente ligada às festividades religiosas tradicionais do catolicismo. No período do mês de julho, acontecem os festejos da Padroeira Sant’ana e do Divino Espírito Santo²⁴. É principalmente nesses momentos de festividades, que a suça possui seu lugar de destaque.

Figura 10: Festa do Capitão do Mastro do Divino Espírito Santo na comunidade quilombola de Chapada da Natividade.



Fonte: Arquivo pessoal da autora - 2023

De acordo com Del Priori (1994), a celebração dos brancos da festa durante a era colonial permanecia marcada pela integração, permitindo-lhes absorver elementos culturais dos indígenas, negros, brancos e pardos, e por ocasião dos festejos do catolicismo tradicional, reforçavam a ocasião de reinterpretar ou reviver narrativas tradicionais, além de enfatizar suas manifestações culturais.

Recorrendo novamente às pesquisas de Zitzke e Reis (2020, p. 114), sobre o estudo das festas, estes pontuam que, a” presença dos negros ou as festas de negros, assumiram um papel histórico, político e religioso demarcado de ceticismo e ideologias anticristãs, onde as danças realizadas possuíam um caráter religioso ligado às suas ancestralidades” e nessa perspectiva, visualiza-se a prática da suça como resistência pela continuidade da tradição na comunidade.

De forma geral, as comunidades quilombolas localizadas na região ainda proveniente do estado de Goiás, como a comunidade remanescente de Chapada da

²⁴ A festa da Padroeira Sant’Ana, inicia com o novenário após a chegada das folias, no dia 17 e termina no dia 25 de julho. O festejo do Divino Espírito Santo tem início no dia 25 e vai até o dia 27 de julho, em Chapada da Natividade – TO. São datas fixas do calendário dessas festividades religiosas.

Natividade, favoreceu na permanência da forma como a suça se desenvolveu no Tocantins, na medida em que a leitura sobre as tradições culturais é repassada e reelaborada de geração em geração nas comunidades, mantendo-as vivas e incorporando novos elementos ao longo do tempo.

A suça nas comunidades de remanescentes de quilombo, no Tocantins, em geral, é passada pelos mais velhos aos mais novos, apesar das dificuldades em encontrar crianças e jovens que queiram participar de grupos, coletivos, que tem como objetivo a perpetuação dessa manifestação cultural. Veremos mais sobre esse tema no terceiro capítulo. A pesquisadora Nelzir Martins Costa (2020), pontua em seus estudos que, na comunidade de Chapada de Natividade “a dança da súcia ou suça, sempre foi praticada na região e a comunidade vem envidando esforços para não deixar a tradição morrer, visto que as gerações mais velhas é que dançavam” (Costa, 2020, p. 134).

Podemos perceber a importância dessa manifestação cultural para os praticantes das comunidades de remanescentes de quilombo, a partir de suas narrativas, que demonstram o valor, o pertencimento e ancestralidade. Como diz Rosa (2015) “a Suça é um rastro da cultura negra em movimento e a cultura negra é o movimento da ancestralidade, que por sua vez se movimenta no corpo atual.” (Rosa, 2015, p. 42). Ou seja, no rastro e no movimento da dança as simbologias e sentidos permanecem num processo de ressignificação da dança nas gerações sucessivas.

Dessa maneira, consideramos que a dança da suça é uma expressão forte que resiste e está entranhada nas raízes, tradições das comunidades e que buscam fortalecer como um fio de ancestralidade que não se rompe, presa no pertencimento cultural, familiar, social e histórico. Beatriz Nascimento (2021, p. 166) salienta que enquanto o “quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade”, também passou a ser “sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural”. E nesse bojo, a suça pode ser vista como um elemento de empoderamento dos quilombolas dessa região.

3.3 A Suça: elemento identitário da comunidade remanescentes de quilombo de Chapada da Natividade, Tocantins.

Figura 11: Grupo de suça Tia Zezinha – Colégio Estadual Fulgêncio Nunes – Chapada da Natividade



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Ensaio na residência da coordenadora do coletivo - 2018.

Como destacado anteriormente, a suça é um elemento enraizado na identidade cultural do quilombo de Chapada da Natividade. Mais do que uma simples dança, representa a herança histórica e étnica dessa região do Brasil, no Goiás e depois Tocantins. Podemos dizer que, no processo de transformações e representações da suça, sua natureza celebrativa remonta à influência africana que resiste nessa comunidade ao longo dos séculos.

Assim, como dança não é apenas uma manifestação cultural, mas também um símbolo de união e comunidade. Quando os praticantes se reúnem para dançar a suça, estão fortalecendo laços sociais e celebrando sua identidade compartilhada. Ela é uma lembrança constante da memória ancestral e da importância das raízes afro-brasileiras na formação da comunidade. José Maurício Arruti (1997) dispõe que:

[...] cultura e origem comum emergem, passando a ser plenamente tematizadas pela comunidade e tornando-se objeto de reflexão para o próprio grupo. A mobilização desses elementos de identidade leva a uma nova relação com o passado e com as 'reminiscências' [...] num esforço de reconstrução de uma continuidade na maioria das vezes perdida, levando ao que Hobsbawm e Ranger chamaram de 'invenção da tradição', isto é, uma reapropriação de velhos modelos ou antigos elementos de cultura e de memória para novos fins,

em que o passado serve como repertório de símbolos, rituais e personagens exemplares que até então poderiam ser desconhecidos pela maior parte da comunidade (Arruti, 1997, p. 27-28).

Dessa forma, as comunidades remanescentes de quilombo, como em Chapada da Natividade, observamos uma ressignificação da dança da suça, à medida que os participantes sentem a necessidade de dar continuidade a essa manifestação cultural, tradicional, visto que, em meio a modernidade, a tecnologia, há o empenho de inserir essas expressões culturais nas redes sociais, com o intuito de ter visibilidade, torná-la conhecida, mas também como expressão de arte e instrumento de luta contra o racismo.

Como diz Arruti, (2006), sobre o reconhecimento das comunidades quilombolas que fortaleceu as manifestações culturais, como a dança da suça:

Se o reconhecimento das comunidades negras rurais como quilombolas deu significado a uma demanda pela pluralização dos direitos, sustentados na observação da diversidade histórica, étnica e cultural da população compreendida pelos limites territoriais do Estado brasileiro [...] a necessidade de atrelar tal reconhecimento a um ato de nomeação do Estado, no entanto, levou também a converter aquela subversão inicial em um processo de fixação e cristalização de novas identidades – não só administrativas e legais, mas também políticas e étnicas. (Arruti, 2006, p. 122).

Stuart Hall (2009) salienta que a cultura tradicional se relaciona com o mundo globalizado, visto que com o acesso à internet, essas comunidades podem dar visibilidade as suas tradições, quebrando com as identidades ditas nacionais, da elite dominante. É o que podemos observar nessa afirmação:

Em suas formas atuais, desassossegadas e enfáticas, a globalização vem ativamente desenredando e subvertendo cada vez mais seus próprios modelos culturais [...]. As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo. Os fluxos não regulados de povos e culturas são tão amplos e tão irrefreáveis quanto os fluxos patrocinados do capital e da tecnologia. (Hall, 2009, p. 43-44).

A suça na comunidade de Chapada da Natividade enfoca a resistência, alegria, a união, ancestralidade e pertencimento. Há muitos esforços nessa comunidade, para manter viva a dança da suça, pois tem um significado importante para o quilombo, tendo essa expressão secular, como identidade dos quilombolas da região. A dança da suça é dessa maneira, a soma das misturas dos batuques nos tambores, dos toques da viola, das batidas dos pandeiros, da caixa, do modo de dançar, renovando o processo histórico de

transformação ao longo do tempo, construindo a identidade dos dançadores, tocadores e simpatizantes dessa manifestação cultural. Como afirma Stuart Hall:

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentada e fraturada; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discurso, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (Hall, 2000, p. 108).

Figura 12: Semana da Consciência Negra no Quilombo de Chapada da Natividade – TO.



Fonte: Emerson Silva, 2021.

A suça na comunidade de Chapada da Natividade é um elemento de resistência, podemos perceber na formação de coletivos para a preservação dessa tradição negra, do antigo norte goiano, hoje, Tocantins. Temos nos praticantes dessa expressão popular, a continuidade da construção da identidade por meio dessa manifestação cultural, como discorre Stuart Hall:

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a "identidade" e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (Hall, 2006, p. 39).

Dessa forma, enquanto expressão cultural se mantém viva até os nossos dias, atravessando séculos desde a formação dos quilombos como expressão de resistência à escravidão, assim como nas comemorações das comunidades pelo processo de reconhecimento sobre seus territórios e terras de pertencimento. De forma análoga, Gomes (2004) em sua pesquisa sobre a congada, também como prática cultural, expõe que:

Essas manifestações até os dias de hoje ocorrem nas cidades mais antigas do Tocantins. É importante ressaltar que: [...] essas cidades são originárias da mineração e sustentadas com a mão-de-obra escrava, daí o registro da gênese das manifestações congadas no Tocantins e sua superposição perfeita com a antiga região mineradora, que abrange as cidades de Natividade, Chapada da Natividade, Santa Rosa do Tocantins, Arraias, Conceição do Tocantins, Paranã, Monte do Carmo, Ipueiras, Almas (Gomes, 2004, p. 55).

Nesse sentido, assim como a congada, manifestação cultural dançada em algumas comunidades tradicionais e quilombolas do Tocantins, a dança da suça também está presente quase em todas as comunidades quilombolas onde houve exploração do ouro. Importante destacar que como manifestação cultural, também tem suas peculiaridades de acordo com cada comunidade e região em que se faz presente. Não podendo generalizar a maneira como as comunidades dançam, tocam e cantam a suça.

Figura 13: Ensaio do Grupo de suça Mestre Patricinho em sua residência na comunidade de Chapada da Natividade.



Fonte: Henrique de Sena Valadares. 2024

Então entendemos que a identidade ocorre no encontro com o outro, no diálogo, no conflito, na coletividade, onde os praticantes de suça na comunidade de Chapada da

Natividade se unem para extravasar suas emoções. É o momento de alegria, de união, vivenciando o momento em comunidade.

4 A SUÇA ENCONTRA O QUILOMBO

Esse capítulo, tem como foco principal expor e analisar os sentidos e as representações da dança da suçã pelos mestres e mestras participantes da dança, na comunidade quilombola Chapada da Natividade.

Como procedimento metodológico, recorreremos ao uso de entrevistas com um grupo de pessoas envolvidas na história da dança, como também estendemos para outras leituras e interpretação da dança para a comunidade escolar, por meio da aplicação de um questionário fechado, junto a um grupo de estudantes, professores e equipe diretiva do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes. Nosso objetivo consistiu em expor e identificar as interações ou a “circularidade cultural” com que a presença da suçã dialoga com a vivência dos estudantes e jovens da escola.

Figura 14: Semana da Consciência Negra no Quilombo de Chapada da Natividade. Apresentação do Grupo de Suçã Dona Maria da Associação Quilombola Visão de Águia



Fonte: Arquivo pessoal da autora. 2016

Para o trabalho com a prática da História Oral, recorreremos à compreensão da pesquisadora Verena Alberti (2005), arrisca definir que a História Oral é:

um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da História

Oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. (Alberti, 2005, p. 11).

Sabemos que a História Oral, faz parte da historiografia contemporânea, auxiliando pesquisadores e pesquisadoras nos estudos e abrindo um leque de investigação para além das fontes bibliográficas e documentais. Segundo Alberti:

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (Alberti, 1989, p. 04).

De acordo com Portelli (1997, p. 15), a História Oral é um campo acadêmico e uma forma de expressão artística individual. Seu objetivo principal é aprofundar esses temas através de conversas com indivíduos, explorando suas memórias e experiências pessoais, bem como os efeitos dessas experiências em suas vidas. Isso compartilha semelhanças com disciplinas como sociologia e antropologia ao explorar padrões culturais, estruturas sociais e eventos históricos.

A pesquisa de campo, com a realização das entrevistas, objetivou identificar aspectos da prática da suça e sua relação com o fortalecimento da identidade a partir das experiências e vivências dos praticantes da comunidade remanescentes de quilombo Chapada da Natividade. As entrevistas iniciadas no ano de 2023, priorizaram três mestres, 01 mestre e 02 mestras, por serem considerados guardiões do saber e da prática tradicional da suça.

Num segundo momento, direcionamos a entrevista, para a participação de crianças, jovens e adultos, por serem coordenadores e participantes da atividade cultural em questão. A faixa etária escolhida das crianças, jovens e adultos foi de forma aleatória, sendo importante destacar a participação deles na dança da suça. No total foram 10 pessoas entrevistadas. Segue a tabela abaixo dos participantes das entrevistas.

Tabela 05: Coordenadores, Mestres e Brincantes de suça entrevistados da Comunidade de Chapada da Natividade

NOME	IDADE
MARIA CUSTÓDIO DE CERQUEIRA	95
GENEROSA FERREIRA CAMELO	84
PATRÍCIO CARVALHINHO PINTO	64
JOVELINA PINTO DE CERQUEIRA	60
HELENA DE ALMEIDA ARAÚJO	53
KATIANE DIONÍZIO DE SANTANA	30
ELTON AVELINO FERREIRA	21
ERLANY MIRANDA DOS SANTOS	21
THAYSSA AMANDA CARVALHINHO	18
JOAQUIM URCINO F. NETO	11

Elaborado pela autora - 2023

Para a aplicação do questionário junto ao corpo discente da escola priorizou-se as séries finais do ensino fundamental e o ensino médio, totalizando 62 estudantes que responderam as questões objetivas. A escolha dessas turmas foi estratégica no sentido dos estudantes, possuírem uma trajetória de vivência maior na escola.

A aplicação dos questionários com questões abertas entre professores e equipe diretiva ocorreu com a finalidade de ampliar a leitura sobre a suça como expressão secular no contexto escolar e relacionar a contribuição do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes no fortalecimento da identidade quilombola, sendo a suça, umas das principais expressões populares no quilombo de Chapada da Natividade. Contamos com a participação de três professores quilombolas da comunidade e a coordenadora, não quilombola, mas, que reside no município da Chapada da Natividade e trabalha há vinte e cinco anos no Colégio Fulgêncio Nunes, totalizando, portanto, quatro pessoas colaboradoras.

Para além das contribuições da pesquisa de campo, expomos de forma sintetizada o contexto da pandemia, as políticas públicas na comunidade de Chapada da Natividade e os impactos para a dança da suça. Não temos a pretensão de esgotar a pesquisa sobre o tema, pelo contrário, provocar outros novos enfoques aos leitores e estudiosos interessados.

Iniciamos nossa jornada pelo título indicado em que “a suça encontra o quilombo” ou do que poderíamos dizer, do quilombo a suça perpetua-se, para além do tempo. Nesse ínterim, exploramos as narrativas dos entrevistados como material que traduz a representações e sentidos expressos, buscando em Roger Chartier (1990) uma referência.

Para tal entendimento é importante evidenciar e relacionar os conceitos nos estudos sobre suça, quilombo e remanescentes de quilombo.

A definição de suça e, por conseguinte, dos estudos que tratam sobre sua representatividade, encontramos alguns autores que trazem alguns aspectos importantes a serem considerados como um “complexo performático” na percepção de Thaís Teixeira de Siqueira, (2006),

A sussa pode ser definida como um gênero musical coreográfico, ou seja, inclui um repertório musical, uma forma de tocar e cantar e uma forma de dançar. Pode ser vista como um complexo performático, pois para a sua execução em momentos festivos cria-se toda uma performance pelas pessoas que a executam. (Siqueira, 2006, p. 95).

De acordo com os estudos de Wolfgang Teske (2008), em território do Tocantins, no município de Araias, “a sússia é uma dança de origem afro, que é parte integrante da Roda de São Gonçalo na região, muitas vezes é dançada isoladamente como manifestação cultural da comunidade quilombola da Lagoa da Pedra”. Pontua o autor que na referida comunidade, a suça é chamada de “sússia ou samba” (Teske, 2008, p. 121).

Acrescido a outra leitura, encontramos na acepção de Wendy Almeida de Araújo (2013) em sua dissertação de mestrado: *Os ritmos tradicionais nos tambores do Tocantins: constituições identitárias e processos culturais*, a referência sucinta que “a sússia é uma dança (que dá mesmo nome ao ritmo) caracterizada por músicas agitadas ao som dos tambores fuxico, caxambu e tambor de rabo. Homens e mulheres dançam aos pares, em círculo”. (Araújo, 2013, p. 41).

Araújo (2013) em sua pesquisa em relação a suça, fez a investigação em Monte do Carmo, Tocantins, tendo como objeto de estudo, “a apropriação de alguns ritmos tradicionais tocantinenses – catira, tambor, sússia, congo e roda – por um grupo de valorização da cultura musical tradicional: o Tambores do Tocantins”. (Araújo, 2013, p. 15).

Trazendo uma terceira acepção sobre o termo, o estudo de Eloisa Marques Rosa (2015), assim pontua suas diferentes grafias e origem:

A dança da Suça, também chamada de súcia, sussa, sússia, tem suas origens nos “batuques” afro-brasileiros, heranças da escravidão e da exploração do ouro no estado de Goiás. A presença dessa dança marca as culturas do norte de Goiás e Tocantins e amplia o entendimento das danças brasileiras (Rosa, 2015, p. 60).

Nas colocações de Nelzir Martins Costa (2020:103) em sua tese, *Literatura e as relações étnico-raciais na escola: uma experiência de letramento literário em*

comunidades quilombolas, sendo o quilombo de Chapada da Natividade, uma das comunidades estudadas, encontramos a indicação de forma mais genérica e divulgada, informando que “A súcia é uma dança de origem africana, muito cultivada no Estado do Tocantins, principalmente nas cidades históricas e comunidades tradicionais”. Completando o conjunto de denominações à prática da suça, a pesquisadora quilombola Laurenita Gualberto Pereira Alves (2021, p. 72), da comunidade Lajeado, do município de Dianópolis, no Tocantins, em sua dissertação de mestrado: *Brincadequê: brinquedos e brincadeiras no quilombo de Lajeado*, utilizando a metodologia da História Oral, expõe a definição sobre “a roda de sússia é definida como”:

Uma manifestação cultural na qual estão inclusos aspectos sociais e histórico-culturais que constroem e reforçam a identidade dos grupos negros e quilombolas. Sendo patrimônio imaterial, a dança presente em muitas comunidades tradicionais está em processo de resgate, o que permite a preservação, valorização e fortalecimento da cultura negra (Bernieri; Fôlha; Alves; Moraes; Vizolli, 2019, p. 58).

Assim, ao pontuarmos as referências ao termo suça a partir dos estudos mencionados, observamos que a musicalidade, a corporeidade e presença do negro estão presentes na tradição, ancestralidade e pertencimento mantidos por meio da expressão popular da dança, nas diferentes comunidades e regiões do Tocantins. E ao observarmos a atividade da suça nas festividades da comunidade remanescente de quilombo Chapada da Natividade, é perceptível a alegria dos participantes dessa prática que, segundo as narrativas dos moradores, a enxergam como diversão, momento de distração que une a comunidade.

O encontro entre a suça, o quilombo e os remanescentes de quilombos representam um capítulo da história cultural brasileira, no qual três expressões distintas encontram um terreno comum para se entrelaçarem. Inicialmente podemos apontar alguns estudos que tratam do termo quilombo, a partir do seu uso na historiografia.

No verbete, escrito pela historiadora Jaqueline Hermann (2001) há uma sucinta exposição do conceito e seu percurso na historiografia, sendo um termo citado desde a primeira metade do século XVIII como parte da história militar dos portugueses na Colônia. Depois o termo concentrou-se nos estudos sobre o Quilombo de Palmares, associado ao viés da resistência, da rebeldia escrava, ampliando-se na historiografia com a descoberta de novas fontes documentais e arqueológicas.

O conceito de quilombo pode ser observado nos estudos de Munanga e Gomes os quais afirmam que “etmologicamente, o termo *Kilombo* é de origem banto umbundo,

falado pelo povo ovimbundo e se refere a um tipo de instituição sociopolítica militar na África Central, especificamente na área do antigo Zaire, atual República Democrática do Congo. (Munanga; Gomes, 2016, p. 107).

O historiador Adelmir Fiabani (2004), discorre sobre os conceitos de quilombo citando alguns estudiosos como Ney Lopes que diz: “O quilombo é um conceito próprio dos africanos bantos que foi modificando através dos séculos [...] quer dizer acampamento guerreiro na floresta, sendo entendido ainda em Angola como divisão administrativa [...]”. Outro pesquisador citado é David Birmigham, o qual assevera que “o quilombo se originaria na tradição mbunda, através das organizações clânicas, e que suas linhagens chegam até o Brasil através dos portugueses”. Por fim, Fiabani menciona o antropólogo Kabengele Munanga quem conjectura que “o quilombo brasileiro é uma cópia do quilombo africano reconstituído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata”. (Fiabani, 2004, p. 377).

Por sua vez, a historiadora Juciene Ricarte Apolinário, (2008) escreveu que:

Quilombo é um termo banto que derivaria de ki-lombo, uma sociedade iniciática de jovens guerreiros “mbundu” adotada pelos invasores jaga (ou imbangala), estes compostos por diferentes grupos étnicos africanos desvinculados de suas comunidades. No período colonial os habitantes dos quilombos eram chamados “quilombolas” ou “calhambolas”, palavras angolanas derivadas de ngolo – “força; nbula “golpe”; calhambola seria o destemido. (Apolinário, 2007, p. 123).

Mari de Nasaré Baiocchi (1999), em seus estudos chama a atenção para a definição de quilombo. Ela discorre que “a historiografia brasileira registra que quilombo é um conceito próprio dos africanos bantos, que vem sendo modificado através dos séculos”. Ela atenta para o conceito que o Conselho Ultramarino definiu para o termo quilombo e expõe que “quilombo é termo banto e quer dizer acampamento guerreiro na floresta”. (Baiocchi, 1999, p. 35). Percebemos que a pesquisadora faz uma crítica a ressignificação do conceito de quilombo definido pela Corte Lusa. Baiocchi (1999) completa que: “Os Quilombos constituem formas organizacionais onde o africano, em um processo extremo de defesa e afirmação, parte da “passividade” e “resignação”, tão decantadas, para posições de resistência contra o esfacelamento da sua identidade, de seu grupo” (Baiocchi, 1999, p. 36).

O historiador Clóvis Moura discorre que o

Quilombo era toda habitação de negros fugitivos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles, segundo resposta do Rei de Portugal à consulta do Conselho Ultramarino datada de 2 de dezembro de 1740 (Moura, 2022, p. 30).

Postos estes conceitos, observamos que, para a classe dominante, o quilombo era inicialmente composto por escravizados fugitivos do regime escravista. Assim, podemos concluir que a formação do quilombo precede a manifestação cultural da suça, posto que a partir das fugas de escravizados para terem liberdade e poderem viver sua cultura, formou-se primeiro os quilombos.

De outro modo, a historiadora Beatriz Nascimento (2021), apresenta em sua obra que o quilombo ressurgiu como uma resposta ao colonialismo cultural, reafirmando a herança africana e buscando um modelo brasileiro que fortaleça a identidade étnica. Ela coloca que a literatura e as tradições orais que narram a história dos quilombos foram fundamentais para impulsionar esse movimento, com o objetivo de reexaminar conceitos históricos preconceituosos.

Nesse sentido Beatriz Nascimento (2021) expõe que:

Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, de atitude a associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra. (Nascimento, 2021, p. 166).

Podemos inferir que o novo conceito de quilombo apresentado pela historiadora Beatriz Nascimento começou a ser delineado com o propósito de conceder ao povo negro o direito de ser protagonista de sua própria narrativa histórica, destacando suas tradições, conhecimentos práticos, herança ancestral, recuperando sua identidade cultural.

Em contrapartida, a partir principalmente de lutas e reivindicações dos movimentos negros, um novo termo surge com a Constituição de 1988: “As Comunidades Remanescentes de Quilombo”. A pesquisadora Ana Gualberto mestra em cultura e sociedade pela Universidade Federal da Bahia, historiadora pela Universidade do Estado do Rio Janeiro discorre sobre o conceito contemporâneo de comunidades remanescentes de quilombo, “a partir do decreto nº 4.887/2003 (Brasil, 2003) e da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – PNPCT (Decreto 6040/2007) são considerados “remanescentes de quilombo grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (Brasil, 2003, Brasil, 2007).

O historiador Adelmir Fiabani (2005), em sua obra, discorre sobre os estudos de Eliane Cantarino O’Dwyer que as várias interpretações do termo remanescentes de

quilombo, levou os antropólogos a definirem o que é quilombo. Assim, a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) publicou um documento:

Contemporaneamente, o termo quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma, nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio. (Fiabani, 2005, p. 390).

No contexto atual, a comunidade remanescente de quilombo encontra a suça, que se faz presente como prática secular nos festejos religiosos, como do Divino Espírito Santo, como expressão do catolicismo popular. Todavia, cabe notar que essa expressão cultural não está presente em todas as comunidades quilombolas do estado do Tocantins, mas sim, de forma especial, em localidades oriundas da exploração do ouro e que trazem como marca, os festejos do Divino Espírito Santo. Onde há esses traços, lá está presente a suça.

Nesses 23 anos no Estado do Tocantins, (antigo norte de Goiás), a participação e envolvimento com a dança da suça, em atividades culturais, na comunidade quilombola Chapada da Natividade, em outras comunidades tradicionais, e, com base nos escritos e leituras, tenho observado, que nas festas do Divino Espírito Santo, predomina a população negra, com forte presença da suça. É o que podemos observar nas imagens a seguir:

Figura 15: Festejo do Capitão do Mastro na comunidade quilombola de Chapada da Natividade – TO.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. 2024

Figura 16: Apresentação da suça Mestre Patricinho no festejo do Capitão do Mastro no quilombo de Chapada da Natividade



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024

Figura 17: Mestre Patricinho e a professora Roberta no Festejo do Mastro do Divino Espírito Santo no quilombo de Chapada da Natividade - TO



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024

Nesse sentido, nos municípios atuais, onde teve o predomínio da atividade mineradora e a presença da mão de obra negra escravizada, são os mesmos locais, onde as festas do Divino Espírito Santo, têm maior visibilidade e maior tradição, derivando daí, a presença da suça em todos os festejos e nos pousos das folias. Pode-se concluir que a suça vai estar presente nas comunidades quilombolas desses municípios com tradição do Divino Espírito Santo e no advento da mineração.

E por falar em suça, nada melhor do que “escutar” quem mais vive dos seus movimentos e sentidos. Assim é o Mestre Patricinho, folião, quilombola da comunidade de Chapada da Natividade, que diz o que entende por quilombo *“Acho que o quilombo é dirigido por negros. Eu acho que é dirigido... porque os negros sofreram muito, apanhava né, para trabalhar”*. Esse pensamento colonial sobre o conceito de quilombo ainda está presente nas maiorias das comunidades.

Para moradora quilombola da comunidade de Chapada da Natividade, Helena Almeida de Araújo, 54 anos, em sua narrativa entende que *“quilombo é uma comunidade quilombola, aonde reside as pessoas quilombolas”*.

Para o quilombola, o Pré-adolescente Joaquim Urcino Ferreira Neto, 11 anos, residente na comunidade de Chapada da Natividade, *“quilombo é uma comunidade cultural onde tem suas crenças, religiões, comidas típicas, danças como suça e folia”*.

As respostas dos membros da comunidade de Chapada da Natividade à nossa entrevista, mostram uma variedade de percepções de quilombo, o que sugere que é mais do que uma definição individual que compreende aspectos culturais, históricos e de identidade, mostrando ser uma palavra conhecida sobretudo como fruto das lutas pelos territórios na região. Na historiografia, o termo quilombo no Brasil foi ressignificado como refúgio para escravizados fugitivos, mas o termo se expandiu para significar a comunidade que afirma herança africana cultural, conscientização de resistência e autonomia.

Na Constituição Federal de 1988, quilombo é um coletivo portador do direito a identidade étnica, a quem será concedida propriedade legítima permanente da terra. Isso representa a dinâmica e os vários grupos de pessoas que mostram diferentes formas de atividades em sua vida diária. Por outro lado, o documento enfatiza que a relação conceitual de quilombo só pode ser entendida quando vinculada ao pertencimento territorial.

4.1 A dança da suça na comunidade remanescentes de quilombo Chapada da Natividade

Figura 18: A dança da suça na comunidade remanescente de quilombo Chapada da Natividade – TO.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2018.

A dança da suça na comunidade de Chapada da Natividade constitui uma expressão contagiante, onde os participantes fazem suas apresentações em uma grande roda composta pelos tocadores e cantores, dançarinos e dançarinas, também denominados de suceiros e suceiras. Essa expressão compartilha semelhanças com outras manifestações culturais afro-brasileiras como o Côco de Roda, o Carimbó e o Lundu que são encontradas em outros Estados brasileiros. Entre as semelhanças destacam-se os movimentos circulares, a predominância de instrumentos de percussão, o uso de saias rodadas pelas mulheres e a presença de versos curtos em suas músicas.

Podemos observar um dos versos recorrentes tocados pelos tocadores de suça, assim como descrito a seguir:

“É pau, é pau, é pau de colher, a briga do homem é dinheiro e mulher”.
“Eu pisei na ponte, a ponte tremeu, a água tem veneno, morena, quem bebeu morreu”.

Os versos de suça são cantados pelos praticantes repetidas vezes. E na comunidade de Chapada da Natividade, não é diferente, um verso é cantado várias vezes, até substituir por outro verso, iniciando novamente o processo de repetições e assim sucessivamente.

Sobre a cantoria dos versos de suça, o folião Patrício Carvalhinho Pinto²⁵, quilombola, mestre de suça, discorre em sua narrativa sobre os versos de suça:

Tem versos que, é..., as pessoas podem cantar. Qualquer pessoa se der canta, pode cantar. E quando tá nos festejos, tem os versos da folia, aí é os foliões que canta, mas quando não tá, tem as pessoas que pode cantar. Inclusive os versos que tá pra conhecer é repetido sim. É repetido sim, quando tá cantando. Você canta os mesmos versos, aí, vai cantar outra música, você repete. É cantada repetida mesmo, né, mas falando a mesma coisa.

Assim, na comunidade remanescente de quilombo Chapada da Natividade, essa característica de versos curtos e cantos repetidos da música de suça estão presentes, sendo algo comum a todas as comunidades quilombolas que possuem essa prática. Os versos que são cantados, geralmente são antigos. As letras dos versos de suça, contam a vivência cotidiana da comunidade e são repassados para as gerações através da oralidade.

O folião e quilombola, mestre Patricinho, como é conhecido comumente o senhor Patrício Carvalhinho Pinto na comunidade de Chapada, explica sobre a diferença entre suça e tambor. Em sua definição, os versos cantados no batuque de suça, se diferenciam pela velocidade do canto. Ele exemplifica, cantando dois versos de suça distintos e argumenta que suça são versos frenéticos e tambor versos compassados:

O verso é assim, você vai cantar o suça. Suça é um, tambor é outro. Então, você vai cantar: o tambor vai à riba, se Deus quiser, o tambor vai a ri-i-i-ba. O tambor vai à riba se Deus quiser, o tambor vai a ri-i-i-ba, vai a riba, vai a riba, vai a riba, vai a riba se Deus quiser. Isso é tambor. Aí o suça fala assim: xô pien, xô gavião, penera no chão, gavião. Xô pien, xô gavião, penera no chão gavião... Esse aí é o suça. Suça é cantado mais avexado e o tambor é mais lento.

²⁵ Biografia: Patrício Carvalhinho Pinto, 62 anos, casado, pai de 06 filhos, um pai que sempre educou seus filhos na devoção do Divino Espírito Santo. Tem uma experiência riquíssima, pois desde seus 18 anos de idade participa das folias da região, Folia de Santos Reis, Folia do Divino Espírito Santo. Sua história começou muito cedo por ser um grande devoto ele gosta e ama a tradição, os Giros de 40 dias são sua diversão. Patrício é compositor de rodas, faz cantos de folias, de Suça e bate tambores e pandeiros e dança a suça. Informações: Katiane Dionízio de Santana.

Figura 19 - Mestre Patricinho

Fonte: Rafael Trapp. 2023

Uma outra participante e suceira, foi a senhora Maria Custódio de Cerqueira, de 95 anos, quilombola e Mestra de suça no quilombo de Chapada da Natividade. Sua narrativa conta sobre tambor e suça: *“Eu já dancei muito tambor também. Não tem diferença de tambor”*, diz a Mestra Maria em relação à dança da suça. Ela canta versos de música de tambor: *“Dança, dança tambozeiro, dança lá que tem dinheiro, eu já guentei, não guento mais”* [risos].

Em certa medida, observamos nas narrativas dos entrevistados, que ambos concordam que suça e tambor, faz parte do batuque de suça. Mas, Mestra Maria não menciona sobre a diferenciação de ritmos dos versos de suça e tambor como exposto pelo Mestre Patricinho. Ela canta um verso de tambor, mencionado acima.

Figura 20: Mestra de suça – Maria Custódio de Cerqueira



Fonte: Rafael Trapp, 2023

Sobre essa discussão, a historiadora Noeci Carvalho Messias (2010, p. 311) em sua tese, *Religiosidade e Devoção: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade-TO*, expõe que suça e tambor são danças específicas, sendo a dança da suça tocada com os instrumentos, como a viola e o pandeiro e a dança do tambor, somente utilizado os tambores na “caçada da rainha”, no festejo da cidade de Monte do Carmo²⁶, Portanto, o que diferencia principalmente, a dança da suça, da dança do tambor são os instrumentos.

²⁶ A pesquisadora Messias (2010) discorre que o início dos festejos da padroeira é marcado com a chegada simbólica dos festeiros do Divino e de Nossa Senhora do Rosário à cidade, denominada por algumas pessoas como *Entrada Triunfal*. Todos os anos, no dia 7 de julho, a cidade amanhece com os fogos de artifícios e a alvorada organizada pela comunidade, com apoio da Igreja. *Caçada da Rainha*, ritual no qual ao longo do trajeto do cortejo dança-se, bebe-se, canta-se em louvor a Nossa Senhora do Rosário, ao rei e à rainha. (Messias, 2010, p. 96 e 267).

É perceptível que em cada região onde há a prática da suça, existem singularidades, como podemos perceber na comunidade de Chapada da Natividade e em Monte do Carmo, no Tocantins. As comunidades quilombolas e tradicionais possuem sua forma marcante de praticar a dança da suça, conferindo certa originalidade na sua representação.

No que se refere aos versos da suça, a pesquisadora Thaís Ferraz (2022), discorre sobre os versos de suça:

Referente ao canto que se manifesta durante a Sussa, podemos observar, nas letras das cantigas, relações com a vida cotidiana no meio rural, relações com a natureza: chuva, poeira, plantações, animais que vivem no ambiente e, ainda, temáticas religiosas, invocação à Deus, louvor à natureza. (Ferraz, 2022, p. 60).

Dessa forma, os praticantes de suça do quilombo de Chapada da Natividade cantam as canções que se relaciona com a vivência dos seus ancestrais e com suas próprias tradições, narrando musicalmente a história da comunidade por meio dos versos cantados, momento de alegria e diversão em que a coletividade está unida pelo elo do pertencimento e da ancestralidade.

A antropóloga Thaís Siqueira (2006), ao abordar sobre a suça, com relação aos gêneros dos cantadores e tipos de músicas, faz a seguinte consideração:

Tanto os homens como as mulheres cantam a sussa, mas há um repertório mais masculino e outro mais feminino. Algumas músicas são mais cantadas por mulheres e outras mais cantadas por homens, embora não creio que existam sussas excludentes, o que se vê é que algumas são preferidas por um sexo e preteridas por outro”. (Siqueira, 2006, p. 94).

No quilombo de Chapada da Natividade, os cantos de suça não são somente realizados pelos participantes do gênero masculino. Porém, na maioria das festividades religiosas e eventos, a presença dos homens é predominante, muitas vezes são os foliões da comunidade. Ao perguntarmos qual o lugar do homem e da mulher na suça, o Mestre Patricinho diz:

A divisão é essa: qualquer lugar que quiserem ficar, pode. Pode ser... O homem pode dançar; o homem pode ficar ao lado da mulher; a mulher ao lado do homem, a mulher pode cantar, a mulher pode dançar; o homem pode cantar. Então não tem divisão.

As mulheres participantes da suça em Chapada da Natividade tem em seu papel principal a dança, com suas saias rodadas ou independente do estilo de vestuário, vão para o centro do círculo, executando passos sedutores, onde o parceiro entra na dança, formando o casal. Isso acontece com maior frequência no período das festividades do

catolicismo popular, como já mencionado anteriormente, no capítulo dois. Geralmente no centro do batuque de suça, pode ser mais casais, mas também acontece de forma rara, a mulher dançar sem o par no centro da roda de suça. A suça é uma dança livre, podendo entrar na dança, quem sentir-se a vontade de fazer a imersão no batuque de suça.

A Mestra de suça, Maria Custódio de Cerqueira em relação ao bailado da suça diz: *“É andando ao redor, uma pessoa só. Sempre que é moça, é a moça só. Agora, quando é casal, iam os dois, o casal. Agora que visse aquela moça dançar sozinha, quem quisesse entrar pra ajudar, entrava. [risos] Ai pegava fogo”!* [risos].

Ainda, segundo Siqueira (2006), ao abordar sobre a prática da suça na comunidade Kalunga, localizada no município de Teresina de Goiás, afirma que:

A sussa é tocada geralmente pelos mesmos músicos da folia. Os instrumentos usados são o violão, a caixa e a buraca (ou bruaca). A buraca é um caixote de couro, semelhante a um baú ou uma mala, com duas alças na parte superior. Ela é usada tradicionalmente, e ainda hoje em várias localidades kalunga, para transporte nos cargueiros. (Siqueira, 2006, p. 93).

Outro aspecto observado pela autora sobre a dança, está na formação dos passos ritmados, que segundo seu estudo, evocam lembranças do samba de roda ou de uma dança de côco. Sobre esse aspecto, o pesquisador Wendy Araújo (2013), aponta informações da dança da suça, encontrada em comunidades quilombolas e tradicionais do antigo norte goiano, atual região do Tocantins, assim destacada:

A sússia é uma dança (que dá mesmo nome ao ritmo) caracterizada por músicas agitadas ao som dos tambores fuxico, caxambu e tambor de rabo. Homens e mulheres dançam aos pares, em círculo. As letras das músicas são breves, constituindo-se, normalmente, por dois refrãos provocativos e repetidos várias vezes. A mulher dança em passos miúdos, porém graciosos e sedutores, com a mão na cintura girando. O homem, com forte sapateado, acercando-se dela, tentando dominá-la. (Araújo, 2013, p. 41).

O referido autor, também informa sobre a dança da jiquitaia, que possui passos característicos da suça. O ritmo dos tambores intensifica com movimentos dos dançadeiros e dançadeiras da suça que evocam a ideia de afastar as formigas em uma articulação dos corpos ao mesmo tempo sensual e frenética. Importante destacar que é dessa maneira que identificamos a dança da suça em Chapada da Natividade, seja nos pousos de folias, seja nas apresentações em eventos locais. Ou seja, as formas e os movimentos da suça assemelham-se com outras expressões de danças como alegria, marcos festivos presentes em muitas comunidades e povoados do Goiás, em especial, praticados por famílias de descendência negra, oriundas dos quilombos existentes na região desde os tempos coloniais.

De acordo com essa perspectiva, encontramos também outras informações nos estudos da pesquisadora Rosa (2015:28-29), que assim pontua: “outra característica da suça semelhante aos batuques brasileiros, é a religiosidade católica popular intrínseca à manifestação. Há nos batuques uma relação direta com santos e festejos católicos sincréticos às religiões afro-brasileiras”.

Observa-se assim que a presença da suça perdura historicamente nas atividades festivas das comunidades, colocando-se como uma tradição secular, em que os conhecimentos e habilidades são transmitidos oralmente, suscitando aos mais jovens a vontade de aprender e compreender essa expressão cultural com os mais experientes. Por sua vez, podemos dizer, que sua prática, preserva as raízes ancestrais e valoriza a história da comunidade de Chapada da Natividade, que por sua vez, pratica e ressignifica a dança como uma herança de identidade cultural.

Figura 21: Festa do Capitão do Mastro do Divino Espírito Santo na comunidade de Chapada da Natividade – TO.



Fonte: Arquivo pessoal da autora - Grupo de suça Mestre Patricinho, 2023.

4.2 Os coletivos de suça na comunidade de Chapada da Natividade

Os coletivos de suça são grupos de mulheres, homens, crianças e jovens que se organizaram em prol da preservação dessa manifestação cultural. No quilombo de Chapada da Natividade, temos três grupos: Grupo Dona Maria, Grupo Tia Zezinha e o Grupo Mestre Patricinho. Entre eles, está inativo o grupo Tia Zezinha, do Colégio

Estadual Fulgêncio Nunes, desde 2020. Nesse tópico, estaremos trazendo a História da formação e luta para continuação dos respectivos coletivos.

Figuras 22: Presença da Suça - Coletivos



Suça Tia Zezinha, 2018

Suça Dona Maria, 2021

Suça Mestre Patricinho, 2023

4.2.1 Grupo de Suça Dona Maria

Figura 23: Grupo de Suça Dona Maria no evento da Semana Cultural da Consciência Negra no Quilombo de Chapada da Natividade – TO



Fonte: Júlio Cesar, 2021

O grupo de suça Dona Maria²⁷ é um coletivo formado por adultos e idosos. Em sua composição temos a quantidade de sete integrantes do gênero masculino, que são quatro foliões, um caixeiro e dois dançadores ou suceiros. O gênero feminino é composto por cinco mulheres que são as dançarinas ou suceiras. O nome desse coletivo é em

²⁷ As informações sobre coletivo foram repassadas pela suceira Katiane Dionízio de Santana do grupo Dona Maria da Comunidade de Chapada da Natividade.

homenagem a Matriarca e Mestra de suça Dona Maria Custódio de Cerqueira²⁸ que atualmente está com 95 anos.

A filha da Matriarca Dona Maria, Jovelina Pinto de Cerqueira, em sua narrativa discorre que sua mãe teve seu primeiro contato com a dança da suça em 1947, ainda nas rezas e pousos de folias do Divino Espírito Santo, assim como na folia de Santos Reis, que acontecia sempre no dia cinco de janeiro, na cidade de Chapada da Natividade.

Segunda a leitura de Katiane Dionízio de Santana, neta de Dona Maria e filha de Dona Jovelina, que também integra o grupo da Suça Dona Maria, informa que a Associação Comunitária Quilombola Visão de Águia incorporou a dança da suça às suas reuniões como forma de fortalecimento da identidade quilombola, no ano de 2010, após reconhecerem oficialmente a tradição. Ou seja, após a formação oficial da Associação Visão da Águia, o coletivo de dança tornou-se a principal expressão da comunidade, passando a se apresentar em eventos locais e em outras cidades que solicitam sua participação.

O grupo de suça Dona Maria, idealizado por Jovelina Pinto de Cerqueira, surgiu da necessidade da Associação Quilombola Visão de Águia de Chapada da Natividade ter sua identidade cultural reconhecida. A senhora Jovelina narra em sua entrevista sobre a formação do coletivo:

Foi em 2001 começou o descobrimento de quilombola que a gente não conhecia. E surgiu esse fato aí, que a gente foi atrás junto com a prefeita Dira e ela fez um bom trabalho nesse momento com os remanescentes quilombolas. E quando foi 2003, 2005 já saiu o registro da Fundação Palmares, e, quando foi em 2010 para iniciar o descobrimento, e teve que... , veio um pessoal do SESC lá de Palmas, um caminhão de cesta básica e outro para feira coberta. Na feira coberta o pessoal que veio que eu não me lembro do nome de nenhum, era o pessoal que foi, falou que tinha alguma coisa de cultura aqui de Chapada? E a gente foi resgatar o suça que havia muito tempo que não tinha mais. E aí com a minha mãe que chama Maria, Maria Custódia, Dona Maria, começamos esse grupo aí, com 06 pessoas que foi D. Maria, Edileuza, Patricinho e Chico que é Francisco e Ronaldo que é Naldin. Foram essas pessoas.

A entrevista revela que a expressão cultural da dança da suça se tornou um elemento significativo da identidade quilombola em Chapada da Natividade, Tocantins, a partir de 2001. Esse período marcou o início do reconhecimento da comunidade quilombola local, que anteriormente era pouco conhecida. A prefeita naquela época, em

²⁸ Biografia: Maria Custódio Camelo nasceu em Chapada da Natividade (TO), é viúva, mãe de 13 filhos, devota do Divino Espírito Santo e Santa Ana, dançarina de suça desde os 17 anos de idade, matriarca do grupo de suça Dona Maria onde foi homenageada por dançar por tanto tempo e manter a história da suça. Maria é também uma grande boleira do nosso quilombo. Guardiã das tradições. É quilombola e moradora de Chapada da Natividade. Informações cedidas pela neta de Dona Maria, Katiane Dionízio de Santana.

parceria com os remanescentes quilombolas, iniciou um trabalho para valorizar e preservar a cultura regional.

Entre 2003 e 2005, o reconhecimento oficial pela Fundação Palmares foi conquistado, reforçando ainda mais a identidade quilombola na área. Em 2010, durante uma atividade de redescoberta cultural promovida pelo SESC de Palmas, despertou-se o interesse de preservação e valorização das tradições locais. Foi nesse momento que o coletivo Dona Maria Custódia foi formado para o fortalecimento das heranças culturais na comunidade. Esses acontecimentos ressaltam a importância do reconhecimento e valorização das expressões culturais locais não só para preservar a história e a identidade de uma comunidade, mas também para fomentar o pertencimento e a união dentro dela.

4.2.2 Grupo de Suça Tia Zezinha

Figura 24: Grupo de suça Tia Zezinha do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes. Apresentação para os acadêmicos da UFT campus Porto Nacional.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2018.

A legislação brasileira foi retificada com a promulgação da Lei nº 10.639/2003, que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/1996). Esta lei inovadora estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio. Diante dessa normativa, torna-se essencial desenvolver atividades e estratégias pedagógicas que promovam a integração

efetiva dessa temática no currículo escolar, aproveitando as experiências e o conhecimento provenientes das tradições da Cultura Quilombola.

A pesquisadora Maria de Jesus Pereira da Silva, em sua dissertação: *Os desafios da atuação docente na comunidade quilombola de Chapada da Natividade – TO: Colégio Fulgêncio Nunes (2012 -2019)*, escreveu:

[..] que a criação da Lei 10.639/2003 não foi sancionada de um dia para o outro, mas sim, resultante da conquista e luta do Movimento Negro ainda oriunda da década de 1970, que buscava combater a discriminação racial e promover a valorização dos saberes culturais e identitários da população negra. E, nesse sentido, considera-se inicialmente que a Lei 10.639/2003 é parte de um conjunto de políticas de ações afirmativas que remontam em períodos históricos da sociedade brasileira e que visou recuperar erros cometidos contra a população negra ao longo dos anos. (Silva, 2022, p. 31).

Assim, o grupo de suça Tia Zezinha, vinculado ao Colégio Estadual Fulgêncio Nunes foi criado, principalmente, com a intenção de preservar, valorizar e perpetuar a musicalidade, o bailado tradicional em Chapada da Natividade, bem como combater a invisibilidade dessa manifestação cultural, reflexo do racismo estrutural.²⁹

Dessa forma em 2015, teve início uma parceria entre o Colégio e algumas pessoas da comunidade, com o intuito de representarem o saber da dança, como importante expressão cultural da região e seus moradores – a alegre suça. A parceria com alguns detentores de saberes na comunidade escolar e os quinze (15) estudantes, integrantes do Grupo de Suça Tia Zezinha, possibilitou e permitiu uma busca ativa junto aos estudantes da escola, pelo interesse em participar do coletivo de dança.

Importante informar que, no processo de divulgação e incentivo junto à comunidade escolar, o parceiro que mais se engajou e contribuiu na preservação da dança da suça no Colégio Fulgêncio Nunes, foi o Mestre Patricinho, que participou ativamente dos ensaios e eventos junto ao Grupo Tia Zezinha. O nome Tia Zezinha foi escolhido em homenagem a uma funcionária que prestou serviços por vários anos à unidade escolar, denominada Josefa Ferreira Gomes, falecida em 05 de junho de 2015. O grupo participou ativamente de eventos no município e também em outras localidades.

Pode-se afirmar que a cultura local, passou a ter um grupo de dança permanente, com ensaios semanais e com potencial para representar a cidade. Com isso, as pessoas da localidade passaram a conhecer o grupo de suça Tia Zezinha, contribuindo no

²⁹ Segundo o filósofo Silvio Almeida (2019), o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, de modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. (Almeida, 2019, p. 50).

fortalecimento dessa manifestação ligado às raízes quilombolas. A pesquisadora Nelzir Martins Costa (2020), em seus estudos no Colégio Estadual Fulgêncio Nunes, no Quilombo de Chapada da Natividade, relata sobre a preocupação da escola em trabalhar as questões étnico raciais, também voltadas para a manifestações culturais da comunidade:

[...]verifica-se uma preocupação por parte da equipe em trabalhar as questões étnico-raciais na prática pedagógica. Na equipe, até final de 2018, havia uma professora de História, com especialização em Cultura Afro-brasileira, Profa. Roberta Tavares de Albuquerque Menezes, que criou um Projeto de Lei, aprovado pela Câmara Municipal, tornando o dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, em feriado municipal. A professora, além de trabalhar essas questões em sala de aula, elaborou um projeto de resgate da dança da súa e do toque dos tambores para desenvolver com os alunos. (Costa, 2020, p.106-107).

Nesse sentido a pesquisadora destaca o comprometimento da equipe pedagógica em incorporar as questões étnico-raciais nas práticas educacionais, evidenciado pela atuação da professora Roberta Tavares de Albuquerque Menezes. Com especialização em Cultura Afro-brasileira, a professora desempenhou um papel importante tanto na implementação de políticas públicas quanto na valorização cultural. Ao propor e ser aprovado um Projeto de Lei que transformou o Dia da Consciência Negra em feriado municipal, demonstrou uma iniciativa que vai além da sala de aula. A menção ao projeto voltado para o “resgate”³⁰ da dança da suça, e do toque dos tambores, revela a intenção de valorizar e preservar elementos culturais específicos da comunidade. Esse esforço reflete uma abordagem educativa, que busca não apenas transmitir conhecimento, mas também promover a identidade cultural local, contribuindo para a valorização da memória coletiva e o fortalecimento das tradições quilombolas entre as novas gerações.

No ano de 2017, registrou-se um momento importante para o Colégio Estadual Fulgêncio Nunes e a comunidade escolar: a inserção de duas novas disciplinas, relacionadas à identidade da comunidade, no currículo dos estudantes, oriundos de famílias quilombolas e também aos estudantes não quilombolas que estudam nesse

³⁰ O termo "resgate" é problemático no contexto histórico quando se refere a manifestações culturais seculares, especialmente no campo das ciências sociais e humanas, por várias razões. "Resgate" implica que algo foi perdido ou interrompido e que agora está sendo recuperado em sua forma original. Contudo, em relação a práticas culturais, como a dança da suça ou outras tradições seculares, essa palavra, simplifica e distorce o processo de continuidade e transformação cultural. Essas expressões culturais não foram "perdidas" ou "apagadas", mas evoluíram, adaptando-se a diferentes contextos sociais, econômicos e políticos ao longo do tempo. Usar o termo "resgate" ignora a resiliência das comunidades que mantiveram essas tradições vivas, mesmo que de formas adaptadas. Além disso, a ideia de resgate muitas vezes carrega uma conotação de externalidade, sugerindo que alguém de fora da comunidade precisa "salvar" ou "restituir" uma tradição que, na verdade, nunca deixou de existir, embora possa ter se transformado.

colégio: as disciplinas denominadas Cultura Quilombola e Saberes e Fazeres Quilombolas. Com essa medida, tornou-se imprescindível o fortalecimento da manifestação da dança suça e os ritmos das folias, contextualizando assim o estudo da sua história, costumes e tradições. Desse modo há a necessidade de capacitação dos integrantes de forma continuada, estendendo e promovendo junto à comunidade o entendimento do “Ser Quilombola” e todos os desdobramentos relacionados, como a busca de direitos, a preservação dos costumes e tradições.

Ainda em 2017, foi possível a elaboração de um projeto para a aquisição dos instrumentos para a prática da suça³¹. Para que a dança tenha sua história respeitada, eram necessários os instrumentos constitutivos de sua identidade cultural, como os tambores, caixa, pandeiros, viola, os quais tornam a dança da suça solidificada na comunidade, sendo preservada e respeitada sua tradição secular.

Em 2019, após a transferência da professora coordenadora do coletivo para outra cidade, o grupo de suça Tia Zezinha tentou dar continuidade, porém, segundo relato dos estudantes, não conseguiu o apoio necessário para seguir com o grupo na escola. Por outro lado, vale notar que não houve por parte dos órgãos ou setores da secretaria de educação do governo estadual, uma formação relacionada, tanto ao estudo e aprofundamento sobre educação quilombola, quanto a uma educação patrimonial.

O Grupo de Suça Tia Zezinha, esteve em plena atividade de 2015 a 2018 no Colégio Fulgêncio Nunes, na comunidade ou fora dela, marcando um tempo de visibilidade institucional na região e seu entorno. Os ensaios eram semanais na escola ou na casa da coordenadora do grupo. A apresentação da dança ocorreu em eventos nas cidades próximas, como Porto Nacional e Dianópolis, assim como na Semana Cultural da Consciência Negra, nos festejos religiosos da padroeira Sant’Ana e do Divino Espírito Santo, e em outros eventos no decorrer do ano na comunidade de Chapada da Natividade.

O folião Elton Avelino Ferreira ex-integrante do grupo de suça Tia Zezinha do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes expõe assim, em sua narrativa:

Uma das grandes dificuldades de... manter viva a tradição da suça aqui em Chapada é falta... no meu ponto de vista né, falta de influenciadores, de mais influenciadores da dança para tá influenciando é... mais gente, assim... mais nova e tal. Porque talvez até a pessoa gosta, digamos assim, uma criança talvez gosta, mais não tem o incentivo de alguém ensinar ou explicar como que é a dança, como faz né.

³¹ Como idealizadora e coordenadora do Grupo de suça Tia Zezinha do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes de 2015 a 2018, elaborei um projeto em 2017, para aquisição dos instrumentos e vestuários de suça. O projeto intitulado *Projeto Preservando Nossas Raízes* a partir da necessidade de preservar, valorizar e perpetuar a musicalidade tradicional da região – a alegre suça.

Na narrativa apresentada, podemos perceber algumas questões relacionadas à preservação da tradição cultural da dança suça em Chapada e, uma das principais dificuldades destacada é a falta de pessoas que tenham o conhecimento e habilidades necessárias para ensinar e promover a dança da suça entre as gerações mais jovens. Isso em médio ou longo prazo poderá resultar na falta de incentivo para que as crianças e jovens se envolvam e aprendam sobre a suça. Mesmo que haja interesse por parte de pessoas mais jovens, a ausência de figuras que possam ensinar e explicar a dança pode impedir que esse interesse se concretize em prática. Portanto, essa narrativa destaca a importância de preservação e transmissão das tradições locais. Por isso é importante fomentar na escola as práticas culturais da comunidade de Chapada da Natividade.

Outro elemento importante, sobre a educação nas comunidades quilombolas referem-se as metodologias de ensino que podem ser estendidas para abranger diversos aspectos da cultura local, incluindo, mas não se limitando, à culinária tradicional, às expressões musicais, às práticas religiosas e às tradições que são passadas oralmente de geração em geração. Ao incorporar exemplos concretos e estudos de caso dessas práticas culturais no currículo, é viável promover um ambiente de aprendizado que não apenas abarca, mas também enaltece a cultura e a identidade dos estudantes, garantindo uma conexão mais profunda com suas raízes culturais e fortalecendo o senso de pertencimento à sua comunidade. A pesquisadora Maria de Jesus Pereira da Silva (2022), em sua dissertação *os desafios da atuação docente na comunidade quilombola de Chapada da Natividade - TO: Colégio Fulgêncio Nunes (2012-2019)*, discorre sobre a prática pedagógica no Colégio Estadual Fulgêncio Nunes:

Há exemplos dessas práticas de valorização das experiências vivenciadas pelos alunos a partir das rodas de conversas com os idosos da comunidade, falando de seus costumes e história do quilombo de Chapada da Natividade. Essa prática educativa desenvolvida com os alunos permite que conheçam suas origens, tradições e costumes através da memória dos habitantes mais antigos da região. (Silva, 2022, p. 83).

Portanto, um currículo voltado para os costumes, as tradições culturais, à identidade histórica da comunidade, contribuem para o entendimento do “Ser Quilombola”, da valorização e do pertencimento de suas raízes ancestrais.

Na esfera da preservação patrimonial o termo patrimônio cultural abrange tanto elementos materiais quanto imateriais que detêm importância cultural e histórica para determinadas comunidades ou sociedades. Esta classificação é respaldada legalmente pela Constituição de 1988. Nesta categoria estão incluídos monumentos, construções de

notável valor histórico, objetos artísticos, bem como tradições, rituais e práticas culturais variadas. O estudo e a análise desses patrimônios são cruciais para entender a identidade de um grupo social, seu desenvolvimento ao longo do tempo e as várias influências que moldam sua memória coletiva. Marilena Chauí³², em seu trabalho de 2006, enfatiza que o acesso e a preservação do patrimônio cultural são essenciais para o exercício pleno da cidadania.

Desse modo, promover, na escola, a exploração das tradições quilombolas e a realização das práticas, como a dança da suça, é, portanto, um meio do desenvolvimento do respeito às raízes e aos valores culturais partilhados, bem como da resistência ao preconceito e racismo por meio da autovalorização.

4.2.3 Grupo de Suça Mestre Patricinho

Figura: 25: Apresentação no evento da Consciência Negra no Colégio Estadual Fulgêncio Nunes



Fonte: Arquivo da coordenadora do grupo Mestre Patricinho, Thayssa Amanda. 2023.

O Grupo de Suça Mestre Patricinho é formado atualmente por crianças, adolescentes e jovens da comunidade Chapada da Natividade. Sua formação ocorreu

³² Chauí, Marilena Cidadania Cultural: O Direito à Cultura / Marilena Chauí – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, ISBN-13, 2006.

durante o período da Pandemia, no ano de 2020, quando os adolescentes Thayssa Amanda Carvalhinho, Erlane Miranda dos Santos, e Elton Avelino Ferreira, moradores do quilombo de Chapada da Natividade e que faziam parte do Grupo de suça Tia Zezinha, do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes, entrou em contato com a ex-coordenadora do grupo de suça do colégio, a professora Roberta Tavares de Albuquerque Menezes, (a subscritora desta dissertação), que não mais residia no quilombo de Chapada da Natividade. A vontade dos referidos adolescentes em continuar com a dança da suça no quilombo de Chapada mobilizou os interesses em formar um novo grupo independente da escola.

Através dos contatos via tecnologia (*WhatsApp*) foi criado o grupo de suça. Porém, outro pedido acrescido pelos adolescentes foi que o grupo tivesse um adulto responsável pelo coletivo. A partir de então houve o contato com a presidente da Associação Quilombola Visão de Águia, da comunidade remanescentes de quilombo Chapada da Natividade, na época, a senhora Auderina de Jesus Reis Furtado³³, para que acolhesse o novo grupo de suça da comunidade.

Em seguida, aconteceu a escolha do nome do grupo sendo indicação o nome Mestre Patricinho, por ser um importante defensor da cultura tradicional quilombola e por ter contribuído com seus saberes no grupo de suça da escola (grupo de suça Tia Zezinha). Dessa forma, constituído o Grupo Mestre Patricinho, este tem se apresentado nos eventos da comunidade, assim como sendo convidado para outras atividades externas à comunidade. Um dos integrantes do coletivo, Joaquim Urcino Ferreira Neto de apenas 11 anos, diz que a suça: “*Não pode acabar com a cultura não, tem que continuar... É importante*”. O Mestre Patricinho, 64 anos, relata os obstáculos que tem que vencer para a continuação do Grupo Mestre Patricinho:

[...] Vou falar sobre a dificuldade. A dificuldade é o seguinte: você não acha pessoa que quer tocar. Pra mim aqui, a coisa tá...mais difícil você achar quem quer aprender tocar viola. E a viola... e o suça sem a viola, sem caixa, é sem graça. Só no tambor, é muito sem graça. [...] Os meninos daqui, [...] não quer, não tem interesse de aprender. Eu já pedi demais... [...] tem hora que dá vontade de largar, porque é difícil. Menina mulher, eu acho muito pra por no grupo, mas menino homem, não quer. Além dos que quer entrar, num importa de aprender dançar, quer dançar de todo jeito, e não é assim. [...]A dificuldade tá muito grande, muito grande mesmo. Menino só quer ir, se tiver dinheiro. [...] É muito difícil que tá pra mim aqui, principalmente com o caixa e o violão, que não tem. Aí, eu tenho que tá pedindo a um e outro, [...] eu também não vou desistir. A gente não acha um apoio, [...] que sei que devia ter um

³³ Ver anexo sobre o depoimento da ex-presidenta da associação quilombola Visão de Águia, Auderina de Jesus Reis Furtado, sobre o apoio ao grupo Mestre Patricinho para a estruturação do coletivo.

apoio dos órgãos públicos pra ajudar a gente, mas não tem não! Mas fazer o que né? Deixar cair, nós não podemos deixar.

O mestre também relatou a interferência político partidária, dificultando o avanço de desenvolvimento do grupo Mestre Patricinho. É perceptível a desolação, quanto a esses problemas que são enfrentados no cotidiano desse coletivo. Mas, estão resistindo, para que essa tradição continue viva no quilombo de Chapada da Natividade.

A coordenadora do grupo de nome Thayssa Amanda, lista a composição dos integrantes do coletivo, assim descritos

Mestre Patricinho (Patrício Carvalhinho Pinto 64 anos) cantor; tocador...tudo, kkk; Thayssa Amanda Carvalhinho Motta Diniz (18 anos) -dançarina e tocadora; Renan Rodrigues Oliveira (13 anos) -puxador de tripa; Sheylla Regina Camelo da Costa (16 anos) -dançarina; Sarah Maria de Jesus Oliveira Rabelo (15 anos) -dançarina; Valdir Costa Carvalho (21 anos) -dançarino e tocador; Paulo Henrique do Amaral Camelo (12 anos) -tocador; Joaquim Urcino Ferreira Neto(11 anos)-dançarino; Heitor Teixeira Farias (13 anos) – dançarino; Gleidson Nunes Gonçalves (18 anos) -tocador e cantor; Miguel Morais Pinto(8 anos) -dançarino; Mirian Avelino Ferreira(18 anos) - dançarina.

Thayssa Amanda, com a idade de 18 anos, além de coordenadora é dançarina e tocadora de tambor do grupo de Suça Mestre Patricinho, do quilombo de Chapada da Natividade; em sua narrativa fala da dificuldade de trazer os jovens para participar do coletivo, e assim destaca “É... é meio difícil trazer os jovens né, porque uns não quer e outros... a gente tenta incentivar com postagens, é... com viagens, porque, tipo assim... um quer viajar, outro não, aí, isso incentiva eles com viagem também”. É importante dizer que o novo grupo surgiu da persistência dos jovens quilombolas em manter viva a tradição da dança da suça na comunidade remanescentes de quilombo Chapada da Natividade.

Acreditamos, pela influência de seus familiares que participa dessa tradição, mas, também mostra nesses três jovens, citados anteriormente, o quanto foi importante o trabalho desenvolvido com o grupo de suça Tia Zezinha do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes, do quilombo de Chapada da Natividade, contribuindo para despertar a ideia de pertencimento e identidade dessa expressão cultural nos jovens quilombolas.

O grupo de suça Mestre Patricinho, como um grupo formado por sua grande maioria de crianças, adolescentes e jovens, vem desempenhando o papel relevante na comunidade de Chapada da Natividade. Criando formas de dar visibilidade a essa prática por meio das redes sociais como o seu perfil no Instagram (@grupomestrepatricinho). Vale destacar, que o Mestre Patricinho, acabou fazendo parte do coletivo, pois a sua neta, Thayssa Amanda, coordenadora desse grupo, sempre pediu o apoio do avô, além do

mestre Patricinho já ter envolvimento com as tradições do quilombo, sendo o articulador importante nas participações em festividades e eventos internos e externos.

No quilombo de Chapada da Natividade, essa prática resiste e se faz presente nas festividades religiosas e nos eventos da comunidade. E sendo a suça, uma manifestação secular, de influência afro-brasileira, as heranças ancestrais se encontra nessa expressão cultural que para os participantes é momento de diversão e alegria.

Figura 26: Grupo Mestre Patricinho do quilombo de Chapada da Natividade- TO, no evento da Secretaria dos Povos Originários e Tradicionais do Tocantins no lançamento do Aquilomba Tocantins.



Fonte: Manoel Júnior - Sepot/Governo do Tocantins - 2024

Figura 27: Evento da Secretaria dos povos Originários e Tradicionais: Aquilomba Tocantins, na imagem, Grupo Mestre Patricinho com a Secretária, na época, Narubia Werreria, e, vereadores do quilombo de Chapada da Natividade.



Fonte: Manoel Júnior - Sepot/Governo do Tocantins - 2024

Figura 28: Grupo Mestre Patricinho do quilombo Chapada da Natividade – TO, no evento da Secretaria de Educação do Estado: Poder Afro – Projeto de Combate ao Racismo nas Escolas



Foto: Thayssa Amanda - 2024

Na imagem, temos o Grupo Mestre Patricinho, do quilombo Chapada da Natividade. Da direita para a esquerda, o Diretor Joaquim Francisco de Melo Filho, do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes, a Professora Morgana, Técnica Pedagógica de Educação Jovens e Adultos, Campo, Quilombola e Diversidade, da Secretaria Regional de Educação de Porto Nacional, a Deyze dos Anjos, Técnica em Referência na

Educação Escolar Quilombola; Adalzisa Ramos dos Santos, Gerente dos povos Tradicionais e Educação do Campo da Secretaria Estadual de Educação do Tocantins.

Dessa forma, a suça no quilombo de Chapada da Natividade, vem resistindo, fortalecendo - se, ganhando proporções de visibilidade, como podemos observar a partir de vários convites para eventos, como da Secretaria dos Povos Originários e Tradicionais, no evento Aquilomba Tocantins³⁴, ocorrido em 26 de março do corrente ano e da Secretaria de Educação do Estado, Poder Afro – Projeto de combate ao racismo nas escolas³⁵, ocorrido no dia 13 de junho de 2024, em que, o grupo Mestre Patricinho apresentou o batuque de suça.

4.3 O silêncio dos tambores de suça

Figura 29: Os tambores, pandeiro e chapéus dos tocadores de Suça do Quilombo de Chapada da Natividade



Fonte: Emerson Silva, 2021.

A pandemia de COVID-19 teve um grande impacto no Brasil durante os anos de 2020 a 2022. Em 2020, o país enfrentou um aumento no número de casos e mortes devido

³⁴ Informações: <https://www.to.gov.br/sepot/noticias/cerca-de-20-comunidades-quilombolas-prestigiam-lancamento-do-aquilomba-tocantins/2kd3lgwstcy1>

³⁵ Informações: <https://www.to.gov.br/secom/noticias/governo-do-tocantins-institui-projeto-poder-afro-com-investimentos-de-r-20-milhoes-em-combate-ao-racismo-nas-escolas/3of2q3y3e2gr>

ao vírus. O sistema de saúde brasileiro, já sobrecarregado e com deficiências estruturais, enfrentou grandes desafios para lidar com a demanda crescente por leitos hospitalares, equipamentos médicos e profissionais de saúde.

Diversas medidas foram feitas de forma tardia, pois o governo federal, em específico, o poder executivo, negava a pandemia. Para tentar conter a propagação do vírus, com pressão da sociedade, dos governos estaduais foram tomadas medidas como distanciamento social, o uso de máscaras faciais, o fechamento de escolas e comércios não essenciais, e também restrições de viagens.

No entanto, a falta de coordenação entre os diferentes níveis de governo, além de desinformação e negação da gravidade da pandemia por parte de autoridades políticas, contribuiu para a disseminação do vírus. Em 2021, o Brasil continuou a enfrentar desafios relacionados à pandemia. Houve uma segunda onda de infecções, que levou a um aumento ainda maior no número de casos e mortes. Novas variantes do vírus surgiram, algumas das quais eram mais transmissíveis e potencialmente mais graves.

A vacinação contra a COVID-19 começou em janeiro de 2021 no Brasil³⁶, mas enfrentou obstáculos como à falta de doses suficientes, a lentidão na distribuição e a hesitação da população em relação à vacina. Isso colaborou para um progresso mais lento do que o esperado na imunização da população.

Nesse contexto, nas comunidades de remanescentes de quilombo no Brasil, as preocupações eram crescentes sobre o desmantelamento das políticas públicas³⁷. Esse desmantelamento ocorreu principalmente devido a uma série de mudanças políticas, econômicas e ambientais que afetaram negativamente essas comunidades historicamente marginalizadas. O governo coordenou cortes nos orçamentos de órgãos e programas responsáveis por apoiar as comunidades quilombolas. Isso incluiu diminuição nos recursos destinados à titulação de terras quilombolas, programas de desenvolvimento socioeconômico e acesso a serviços básicos, como saúde e educação.

Houve uma restrição na atenção dada às questões quilombolas em órgãos governamentais e uma atenuação da importância dada às políticas específicas de promoção e proteção dos direitos dessas comunidades. Além disso, alguns programas e

³⁶Informe:<https://portal.fiocruz.br/noticia/vacinacao-contracovid-19-no-brasil-completa-um-ano#:~:text=Compartilhar%3A,a%20Covid%2D19%20no%20Brasil>.

³⁷De acordo com as informações no referido informativo: <https://stu.org.br/o-stu-e-contras-politicas-ultraliberais-e-negacionistas-adoptadas-pelo-governo-bolsonaro/>

políticas voltados para as comunidades quilombolas foram descontinuados ou enfraquecidos.

As comunidades quilombolas dependem de suas terras ancestrais para sua subsistência e identidade cultural. No entanto, essas terras diariamente enfrentam ameaças de desmatamento, grilagem, invasões e projetos de desenvolvimento que impactam negativamente o meio ambiente e os modos de vida tradicionais dessas comunidades. A falta de proteção e apoio governamental tornou essas ameaças ainda mais graves durante o período mencionado.

Durante a pandemia de COVID-19, as comunidades quilombolas foram particularmente afetadas, devido à falta de acesso a serviços de saúde adequados, condições de vida precárias e exposição a fatores de risco adicionais. No entanto, houve uma falta de resposta adequada por parte do governo para lidar com essas questões, exacerbando ainda mais as desigualdades existentes.

Nas observações e conversas com moradores de comunidades tradicionais e quilombolas, a pandemia também afetou as práticas culturais e tradicionais das comunidades quilombolas, incluindo festejos religiosos e eventos comunitários. O distanciamento social e as restrições de viagens dificultaram a realização dessas atividades, afetando a malha social e emocional das comunidades.

Na comunidade de Chapada da Natividade entre os anos 2020 e 2021, os praticantes de suça não puderam apresentar a dança nem nos festejos religiosos e nem em eventos do quilombo ou fora dele, uma vez que também os tradicionais eventos estavam suspensos. Segundo a fala de uma participante de suça que assim informou que “*não houve nenhuma apresentação, nem ao vivo, nem on-line*”.

Já no ano 2022, teve início a saída do isolamento e os praticantes de suça da comunidade de Chapada da Natividade voltaram a fazer algumas apresentações com o uso de máscaras faciais e com um número reduzido de componentes, com o objetivo de evitar a aglomeração devido aos cuidados com o vírus. É o que podemos observar na imagem abaixo, através de uma apresentação do Grupo de Suça Mestre Patricinho no Colégio Estadual Fulgêncio Nunes, no ano de 2022.

Figura 30: Grupo de Suça Mestre Patricinho –Apresentação no Colégio Estadual Fulgêncio Nunes



Fonte: Thayssa Amanda Carvalhinho Motta Diniz, 2022.

Com a prática da vacinação e o controle na transmissão do vírus da COVID-19, a comunidade de Chapada da Natividade foi aos poucos retomando as atividades coletivas e a dança da suça voltou a reunir seus praticantes a fazer parte das festividades na comunidade.

Como parte constitutiva da comunidade com relação aos momentos festivos de Chapada da Natividade, a suça contribui com o repertório cultural dos sentidos históricos da vivência no quilombo, reforçando sua ancestralidade e despertando aspectos de pertencimento. Ao dialogarmos sobre a ancestralidade, importante observar como esta relaciona-se com os princípios históricos que sustentam práticas ou simbologias que perduram no interior de determinadas comunidades ou grupos coletivos.

As culturas negras persistem nos espaços de poder, viver a tradição dos antepassados na comunidade é resistir. Esse conhecimento é perceptível pela religiosidade. Conforme Oliveira:

A ancestralidade assume hoje em dia o status de princípio fundamental diante do qual se organizam tanto os rituais do candomblé, como as relações sociais de seus membros – ao menos nas obras de importantes intelectuais ligados organicamente às comunidades de terreiro. Supostamente fincada na tradição da África tradicional, a ancestralidade espalha-se, como categoria analítica, para interpretar as várias esferas da vida do negro brasileiro – mormente na religião. Legitimada pela “força” da tradição, a ancestralidade é um signo que perpassa as manifestações culturais dos negros no Brasil, esparramando sua “dinâmica” para qualquer grupo racial que queira assumir a identidade de “africano”. (Oliveira, 2007, p. 23).

Nessa perspectiva, cabe destacar a relação da dança da suça na comunidade em estudo como uma manifestação cultural impregnada pela religiosidade, pelo hibridismo, pela integração de crenças que constitui sua raiz afro-brasileira. Assim, a ancestralidade se faz presente nessa “teia” cultural onde os quilombolas do local, celebram os momentos dos festejos católicos, bem como eventos sociais e políticos.

Tal aspecto pode ser percebido na fala da Mestreira de suça Dona Generosa Ferreira Camelo, moradora do quilombo de Chapada da Natividade, em que reforça a forte relação da suça com o catolicismo popular: “*A Chapada sempre teve suça, e nós dançava no mês de julho, festejo de Sant’Ana. Tem suça no festejo do Divino, de Sant’Ana e em outros festejos, assim queira. Tem na festa do Livramento, de São Sebastião*”.

Sobre o entendimento do que pode ser abordado sobre o hibridismo, Stuart Hall, assim discorre que:

A proliferação e a disseminação de novas formas musicais híbridas e sincréticas não podem mais ser apreendidas pelo modelo centro/periferia ou baseada simplesmente em uma noção nostálgica e exótica de recuperação de ritmos antigos. É a história da produção da cultura, de músicas novas e inteiramente modernas da diáspora – é claro, aproveitando-se dos materiais e formas de muitas tradições musicais fragmentadas. (Hall, 2003, p. 38).

Nesse sentido, é perceptível que a dança da suça é uma expressão híbrida, pois está sempre em construção, em estreito diálogo com um mundo globalizado, repleto de mudanças e concepções. Como manifestação secular, acompanha o movimento das redes sociais, também sofrendo com a desigualdade nas relações de poder e das faces diversas da discriminação, quando exposta, também afetando questões psíquicas, políticas, econômica e cultural. Stuart Hall afirma que:

Não se quer sugerir aqui que, numa formação sincrética, os elementos diferentes estabelecem uma relação de igualdade uns com os outros. Estes são sempre inscritos diferentemente pelas relações de poder – sobretudo as relações de dependência e subordinação sustentadas pelo próprio colonialismo. (Hall, 2003, p. 34).

As estruturas de poder têm um papel na configuração e interpretação nas interações entre culturas diferentes. É o que se observa na comunidade de Chapada da Natividade, a partir da narrativa de um dos integrantes do grupo de suça (julho de 2023), quando diz que não pôde apresentar a dança da suça no mastro da padroeira por proibição do pároco.

A manifestação cultural afro-brasileira, a dança da suça, na comunidade de Chapada da Natividade pode ser entendida como forma de resistência e afirmação

identitária, que desafiam estereótipos, e luta por sua valorização social e cultural. É importante ressaltar que no processo de sua permanência, a suça enfrentou e enfrenta a discriminação racial, a falta de apoio institucional no seu reconhecimento e custo financeiro, essa manifestação cultural (Suça), por muito tempo, foi “invisibilizada”, e ainda é vista por alguns, de forma pejorativa, associando o batuque de suça ao “mal” e não se percebe interesse dos órgãos públicos, em empenhar recursos financeiros, para a cultura popular.

Nesse aspecto, é necessário promover políticas públicas inclusivas como garantia de espaços de visibilidade para as expressões culturais de natureza afro-brasileiras, reconhecendo a importância na construção da identidade marcada pela diversidade cultural e sua inclusão social.

Caminhando na direção de abordagem sobre políticas públicas, em 2021, a comunidade de Chapada da Natividade foi contemplada com o edital da Lei Aldir Blanc³⁸. Importante destacar que o referido contexto da pandemia, atendeu de forma emergencial no auxílio financeiro, artistas e agentes da cultura em todo o país. Vale ressaltar que essa verba do edital só foi possível atender a comunidade de Chapada da Natividade por meio de uma rede de comunicação entre o produtor cultural Diego Britto integrante da Associação Ninho Cultural³⁹ com a produtora cultural que morou na comunidade, contribuindo e fazendo a ponte com a associação quilombola Visão de Águia. O folião quilombola Patrício Carvalhinho Pinto em sua fala diz o que o Grupo Mestre Patricinho da comunidade de remanescentes de quilombo Chapada da Natividade adquiriu com o recurso oriundo da Lei Aldir Blanc, em 2021:

Esse recurso foi muito bom sim, porque serviu pra nós comprar os figurinos, serviu pra nós comprar os instrumentos, né e... e sobrou alguma coisinha pra gente. Então essa lei Aldir Blanc ajudou a gente muito, né. A gente comprou os instrumentos, comprou é... o som, ah... e comprou é... o que foi mais... foi os instrumentos mesmo e o som né. Então foi muito bom né. Porque incentivou a, as... os... o grupo né, foi um incentivo muito bom pro grupo. Então foi muito importante essa lei que saiu pra ajudar a gente. No começo já saiu ajudando nós né, a lei de 2021 foi muito bom pra nós.

³⁸ Sancionada a Lei nº 14.017/20, conhecida como Lei Aldir Blanc, voltada para ações emergenciais da área da cultura e cujos recursos serão operacionalizados pelo Transferegov.br. Trata-se de um auxílio emergencial, por meio da liberação de até 3 bilhões para estados e municípios, com recursos oriundos, em sua maioria, do Fundo Nacional de Cultura (FNC). <https://www.gov.br/transferegov/pt-br/sobre/lei-aldir-blanc/sobre-lei-aldir-blanc> Art. 1º Esta Lei institui a Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura, baseada na parceria da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios com a sociedade civil no setor da cultura, bem como no respeito à diversidade, à democratização e à universalização do acesso à cultura no Brasil. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/lei/114399.htm#:~:text=1%C2%BA%20Esta%20Lei%20institui%20a,acesso%20%C3%A0%20cultura%20no%20Brasil.

³⁹ O Ninho Cultural é uma associação sem fins lucrativos que investe na emancipação de artistas e grupos culturais do Tocantins através da economia criativa. <https://www.ninhocultural.com.br/>

Outra política pública que trouxe recursos financeiros para o setor da cultura foi a Lei Paulo Gustavo⁴⁰. Essa lei também foi publicada no contexto da pandemia, atendendo de forma o conjunto de artistas e fazedores de cultura, afetados duramente pelo impedimento das apresentações em público, como shows, eventos, festejos. Cabe dizer, que o benefício das políticas públicas foi conquistado com muita luta da classe artística, setores da sociedade civil, frente a resistência do poder executivo, que impedia sua implementação, em um contexto de disputas políticas e acirrado recrudescimento do campo da arte no governo vigente, cabendo a implementação de uma ação da Suprema Corte, para execução da lei.

Assim, vale destacar que as diversas manifestações artísticas e tradicionais, a exemplo da dança da suça na comunidade de Chapada da Natividade, foram contempladas com as políticas públicas de incentivo pela sua permanência, ganhando força sobretudo, com a mudança de governo, em janeiro de 2023, com a reativação do Ministério da Cultura e lançamento de vários incentivos nessa área.

4.4 De que forma a suça ajuda construir a identidade quilombola

Como expresso ao longo desse trabalho, reforçamos que a dança da suça tem um papel na construção e fortalecimento da identidade quilombola de Chapada da Natividade, trazendo consigo, uma série de elementos culturais, históricos e sociais para a comunidade. Através dessa expressão secular, encontram uma cultura quilombola, que transmite e busca afirmar seu pertencimento e preservar suas tradições.

Voltando ao estudo de Stuart Hall (2006), podemos entender a relação da suça e sua significação

[...] À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (Hall, 2006, p. 13).

⁴⁰ A Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar nº 195/2022) viabiliza o maior investimento direto no setor cultural da história do Brasil. São **R\$ 3.862.000.000,00** (três bilhões oitocentos e sessenta e dois milhões de reais) para a execução de ações e projetos **em todo o território nacional**. A Lei é, também, um símbolo de resistência da classe artística. Foi aprovada durante a pandemia de Covid-19, que limitou severamente as atividades do setor. É, ainda, uma homenagem a Paulo Gustavo, artista símbolo da categoria, vitimado pela doença. <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/lei-paulo-gustavo/central-de-conteudo/apresentacao-da-lei>

Nesse aspecto, ao compreender a dança da suça, enquanto prática tradicional de tempos remotos, é necessário relacionar as mudanças com que também foi afetada ao longo de sua permanência nas comunidades, na dinâmica das necessidades sociais e históricas que se fez presente nas festividades. De acordo, com Hall (2006), as identidades não são fixas, mas fluidas e podem mudar ao longo do tempo, dependendo do contexto social, cultural e individual.

Observamos que na comunidade de Chapada da Natividade, a suça não é apenas uma dança, mas sim está presente na história e ancestralidade dos praticantes e simpatizantes dessa prática secular. Ao praticá-la e compartilhá-la com as gerações mais jovens, os remanescentes quilombolas estão transmitindo não apenas movimentos e ritmos, mas também expressando a herança cultural que os define.

A suça percorre o caminho da oralidade, onde seus praticantes repassam os saberes aos outros participantes mais jovens. Geralmente essa transmissão se dá entre famílias. Ao ouvirmos as narrativas dos suceiros e suceiras, vemos que sua prática e sentidos é transmitida em sua maioria pelos familiares. O Mestre Patricinho, como é chamado o senhor Patrício Carvalhinho Pinto comumente na comunidade, é quilombola, folião, e integrante de vários grupos de suça como Dona Maria, grupo de suça Mestre Patricinho (que leva seu nome) e suça Mãe Ana. Os dois primeiros grupos são da Chapada da Natividade e o último, da cidade de Natividade.

Figura 31: Grupo de Suça Tia Zezinha no Evento da Consciência Negra na comunidade de Chapada da Natividade



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2018.

Em sua entrevista, o referido mestre, declara que aprendeu a suça com a avó Dona Germana dos Reis Gomes. Assim, ele narra:

Germana dos Reis Gomes, minha avó, aí ela tinha um tambor, ela mesmo ensinava os meninos dançar e eu era pequenino véi e os outros maiorzinho dançava né, e eu sempre ia entrar no meio, ali gostando do barulho, e até ela... um dia ela, eu lembro que ela me chamou: “ei bestinha”, ela me chamava de bestinha, “ei bestinha, vem dançar! Vem cá dançar!” e eu olhava ali, sapatear por detrás dos trens lá, e os outros dançando e eu... até eu entrei no meio também, aí gostei, fui gostando, aí ela.... Aprendi com ela, aí, folia posava lá, aí a gente... quando as folias terminavam de rezar os benditos, é... tinha o suça né, sair lá pra fora e dançar o suça lá fora, que até hoje tem, e por ali a gente ia... a gente foi aprendendo. Ai eu... não sei mais ou menos, não tem a lembrança de quantos anos ao certo. Comecei dançar.. ainda estava novo ainda. Aí eu comecei a dançar, e aí, o povo foi... Na hora que tinha uma folia, eles me empurrava pra me ir dançar; “vai dançar que você sabe, você sabe”, até naquilo, aí eu fiquei. Ai eu fui e dancei né, aprendi um pouco.

Essa transmissão de valores, costumes e narrativas cria uma ponte entre o passado e o presente, garantindo que as histórias daqueles que vieram antes, não se percam no tempo. Além disso, a suça se coloca como uma manifestação de pertencimento pelos seus praticantes. Sua ascendência africana representa a tradição da identidade quilombola, constituindo-se um registro visual de força e resistência da comunidade em face dos desafios históricos.

Dona Generosa, 84 anos, quilombola, mestra de suça do grupo Dona Maria da Associação Quilombola Visão de Águia, diz:

Aprendi a dançar a suça, lá na fazenda, através da folia, a folia pousava na minha casa, tinha suça quase a noite toda, os folião cantava suça e nós dançava. Era uma turma! (nostalgia). Depois de idade, quando eu já casada, aprendi a dançar suça. Eu pequena, via minha vó Ana Dunísa dançar, achava tão bonito, e aí, eu aprendi a dançar.

Figura 32: Mestra Generosa

Fonte: Rafael Trapp. 2023.

A partir das narrativas dos praticantes de suça, entendemos que há uma relação de identidade, de pertença, com essa expressão cultural em Chapada da Natividade, que é fortemente vivenciada nas datas comemorativas e eventos importantes, como também fora da comunidade.

Ainda buscando referência nas considerações de Stuart Hall (2000) em outro estudo que trata na obra “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade”, ele argumenta que a identidade não é algo fixo, mas construído socialmente em contextos específicos. Logo, observamos que a suça está em constante transformação diante dos vários cenários vivenciados em Chapada da Natividade.

Nesse sentido, a dança da suça continua a desenvolver, incorporando elementos modernos e novas interpretações. A percepção dessas novas interpretações a partir da criação de grupos de suça e sua apresentação em eventos fora do caráter religioso, caracteriza-se como um incentivo a sua preservação na comunidade.

Nesse sentido, a dança da suça continua a desenvolver, incorporando elementos modernos e novas interpretações. A percepção dessas novas interpretações a partir da criação de grupos de suça e sua apresentação em eventos fora do caráter religioso, caracteriza-se como um incentivo a sua preservação na comunidade.

Dona Jovelina Pinto de Cerqueira uma das articuladoras para que Chapada da Natividade fosse reconhecida como comunidade de remanescente de quilombos, já atuou na presidência da Associação Quilombola Visão de Águia e foi coordenadora do Grupo de suça Dona Maria, que recebeu o nome da mãe dela, na comunidade de Chapada da Natividade. A quilombola dona Jovelina assim diz: “[...] *O suça é uma dança assim, muito importante na comunidade porque chama bem atenção do pessoal, do jovem, e assim outras pessoas. Já saiu pra fora, pra outras apresentação né, e está continuando bom.*” A partir da narrativa da entrevistada, evidenciamos o pertencimento da manifestação cultural em Chapada da Natividade.

Nesse aspecto, o “continuar bom” na visão da dona Jovelina, pode ser entendido na maneira como a suça contribui para consolidação da identidade, na medida que esta é ajustada por fatores sociais e culturais, como a linguagem, a história, as práticas culturais e as relações de poder (Hall, 2000). Em Chapada da Natividade, essa expressão tradicional está em constante mudança o que significa que a dança não permanece inerte ao longo do tempo, mas sim responde aos diversos cenários vivenciados pela comunidade diante das transformações sociais, econômicas e culturais.

Portanto, a identidade cultural e suas manifestações como a dança da suça, não são fixas, mas dinâmicas, influenciadas pelos contextos vigentes, onde estão inseridas. Isso ressalta a importância de entender a cultura como algo fluido e em constante mudança.

Importante nesse aspecto, considerar o conceito de cultura. Sobre isso, ainda de acordo com Stuart Hall (2003), pode ser visto como:

[...] os sentidos e valores que nascem entre as classes e grupos sociais diferentes, com base em suas relações e condições históricas, pelas quais eles lidam com suas condições de existência e respondem a estas; e também como as tradições e práticas vividas através das quais esses entendimentos são expressos e nos quais estão incorporados. (Hall, 2003, p. 142).

Assim sinaliza o autor que os significados e os princípios que emergem entre classes e grupos sociais distintos são mediados pelas relações e circunstâncias históricas que constituíram suas existências e dirigem sua resposta àquelas condições. As tradições e as práticas que são experimentadas pelos praticantes de suça no quilombo de Chapada da Natividade são vivenciadas intensamente e estão incorporadas nos saberes e fazeres da comunidade.

Por outro lado, buscando em Maurice Halbwachs (2004), os estudos sobre a memória coletiva e sua construção social, vamos entender como as memórias são

moldadas pelas interações sociais e pela maneira como um grupo percebe seu passado. Dessa forma, os participantes da suça compartilham uma memória coletiva, não apenas nos movimentos das danças, mas também sobre a história, os costumes e as tradições associadas a ela, ou que remetem sua prática. Assim, pode-se dizer que se coloca como uma expressão cultural que carrega a memória da comunidade.

A forma como a comunidade valoriza e preserva essa dança reflete sua percepção do passado e sua identidade cultural. É o que se observa na entrevista com a quilombola, Secretária Municipal de Cultura Desporto e Turismo e fiscal da associação comunitária dos quilombolas de Chapada da Natividade Visão de Águia, senhora Katiane Dionísio de Santana. Suceira ou dançadeira (como é chamado a pessoa que dança a suça), assim pontua: *“Chapada da Natividade é uma comunidade quilombola. E a importância de ter um grupo de suça na comunidade, vai mostrando nossa identidade, a nossa herança, fazendo assim, mostra para a comunidade e o mundo que nosso quilombo é um povo forte de lutas e histórias”*.

A partir das narrativas dos entrevistados, o foco do estudo que é a suça, identidade em Chapada da Natividade, evidencia que o escopo da pesquisa foi alcançado. Portanto, a suça desempenha um papel social importante, pois sendo frequentemente realizada em grupo, possibilita a criação de uma atmosfera de colaboração e coesão. Essa coletividade reflete a unidade quilombola e fortalece os laços entre os membros.

Além disso, ao se apresentarem e compartilharem a suça com outras comunidades e o público em geral, os quilombolas de Chapada da Natividade estão reavendo seu espaço na sociedade e promovendo uma compreensão desse Brasil profundo e suas tradições. Contudo, a suça é um fio condutor da identidade quilombola nesse quilombo, conectando o passado com o presente, promovendo a união e desempenhando um papel na preservação do seu povo.

Recorrendo ao sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990, p. 75-76) o qual expõe “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada”. Nesse entendimento, como prática secular, mesmo com movimentos diversos e alterados no seu fazer, a suça é muito mais do que uma dança, é a representação da força, da resiliência que a comunidade quilombola, resguardou como fio de memória na afirmação de sua identidade cultural.

4.5 Leituras e representações: a suça no espaço escolar do colégio Fulgêncio Nunes

A partir da leitura do historiador francês Roger Chartier (2011) buscamos entender as reminiscências e reproduções sobre a prática da suça, junto ao grupo de estudantes, professores e alguns coordenadores pedagógicos da escola Fulgencio Nunes. Para o autor, a relação entre práticas e representações ou vice-versa, pode servir como dimensão no entendimento às construções e simbologias mobilizadas pelos agentes sociais em determinado contexto histórico.

Assim pontua o autor:

Não existe história possível se não se articulam as representações das práticas e as práticas da representação (...) sempre a representação das práticas tem razões, códigos, finalidades e destinatários particulares. Identificá-los é uma condição obrigatória para entender as situações ou práticas que são o objeto da representação (Chartier, 2011, p. 16).

Nesse aspecto, as representações das práticas que envolveram a suça por parte da comunidade escolar foi obtida a partir da aplicação e análise de um questionário. Tomou-se como primeiro grupo, as turmas finais do ensino fundamental e médio, onde buscamos observar o grau de conhecimento dos estudantes sobre a dança e a percepção de sua importância enquanto manifestação cultural na escola, no fortalecimento de uma identidade quilombola resistente na vida das comunidades e pessoas envolvidas.

Ao todo participaram 62 estudantes, sendo 42 do nono ano do ensino fundamental e 20 estudantes da turma final do ensino médio. A faixa etária de idade compreende entre 14 anos e 20 anos. Foram elaboradas dez questões fechadas, registradas em papel e distribuídas nas turmas participantes do nono ano e do terceiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes. O questionário foi respondido por um número maior de estudantes do gênero masculino, num total de 35, e do gênero feminino, obtivemos 27 respostas.

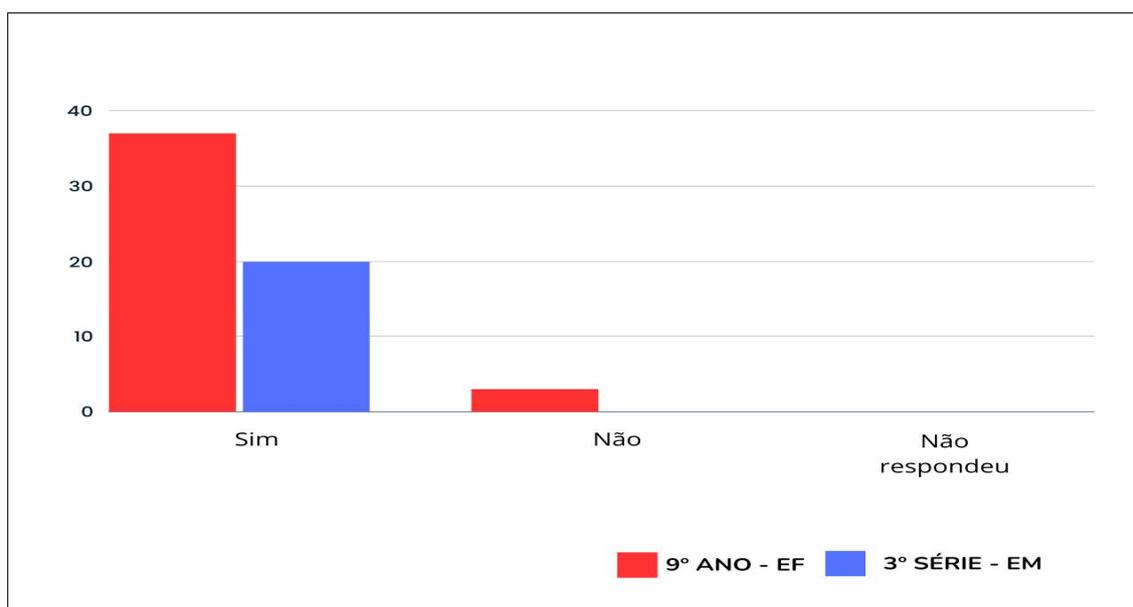
O questionário aplicado aos estudantes tratou sobre a manifestação cultural da dança da suça como uma ferramenta pedagógica para a escola e para a promoção da educação escolar quilombola. Ao analisar os dados coletados, a escola pôde obter concepções importantes sobre o conhecimento prévio dos alunos acerca da suça. Além disso, a análise dos dados possibilitou identificar lacunas no currículo escolar relacionadas à história e cultura quilombola, bem como destacar a necessidade de maior valorização e integração desses elementos no ambiente educacional. O que poderá levar

a obter iniciativas para desenvolver e implementar materiais didáticos mais abrangentes e representativos, incluindo a dança da suça como parte integrante do currículo.

Outro aspecto, está em facilitar parcerias entre a escola e a comunidade promovendo atividades educativas e culturais que enriqueçam a experiência dos alunos e fortaleçam os laços com suas origens e identidade quilombola. Nesse sentido, podemos dizer que a análise dos dados obtidos sobre a dança da suça representa relevante contribuição para a escola e para o empoderamento da educação quilombola, pois fornece o desenvolvimento de práticas educacionais mais inclusivas, com um olhar voltado à diversidade cultural e alinhadas com as necessidades e realidades da comunidade quilombola.

Dito essa consideração, observamos os gráficos na sequência, que constam a questão aplicada no questionário e respectivas respostas.

Gráfico 1: Você conhece ou já ouviu falar sobre a dança da suça?



Fonte: a autora – 2024

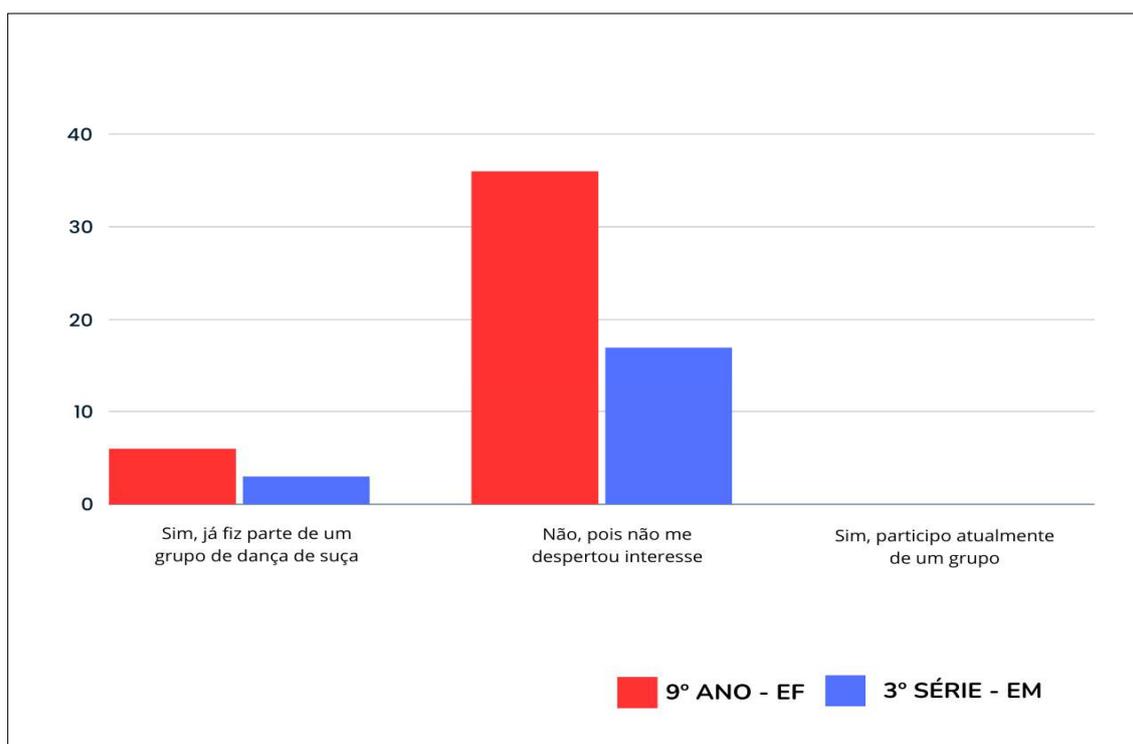
O gráfico demonstra que a maioria dos estudantes entrevistados (as) do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes, possui conhecimento ou ao menos ouviu falar sobre a dança da suça, o que configura ser uma manifestação expressiva na comunidade remanescente de quilombo de Chapada da Natividade, até porque está diluída e presente nos festejos do Divino Espírito Santo, nos pousos de folia, quando ao terminar as rezas, os benditos, todos vão para o terreiro da casa e dançam a suça. Além desse festejo, encontramos nas festividades da padroeira Sant'Ana, Santo Reis, nos eventos municipais, além dos eventos

escolares e na Semana Cultural da Consciência Negra. Assim, observa-se as “práticas” da suça na cidade e no campo são locais em que muitos dos estudantes veem acontecer a tradição presente. Eles vivem com essa expressão tradicional na comunidade.

Ao percebermos que a maioria desses estudantes possuem conhecimento sobre a dança da suça na comunidade de Chapada da Natividade, podemos perceber uma ligação com as ideias de Morin (2000). Ele reconhece que o conhecimento não é apenas uma reprodução objetiva da realidade, mas uma interpretação e reconstrução dela dentro do contexto específico, assim como ocorre com a dança da suça.

Dessa forma, Morin (2000) e o estudo do gráfico enfatizam a importância de se compreender o conhecimento que os estudantes do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes possuem sobre essa manifestação cultural, como um processo de interpretação e reconstrução da realidade, influenciado pelo contexto e pelo modo de ver a suça.

Gráfico 2: Você dançou ou fez parte de algum grupo de dança da suça?



Fonte: a autora – 2024

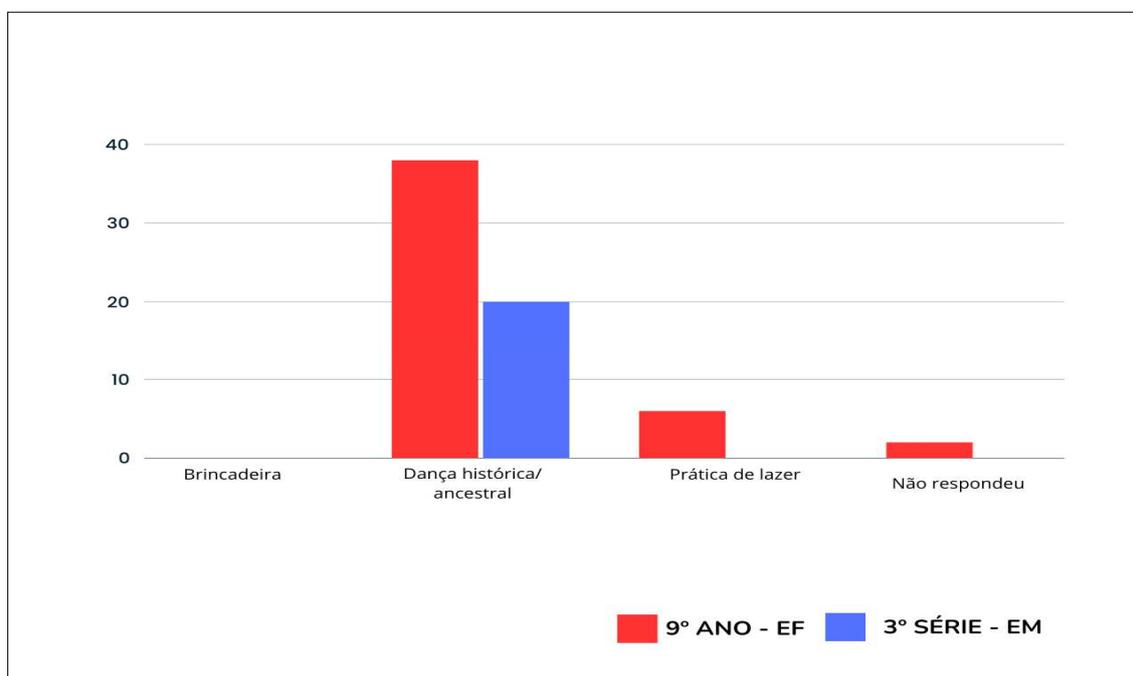
Na segunda questão, o gráfico apresenta o desinteresse da maioria dos estudantes pela dança da suça. Isso pode ocorrer por diversos fatores, desde atribuir que a dança tradicional só é para os mais velhos, e até ter uma visão discriminatória como apresentamos na narrativa de alguns praticantes de suça no segundo capítulo, não haver quem incentive os estudantes para a prática da suça. Outro elemento a ser considerado

consiste na falta de apoio dos órgãos públicos educacionais para a garantia de uma formação que valorize os costumes e tradições dos estudantes quilombolas. Sobre a educação escolar quilombola, a pesquisadora Maria de Jesus Pereira dos Santos (2022), expõe:

Reforça-se ainda a necessidade de reconhecer os seus próprios modos de vida, suas culturas, tradições e memórias coletivas, tornando elementos primordiais para formação da identidade da criança, adolescentes e adultos, valorizando o papel dos mesmos na produção de conhecimento sobre o mundo, reafirmando o pertencimento étnico, tal como a flexibilização curricular e do calendário a partir das demandas quilombolas. (Santos, 2022, p. 66).

Por conseguinte, é necessário que a escola busque consolidar de forma cotidiana o trabalho educacional com os costumes, as tradições dos estudantes quilombolas de forma interdisciplinar para que os estudantes consigam ter a percepção de sua raiz e história ancestral. Como diz a pesquisadora e escritora Luana Tolentino⁴¹ (2018), no título de sua obra: “Outra educação é possível”. E é possível uma educação escolar quilombola plena, onde escola e a comunidade estejam interagindo e construindo o currículo para o desenvolvimento de sua ancestralidade e pertencimento.

Gráfico 3: O que a suça representa para você?



Fonte: a autora – 2024

⁴¹ Luana Tolentino é belo-horizontina. Mestra em Educação pela UFOP. Professora de História em escolas públicas da periferia de Belo Horizonte e da região metropolitana da cidade. Suas práticas pedagógicas partem do princípio de que é preciso construir uma educação feminista, antirracista e inclusiva, comprometida com o respeito, com a justiça e com a igualdade. (trecho retirado do livro: *Outra Educação é Possível – Feminismo, Antirracismo e Inclusão em Sala de Aula*. Mazza Edições, 2018).

Sobre a terceira questão, o gráfico evidencia que dentre os 62 estudantes submetidos ao questionário, 58 estudantes perceberam a dança da suça como representação da história ancestral da comunidade. Tais dados revelam a percepção dos discentes quanto a importância dessa manifestação cultural, norteados, sua integração no contexto escolar.

De fato, entre os anos 2015 e 2020, essa inserção ocorreu através de ensaios semanais e da participação em eventos internos e externos da comunidade escolar. Contudo, é importante salientar que tal ação de forma voluntária, se desenvolveu a margem do apoio oficial da Secretaria de Educação do Estado. Por outro lado, com a saída da coordenadora do grupo de suça da escola, trouxe consigo um impasse, conforme narrativas de alguns estudantes que faziam parte do grupo, pois, não tiveram como continuar, devido à ausência de uma pessoa na escola que tivesse disponibilidade semanal para dar continuidade ao projeto da dança da suça⁴².

Nesse cenário, lançamos luz sobre a sobrecarga enfrentada pelos docentes, dentre os quais são raros aqueles que desejam sacrificar seu descanso em favor de uma jornada adicional, ainda que de maneira voluntária. Esta é a dura realidade que se apresenta. Diante desse contexto, torna-se profícuo pensar sobre a adoção de uma abordagem interdisciplinar na comunicação com a dança da suça, integrando-a por exemplo, as disciplinas de Arte, Educação Física, Cultura Quilombola, História, Língua Portuguesa dentre outras áreas do conhecimento.

Além disso, insistimos que a Secretaria de Educação do Estado (SEDUC) possa rever a carga horária do professor que trabalha na escola quilombola com projetos de grupo de danças culturais, de modo a fornecer-lhes condições para a abordagem das tradições quilombolas na escola, visto que a representação dessa prática, conta a história dos antepassados do quilombo de Chapada.

Nesse sentido, para Eloísa Marques Rosa (2015, p. 15) “A Suça é um rastro da cultura negra em movimento e a cultura negra é o movimento da ancestralidade, que por sua vez se movimenta no corpo atual”. A partir dessa percepção observamos que a maioria dos estudantes que respondeu ao questionário e marcaram que a suça representa uma dança histórica e ancestral, coaduna com essa afirmação da pesquisadora Rosa (2015). Pois a dança da suça tem sua trajetória histórica que se faz presente no movimento ancestral, que vemos no batuque dos tambores, na performance da dança.

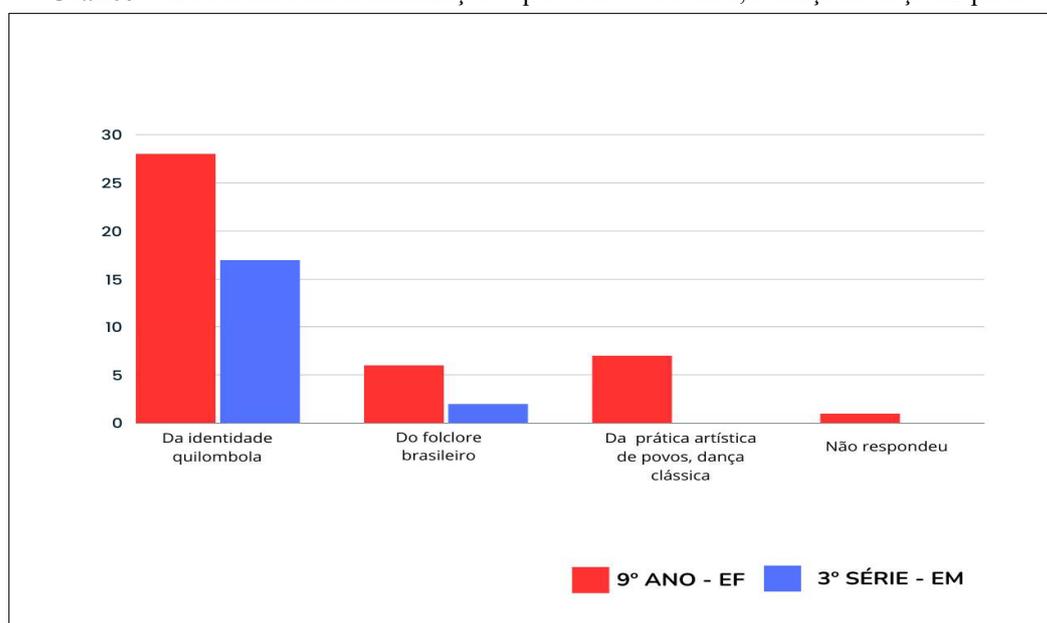
⁴² Alguns estudantes que pertenceram ao Grupo de Suça Tia Zezinha, entraram em contato pelo WhatsApp em 2020, preocupados por não ter mais um grupo de suça atuante na comunidade. Dessa forma, encontramos maneiras de criar um grupo fora da instituição escolar, assim surge o grupo Mestre Patricinho. Mais informações se encontra no tópico 3.2 - *Os coletivos de suça na Comunidade de Chapada da Natividade*.

Nesse aspecto, o historiador Everton dos Andes (2008) expõe que:

[...] o que realmente importa saber é que cantar e dançar sussa representa um momento de reencontro com as raízes e as tradições mais representativas do imaginário coletivo dessa gente. Por outro lado, dançar sussa, hoje, deve ser interpretado como uma atitude, uma postura de afirmação em relação à própria cultura. (Andes, 2008, p. 13).

Andes (2008) em sua pesquisa, discorre sobre a representação da suça como “momento de reencontro com as raízes e as tradições” e por conseguinte, diz que praticar a suça é afirmar sua identidade, sua história cultural. Diante do exposto, a importância dessa manifestação cultural no ambiente escolar fortalece o sentimento de pertencimento a sua história ancestral. (Andes, 2008, p. 13).

Gráfico 4: De acordo com as informações que você teve acesso, a dança da Suça faz parte:



Fonte: a autora – 2024

O resultado do gráfico mostra que a maioria dos estudantes que respondeu ao questionário do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes na comunidade remanescente de quilombo da Chapada da Natividade, veem a suça como parte da identidade quilombola. Stuart Hall (2006), argumenta que a identidade não é algo fixo, mas que está em construção através de processos sociais e culturais. Nesse contexto, os estudantes percebem a dança da suça como parte de sua identidade quilombola em construção.

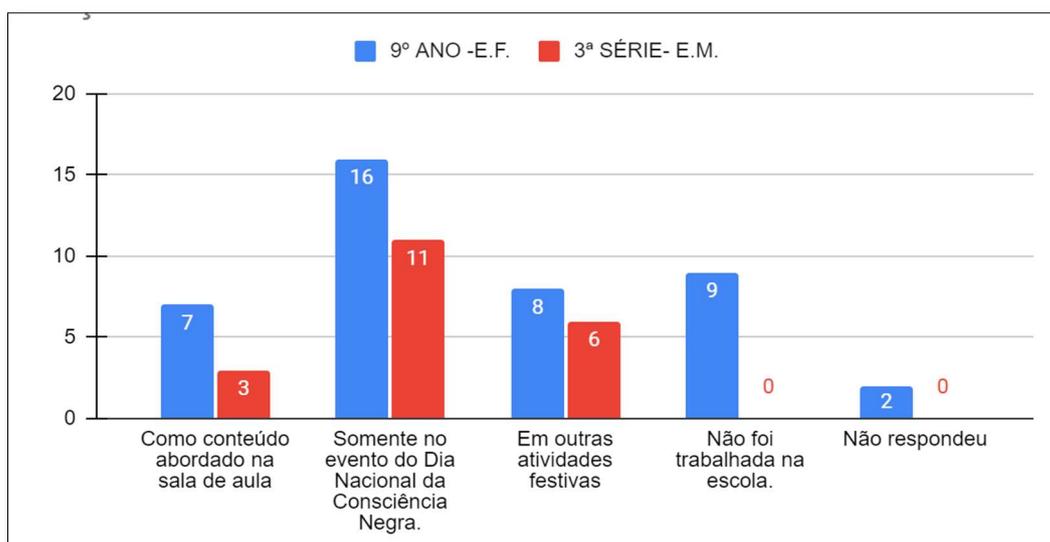
Stuart Hall (2006), discorre sobre a negociação de significados na construção da identidade. Então pode ser que as respostas dos estudantes seja uma forma de negociação quanto ao significado da suça para a comunidade como expressão de sua identidade

quilombola. Também pode ser um símbolo culturalmente significativo para a comunidade refletindo sua história, tradições e valores.

Além disso, a história e valorização das tradições culturais podem favorecer o processo educacional, proporcionando uma educação contextualizada e significativa. Ao incorporar elementos da cultura quilombola, como a dança da suça, nas atividades pedagógicas, os docentes poderão promover uma conexão entre os objetos do conhecimento e a realidade dos discentes. O reconhecimento das manifestações culturais quilombolas, como a dança da suça na educação, pode contribuir para fortalecer a identidade étnica e cultural dos estudantes, fornecendo-lhes ferramentas para o enfrentamento ao racismo e para promover o pertencimento como integrantes de comunidade quilombola.

Logo, o resultado do gráfico evidencia a percepção dos discentes sobre a suça, podendo ser um recurso importante que possibilite uma educação quilombola mais inclusiva, contextualizada e emancipatória. E reconheça as especificidades culturais e identitárias da comunidade quilombola Chapada da Natividade.

Gráfico 5: Em quais ocasiões você presenciou a dança da suça sendo trabalhada na escola?



Fonte: a autora – 2024

De acordo com o gráfico, vinte e sete estudantes entrevistados responderam que a suça é trabalhada na escola no evento da Consciência Negra; dez estudantes entre ensino fundamental e médio, diz ter sido trabalhado em sala de aula e nove estudantes, responderam que não foi trabalhado na escola. Observamos nessas respostas que essa manifestação cultural na escola está sendo trabalhada de forma esporádica. Importante

fomentar – no currículo da educação quilombola – oficinas, rodas de conversas com os mestres e mestras, com os coletivos da comunidade, buscando o conhecimento e fortalecimento da dança no âmbito escolar e conseqüentemente de Chapada da Natividade.

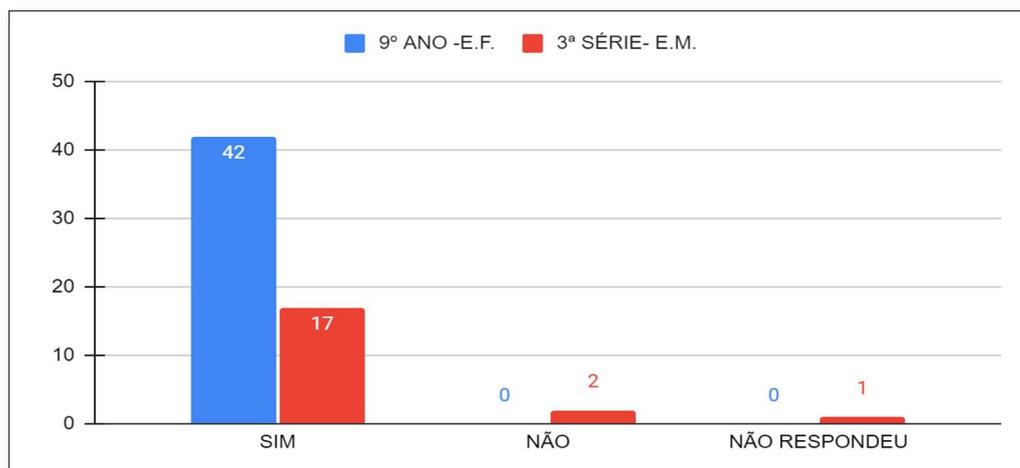
Nesse aspecto, remetemos à compreensão de Morin (2000), que afirma ter a educação um papel fundamental em levar o conhecimento com clarividência, ou seja, ter a capacidade de ver claramente, entender profundamente e ter uma perspectiva global sobre questões. Por esse viés, o ensino desempenha um papel crucial na transmissão de ideias para superar a superficialidade e a fragmentação, permitindo uma compreensão mais profunda e ampla do mundo. A instrução ajuda a ampliar o entendimento dos sujeitos e desenvolver uma consciência crítica em relação a percepção, levando-os a uma erudição mais profunda e integrada das culturas e tradições, que compõem a sociedade.

Assim, na expressão de Morin, a escola tem papel fundamental na oferta de conhecimentos que vão além do mero acúmulo de fatos e informações. Destina-se a ter uma visão clara e perspicaz do mundo capacitar as pessoas para compreender, interpretar e agir de forma responsável perante os desafios da sociedade atual.

Aprender a conhecer é uma das quatro aprendizagens fundamentais propostas pela UNESCO em seu relatório “Educação: um tesouro a descobrir” (2010). Essa aprendizagem diz respeito ao desenvolvimento de habilidades de aprendizagem ao longo da vida, que incluem aprender a aprender, pensar criticamente e resolver problemas.

No contexto da dança tradicional, como a suça em Chapada da Natividade, no Tocantins, aprender a conhecer pode ser aplicado de várias maneiras. Primeiro, os praticantes da dança devem aprender sobre a história e a cultura que fundamentam a dança tradicional, incluindo sua história, significado e papel dentro da comunidade, como forma também de fortalecer laços de pertencimento.

Gráfico 6: Para você é importante a escola trabalhar essa manifestação histórica e cultural da comunidade de Chapada da Natividade?



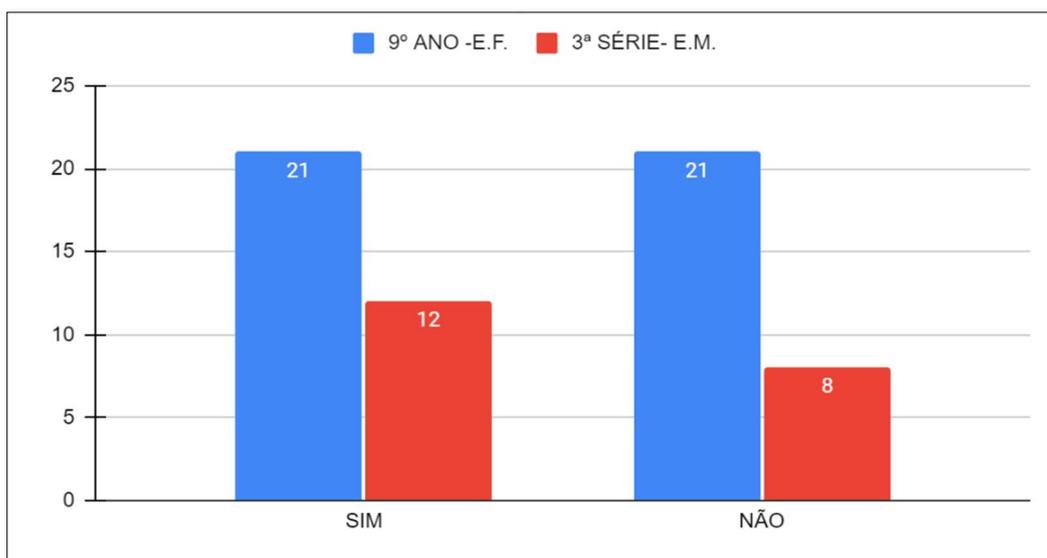
Fonte: a autora – 2024

Como podemos observar no gráfico seis, dos 62 estudantes entrevistados, 59 estudantes julgam importante que a escola trabalhe a dança da suça. A partir dos resultados do gráfico, os discentes classificaram como importante que a escola contemple essa expressão cultural. Observamos o valor atribuído a dança da suça, refletindo o interesse dos estudantes por suas tradições e ressaltando a necessidade de incorporar a suça no ambiente educacional.

Podemos pontuar de forma ampla essa consideração ao referir a instituição da UNESCO que, em seu relatório sobre a diversidade cultural e educação para o século XXI, reforça a importância de reconhecer e promover a diversidade cultural nas escolas como forma de construção por uma sociedade inclusiva e respeitosa. A dança da suça na comunidade quilombola de Chapada da Natividade, oferece oportunidade de os discentes explorar e valorizar suas raízes.

Voltando ao pensamento de Edgar Morin, este destaca em suas obras, uma abordagem inclusiva na educação, que permita a complexidade e interconexão dos conhecimentos. Nesse sentido, a promoção dessa manifestação tradicional no currículo contribui para uma educação que valoriza a diversidade e fortalece a comunidade.

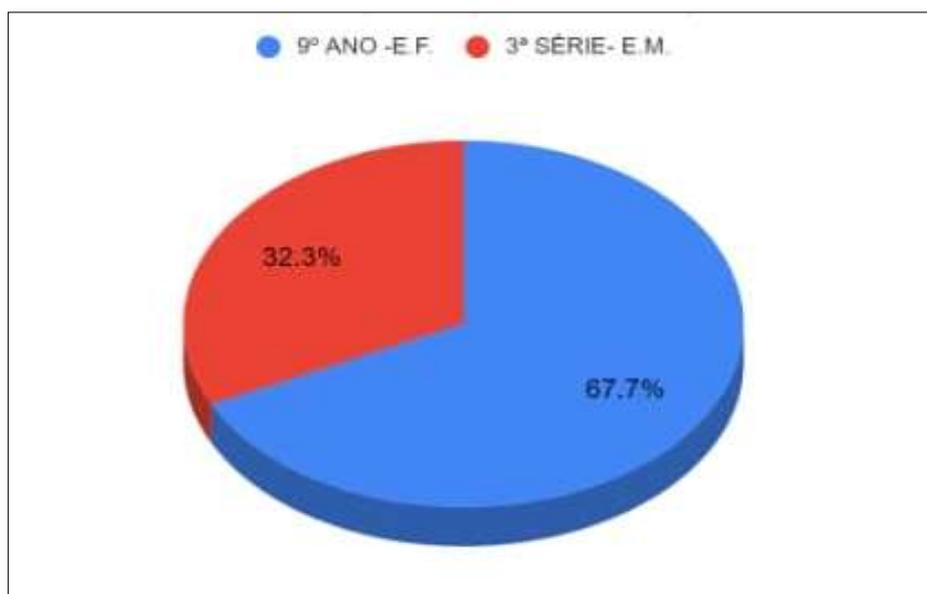
Nesse aspecto, a inclusão da suça no contexto escolar representa uma oportunidade de enriquecer a experiência na área da educação dos estudantes. Então, cabe a escola e aos formadores de políticas, reconhecer e dar apoio a iniciativas que integrem as tradições, a exemplo da dança da suça, no currículo escolar com a finalidade de uma educação que aconteça a partir dos costumes e tradições da comunidade quilombola.

Gráfico 7: Alguém de sua família já participou ou participa dessa manifestação cultural?

Fonte: a autora – 2024

O gráfico apresenta empate entre estudantes da série final do ensino fundamental sobre a participação na dança da suça. Isso pode sugerir que nessa faixa de idade há uma divisão de opiniões ou experiências em relação a prática da suça. Podemos interpretar o resultado de diversas formas, como pode ser distintos os interesses, como também a disponibilidade para a dança da suça entre os discentes.

Já na série final do ensino médio, a maioria já participou ou participa dessa prática em Chapada da Natividade. Esse dado sugere uma mudança na participação à medida que os estudantes progredem nos níveis de ensino. Isso pode ser imputado a diversos fatores, como uma maior conscientização cultural, à medida que os estudantes vão crescendo, maior envolvimento na comunidade ou maior valorização da tradição cultural.

Gráfico 8: Alunos que responderam ao questionário

Fonte: a autora – 2024

Seguindo as análises em relação a dança da suça no Colégio Estadual Fulgêncio Nunes, também responderam aos questionários professores e coordenadores com questões abertas, na finalidade de atingir o objetivo do estudo. No Total foram três professores e uma coordenadora que responderam nove perguntas, sendo que da questão um à questão cinco foram questões relacionadas a identificação, faixa etária, estado civil, formação e função. E as perguntas do seis ao nove referiram -se sobre a suça e sua relação com a educação quilombola. Foram distribuídos o questionário para oito pessoas entre coordenadores e professores. Como já dito anteriormente, somente quatro pessoas responderam.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (2012), na Educação Básica definem que a Educação Escolar Quilombola solicita uma abordagem pedagógica adequada, que respeite as características étnico-raciais e culturais, específica de cada comunidade quilombola. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017) informa ser importante valorizar e usufruir das diferentes manifestações artísticas e culturais, bem como as experiências, o saber, o viver da comunidade.

Nesse sentido, a Educação Escolar Quilombola no Colégio Estadual Fulgêncio Nunes trabalha de forma esporádica as manifestações culturais, as tradições da comunidade quilombola de Chapada da Natividade. A pesquisadora Maria de Jesus

Pereira dos Santos (2022), em seu estudo sobre a Educação Escolar Quilombola no Colégio Estadual Fulgêncio Nunes discorre

[...] que mesmo de forma tímida, a escola não deixou as tradições culturais de uma comunidade quilombola, expressa principalmente nas comemorações durante a Semana da Consciência Negra, caracterizado como sendo um evento relevante para a comunidade escolar. (Santos, 2022, p. 71).

E na sequência Santos (2022), ainda afirma que a:

Educação Escolar Quilombola implantada no Colégio Fulgêncio Nunes, ainda se encontra em construção, desde elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola, e sobretudo, até mesmo a falta de formação inicial e continuada para os professores que enfrenta dificuldades na efetivação dessa modalidade de ensino no referido colégio. (Santos, 2022, p. 71).

Nesse sentido, a análise do questionário respondido pelos estudantes, professores e a coordenadora, poderá fomentar a inclusão da história e prática da suça no currículo escolar, sendo trabalhada de forma integral durante o ano letivo, com o objetivo de fortalecer a identidade quilombola na comunidade de Chapada da Natividade.

A seguir elencamos num quadro, as respectivas respostas dos profissionais da escola que participaram da pesquisa. As questões solicitadas foram colocadas fora do quadro.

Questão 1: Você considera que o Colégio Estadual Fulgêncio Nunes como uma instituição quilombola, contribui para que através da competência da BNCC que versa sobre a valorização das manifestações artística e culturais locais às mundiais, os alunos vivenciem sua identidade e fortaleça sua cultura por meio da dança da suça? De que forma?

Tabela 6: Fortalecimento da suça na escola

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
Professor A	Não vejo a contribuição do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes no fortalecimento cultural, em especial a dança da suça.
Professor B	Sim. Ao passar dos anos, a escola vem buscando caminhar por um caminho em que a nossa cultura esteja sempre presente no meio dos nossos estudantes.
Professor C	No meu ponto de vista a instituição escolar, poderia trabalhar com mais foco esse tema, bem como reestruturar o grupo de suça da instituição, montar um grupo de capoeira, buscar palestra por meio da disciplina de Projeto de Vida também, onde os estudantes que venceram na vida possam dá o seu testemunho de vida. Com essas ações vejo que estaria trabalhando muito a identidade cultura da escola e dos alunos.
Coordenador pedagógico	Sim. Através dos componentes curriculares específicos e pela própria participação nos eventos e manifestações artísticas da comunidade.

Fonte: a autora – 2024

Ao analisar respostas dos professores e do coordenador pedagógico do referido colégio indicado, identificamos algumas observações para o fortalecimento da dança da suça, mas também respostas negativas quanto ao seu desenvolvimento curricular.

Podemos constatar na resposta do professor A que sua conclusão foi colocada de forma genérica, pois não houve complemento da questão explicitando de que forma a escola não contribuiu para o fortalecimento da dança da suça, ficando a resolução incompleta.

Os professores B e C têm consciência da importância cultural da suça e colocam a necessidade de incluir no ambiente escolar. Também o professor C enfatiza que a escola deve estar focada nessa temática e na reestruturação do grupo de suça da escola, assim como na criação de outros grupos voltados para as manifestações culturais afro-brasileiras, como a capoeira.

O coordenador pedagógico afirma que o fortalecimento da dança da suça acontece por meio das disciplinas específicas e através da participação nos eventos na comunidade. Nesse aspecto, Santos (2022), discorre sobre uma das disciplinas específicas denominada Cultura Quilombola, assim descrita

É sabido que as escolas quilombolas deverão valorizar as respectivas culturas locais, trabalharem com metodologias ativas que dialoguem com os conhecimentos empíricos dos estudantes, contemplando a contextualização dos conteúdos científicos e o estudo da realidade social e cultural dos alunos". (Santos, 2022, p. 74).

Nessa perspectiva, a suça na educação escolar quilombola, constitui expressão cultural na comunidade de Chapada de Natividade e está presente nas festividades, sendo importante sua inserção no currículo, no Plano Político Pedagógico da escola, de forma interdisciplinar, pois é uma expressão que abrange as diversas áreas do conhecimento. Outro aspecto complementar importante está na lei 10.639/2003, que tornou o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira obrigatória na rede de ensino, afirmando em seu artigo 1º § 2º: "Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação artística e de Literatura e Histórias Brasileiras⁴³". É nítido que os estudos da cultura Afro-Brasileira não se limitam as disciplinas específicas, como podemos observar nessa lei. A suça como manifestação afro-brasileira, pode ser trabalhada nas diversas disciplinas, de forma que

⁴³Informação: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs.

os discentes quilombolas se sintam emponderados através de suas tradições, como a dança da suça.

Questão 2: Reconhecer e discutir o significado de eventos e manifestações culturais e da influência da cultura na formação de grupos e identidades envolvendo a expressão cultural como a dança da suça, na comunidade de Chapada da Natividade é vista pela escola como parte da educação escolar quilombola? Justifique

Tabela 7: Suça como parte da Educação Quilombola

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
Professor A	Não. Pois a educação quilombola da Rede Estadual de Ensino, é notório só no papel, pois na prática, o ensino é padronizado como em demais escolas.
Professor B	Sim. É parte da nossa cultura e por este motivo estamos trabalhando para dar continuidade ao grupo de suça da nossa escola.
Professor C	Sim, as escolas buscam sempre a valorização dessa cultura tão importante para nossa comunidade. Porém, vejo que deveriam ter locais para a preservação dessa cultura, como museu ou salas temáticas nas escolas, ou outro ambiente dentro do município.
Coordenador Pedagógico	Sim, porque é uma vivência da comunidade e essa, manifestação já faz parte de sua cultura. Seria impossível dissociar.

Fonte: a autora – 2024

Com base na resposta fornecida pelo professor A, entendemos que apesar da existência de um currículo voltado a educação escolar quilombola no Colégio Fulgêncio Nunes, na prática, a implementação desse currículo parece limitada. A resposta sugere que a educação escolar quilombola não está de fato integrado a cultura do quilombo de Chapada da Natividade, a exemplo da dança da suça, Botelho (2000) afirma que:

Na falta de modelos identitários positivos, o aluno negro/a é conduzido a negar a identidade de seu povo de origem, em favor da identidade do “outro” – o branco apresentado como superior. A maioria das situações escolares favorece uma atitude de não aceitação e de distanciamento dos valores da ancestralidade africana (Botelho, 2000, p. 20).

Nessa perspectiva, podemos observar que essa disparidade, pode ser atribuída a diversos fatores, como falta de recursos, falta de formação para os docentes, a grande rotatividade de professores, falta de percepção sobre a importância da cultura quilombola. E como fica os estudantes quilombolas nesse cenário? É necessária uma reflexão sobre a relação educação quilombola e a identidade quilombola dos discentes, e, a suça como manifestação tradicional de Chapada da Natividade pode contribuir para o empoderamento dos alunos.

Na percepção do professor B percebe a suça como parte integrante da cultura da comunidade, dessa forma merece ser preservada fomentada na escola. O professor menciona que estão trabalhando para dar continuidade ao grupo de suça Tia Zezinha buscando manter viva e próxima aos estudantes.

O professor C também percebe a relevância da dança da suça como cultura quilombola, porém propõe uma abordagem mais vasta para a valorização e preservação dessa prática tradicional. Ele sugere a criação de locais específicos dentro da escola e fora dela que possa garantir a continuidade dessa manifestação cultural, assim como as outras expressões tradicionais que fazem parte da comunidade de Chapada da Natividade.

O coordenador pedagógico enfatiza que a suça é um costume da comunidade que é intrínseca a sua identidade. Na resposta é perceptível o destaque para a questão de que seria impossível dissociar essa prática da cultura quilombola e sugere que sua presença na educação, é fundamental para a compreensão da cultura quilombola.

A análise dessas resoluções demonstra que há um reconhecimento da relevância da dança da suça como parte da educação quilombola. Pois, defendem sua preservação e viabilização dentro e fora da escola. Essas perspectivas destacam a função essencial da educação pela manutenção das tradições culturais na comunidade de Chapada da Natividade.

A pesquisadora Nelzir Martins da Costa (2020), em sua tese, referindo-se ao Colégio Estadual Fulgêncio Nunes em Chapada da Natividade, afirma que: “Quanto à identidade étnica dos profissionais, a maioria, assim como os alunos e habitantes da cidade, são negros e verifica-se uma preocupação por parte da equipe em trabalhar as questões étnico-raciais na prática pedagógica”. (Costa, 2020, p. 106). Assim, observamos nas respostas desses profissionais da educação, essa preocupação quanto ao trabalho com as manifestações tradicionais afro-brasileiras no quilombo de Chapada da Natividade.

Questão 3 - Com a Lei nº 10.639/03, a história e a cultura afro-brasileiras tornaram-se conteúdos obrigatórios em sala e pauta para o projeto político-pedagógico das escolas. Como o colégio Fulgêncio Nunes trabalha em sala de aula a cultura quilombola local? As manifestações culturais da comunidade, a exemplo da dança da suça estão contempladas no Projeto Político Pedagógico? Justifique.

Tabela 8: Suça e Projeto Político Pedagógico

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
Professor A	O Colégio Estadual Fulgêncio Nunes oferta duas disciplinas voltadas a educação quilombola, “Cultura Quilombola e “Saberes e Fazeres Quilombola”, porém não sei dizer qual objeto de conhecimento é abordado nas mesmas.
Professor B	Hoje existem habilidades que visam trabalhar a cultura quilombola, assim como aproxima nossos alunos de sua cultura.
Professor C	Temos na grade curricular, as disciplinas de Cultura Quilombola e Saberes e Fazeres Quilombolas, os professores trabalham a temática voltada diretamente para a comunidades, convidando alguns membros da comunidade para palestras e demais ações realizadas durante o ano. As manifestações culturais estão contempladas no PPP, sim, principalmente na Ação da Consciência Negra em novembro.
Coordenador Pedagógico	A questão não foi respondida

Fonte: a autora – 2024

Ao analisarmos a resposta do professor A, verificamos que o Colégio Estadual Fulgêncio Nunes oferece disciplinas específicas voltadas para a educação quilombola. Porém, o professor não sabe especificar os objetos de conhecimento abordados nessas disciplinas. Isso sugere que, embora haja uma iniciativa de incluir a cultura quilombola no currículo, ainda falta o conhecimento de como está sendo realizado a inserção desses temas ligado as vivências e experiências da comunidade, podendo indicar uma deficiência na integração da cultura local no Projeto Político Pedagógico da instituição escolar.

Nesse aspecto, Santos (2022) ao se referir ao Projeto Político Pedagógico em sua dissertação de mestrado afirma que: “Ele é o documento mais importante da instituição, isso porque ele define a identidade e as ações educativas, indica caminhos para o processo educacional e deve ser atualizado sempre que necessário” (Santos, 2022, p. 64).

O professor B destaca o interesse de desenvolver habilidades que trabalhem a cultura quilombola, aproximando os discentes de sua herança ancestral. Nesse enfoque, a eficácia desse trabalho, está de forma implícita ligada ao Projeto Político Pedagógico. A resposta do professor B indica que há um reconhecimento da importância de incorporar a cultura quilombola, como a dança da suça no ambiente educacional. Isso mostra que há uma consciência significativa quanto a identidade cultural no quilombo de Chapada da Natividade.

Outro ponto mencionado pelo professor B é a necessidade de desenvolver habilidades que aproximem os estudantes de sua cultura, como a prática da dança da suça. Ele ressalta a importância da identificação dos discentes com sua cultura, indo além da

inclusão do objeto de conhecimento sobre a cultura quilombola, buscando criar oportunidades de envolvimento dos estudantes com suas raízes culturais.

O professor C, assim como o professor A, ambos destacam a presença de disciplinas específicas voltadas a cultura quilombola no currículo, que podemos perceber como um primeiro passo para garantir a inclusão dos costumes, tradições, enfim, os aspectos culturais na educação escolar. O professor C, reforça a união entre o objeto do conhecimento no currículo com a vivência da comunidade quilombola de Chapada da Natividade.

O professor C também especifica que as expressões culturais estão contempladas no Projeto Político Pedagógico, principalmente no mês de novembro, na ação da Consciência Negra. Isso sugere a formalização da inclusão das tradições, a exemplo da dança da suça no documento orientador da escola. Mas, que não esteja de forma limitada, porém, integrada continuamente em todo o PPP, refletindo o compromisso com a valorização da diversidade cultural e a promoção da igualdade racial.

Já do coordenador pedagógico não houve resposta, o que pode indicar falta de comunicação dentro da instituição. Pode ser que o coordenador pedagógico não tenha recebido as informações necessárias para responder de forma adequada. Isso mostra a importância da comunicação eficaz e da colaboração entre os membros da equipe escolar para garantir uma abordagem integrada em relação as questões pedagógicas e culturais.

Santos (2022, p. 69) coloca que as instituições escolares quilombolas, devem garantir a participação da comunidade na elaboração de um currículo, assim como o Projeto Político Pedagógico que contemple as diferenças e enfoque a questão cultural, social, étnica, política, econômica, de gênero e de geração. Assim, com a participação da comunidade quilombola na construção do currículo e do PPP, pode promover a inserção de forma mais efetiva de suas tradições, como a dança da suça, contribuindo para o fortalecimento da identidade quilombola dos estudantes.

Questão 4 - A dança da suça faz parte dos eventos da escola? Quais? Por qual motivo?**Tabela 9:** A suça nos eventos da escola

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
Professor A	Parcialmente. Quando ocorre evento da Consciência Negra para enfatizar a importância do dia vinte de novembro.
Professor B	Sim. Nos eventos da Consciência Negra, é onde mais acontece esse feito.
Professor C	Sim. Evento da Consciência Negra, que realizamos no mês de novembro e quando temos algumas apresentações durante o ano, convidamos o grupo de Suça.
Coordenador Pedagógico	Sim. Nos eventos festivos e socialização de Projetos é recorrente as apresentações da dança da suça por grupos da comunidade.

Fonte: a autora – 2024

A resposta do professor A indica que a dança da suça ocorre na escola, mas de forma parcial, ao mencionar que essa manifestação ocorre principalmente durante o evento da Consciência Negra. Podendo ser vista como uma atividade pontual do que como parte integrante do currículo da escola. Ao analisar a resposta do professor A, sugere que há espaço para o trabalho com a suça.

O professor B também afirma que a suça ocorre no mês de novembro, no evento da Consciência Negra, coadunando com a conclusão do professor A. O professor C e o coordenador pedagógico confirma que a dança da suça está presente nos eventos da escola, além do evento da Consciência Negra. O coordenador pedagógico destaca que as apresentações de suça são realizadas por grupos da comunidade. Essa parceria com a comunidade é importante para o fortalecimento da cultura quilombola.

Considerando as resoluções das perguntas, podemos inferir que a dança da suça é parte dos eventos do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes, principalmente no evento da Consciência Negra. A inclusão dessa dança quilombola no âmbito educacional, pode ser uma forma de contribuição para o revigoramento da identidade cultural do quilombo de Chapada da Natividade.

Enfim, as narrativas dos praticantes de suça no quilombo de Chapada da Natividade, as respostas da equipe diretiva e dos estudantes do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes, apesar das dificuldades enfrentadas, também narradas neste capítulo, sobre essa manifestação cultural, corrobora para a construção e fortalecimento da identidade, do Ser Quilombola, valorizando suas tradições.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigarmos sobre a dança da suça na Comunidade Remanescentes de Quilombo Chapada da Natividade, analisamos como essa manifestação cultural contribui para o fortalecimento da identidade dos quilombolas daquele local. Observamos, a partir das narrativas, que o batuque de suça é importante para os praticantes, que em momentos de festividades, eventos internos e externos, bailam em ritmo frenético.

Vimos que essa manifestação cultural está presente em comunidades quilombolas com histórico da exploração do ouro, no antigo norte goiano (Tocantins) e que por ser uma dança que a maioria dos participantes são negros, ainda sofre com o racismo, com a falta de atenção e apoio pelas instituições públicas.

Sendo a suça uma expressão tradicional na comunidade remanescentes de quilombo Chapada da Natividade, principalmente, nos pousos e festejo do Divino Espírito Santo, observamos durante essa festividade religiosa do catolicismo, a presença dessa manifestação secular, onde os envolvidos na organização dos pousos e os que estão como visitantes, ao final das rezas dos foliões, entram na roda de suça.

Atualmente, há coletivos dessa prática, que são convidados a participar nos pousos, como aconteceu com o grupo Mestre Patricinho, do quilombo de Chapada da Natividade. Mas também, nesse período do festejo do Divino Espírito Santo, aqueles ou aquelas que tiverem vontade de dançar a suça, pode livremente entrar na roda e bailar.

No decorrer da pesquisa, de acordo com as narrativas, vimos que a suça vem contribuindo para o fortalecimento da identidade quilombola, na comunidade Chapada da Natividade, a partir de sua escolha pela Associação Quilombola Visão de Águia, como uma Manifestação cultural importante para o quilombo de Chapada da Natividade, também pela preocupação dos jovens em manter viva essa prática secular, criando grupo e buscando apoio junto aos Mestres de suça.

A suça, uma dança quilombola que resiste no quilombo de Chapada da Natividade. Apesar das dificuldades enfrentadas, essa expressão popular, vem ganhando visibilidade a partir das políticas públicas que possibilitaram através dos recursos financeiros, estruturar os coletivos, com instrumentos, vestuários, utilizarem as mídias, redes sociais para a divulgação dessa prática afro-brasileira.

Nesse sentido, discutimos na primeira parte dessa pesquisa sobre a presença africana em Goiás, pois sabemos que o antigo norte de Goiás, hoje Tocantins, a população

segundo o IBGE⁴⁴ é constituída em sua maioria por negros (as). Porém, a primeira parte dos estudos, foram pesquisados a constituição e condições da população negra em Goiás desde o período da mineração, a formação dos quilombos e das comunidades e o reconhecimento delas, onde examinamos o significado histórico dos quilombos e sua herança cultural duradoura com foco particular na dança da suça. Assim sendo, a suça, uma manifestação afro – brasileira, verificamos a presença negra no antigo norte de Goiás (Tocantins) e principalmente, em comunidades tradicionais e quilombolas com o histórico da exploração do ouro e o festejo do Divino Espírito Santo.

Na segunda parte dos estudos, dialogamos com a história das comunidades remanescentes de quilombos do Tocantins, visualizando a dança da suça e sua importância e trazendo uma breve apresentação a partir das investigações que localizam a prática da suça, como manifestação cultural inerente às histórias construídas. A referência “quando rufam os tambores no quilombo: a suça, uma dança quilombola, trata em especial, de “ouvir” o som e o batuque da suça nas comunidades do Tocantins que possui essa prática e a pesquisa analisou que nessas comunidades quilombolas a suça está presente junto ao Festejo do Divino Espírito Santo e a outros festejos de santos do catolicismo popular.

Assim, a suça como dança, não é apenas uma manifestação cultural, mas também uma expressão de união e comunidade. Quando os praticantes se reúnem para dançar, estão fortalecendo laços sociais e celebrando sua identidade compartilhada.

Na terceira parte da pesquisa, expomos e analisamos os sentidos e as representações da dança da suça pelos mestres e mestras de suça e dos participantes dessa prática secular, na comunidade quilombola Chapada da Natividade. Como procedimento metodológico, recorreremos ao uso de entrevistas com um grupo de pessoas envolvidas na história da dança, como também estendemos para outras leituras e interpretação da dança para a comunidade escolar, por meio da aplicação de um questionário fechado, junto a um grupo de estudantes, professores e equipe diretiva do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes.

Nosso objetivo consistiu em expor e identificar as interações ou a “circularidade cultural” com que a presença da suça dialoga com a vivência dos estudantes e jovens da escola. A partir das narrativas e respostas dos questionários, podemos concluir que a suça no quilombo de Chapada da Natividade é uma tradição quilombola importante e que há

⁴⁴ IBGE, Censo 2022.

muito o que se fazer no âmbito escolar para que essa manifestação cultural se fortaleça, contribuindo para a valorização e preservação, além de trabalhar as raízes da comunidade quilombola.

Por fim, a pesquisa sobre a suça em Chapada da Natividade, abre um leque de possibilidades para outros estudos futuros. Pois, sabemos que por meio da metodologia da História Oral, a comunidade quilombola de Chapada da Natividade – TO, tem suas narrativas documentadas, onde mestres e mestras, e também praticantes da suça, são os protagonistas dessa pesquisa, auxiliando os futuros pesquisadores sobre essa manifestação cultural.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004
- ALBERTI, Verena, *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 3ª edição 2005
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. *Fronteiras*. Dourados, v. 10, n. 17, jan./jun. 2008.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os quilombos e as novas etnias. In: *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Eliane Cantarino O’Dwyer (Org.). Rio de Janeiro: Editora FGV e ABA, 2002.
- ALVES, Laurenita Gualberto Pereira. *Brincadequê: Brinquedos e Brincadeiras no Quilombo de Lajeado*. UFT, Campus Universitário de Palmas – TO 2021.
- ANDES, Everton dos. *Sussa e Tambor: cultura popular e identidade na construção histórica do Tocantins*. Curso de Especialização História Social. Fundação Universidade do Tocantins. Porto Nacional. 2008.
- ANTONIL, Andre João. *Cultura e opulência do Brasil*. Belo Horizonte. Itatiaia, 1982.
- APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. *Escravidão Negra no Tocantins: vivências escravistas em Arraias (1739-1800)*. 2ª ed. Goiânia: Kelps, 2007.
- ARAÚJO, Wendy Almeida de. *Os Ritmos Tradicionais nos Tambores do Tocantins: Constituições Identitárias e Processos Culturais*. Serviço Público Federal Universidade Federal de Goiás Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cidadania e Cultura, Goiânia 2013.
- ARRUTI, José Maurício. A Emergência dos “Remanescentes”: Notas para o Diálogo entre Indígenas e Quilombolas. *MANA*, Rio de Janeiro, n. 3, v. (2), p. 7-38, out., 1997.
- ARRUTI, José Maurício. Políticas públicas para quilombos: terra educação e saúde. In: Paula, Marilene de; Heringer, Rosana (Org.). *Caminhos convergentes: Estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, Action Aid, 2009.
- BAIOCCHI, Mari de Nazaré. *Kalunga: Povo da Terra*. Goiânia: EdUFG, 2006.
- BRASIL CONSTITUIÇÃO. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em cinco de outubro de 1988. “Artigo 215, de cinco de outubro de 1988. § 1º Seção II – Da Cultura. Título VIII – Da Ordem Social. Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto. Define que o Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”. Diário Oficial da União, Brasília, DF: Presidência da República, 5 out. 1988.
- COSTA, Nelzir Martins. *Programa Nacional Biblioteca da Escola (Pnbe) 2013: Literatura e as Relações Étnico-Raciais na Escola*. Universidade Federal do Tocantins

Câmpus de Araguaína Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura. Araguaína-TO, março, 2020.

CUNHA MATOS, Raimundo José da. *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará ao Maranhão, pelas províncias de Minas Gerais e Goiás, seguido de uma descrição corográfica de Goiás, e dos roteiros desta província às do Mato Grosso e S. Paulo*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amilcar Martins, 2004.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

FELINO, Renata (Org.). *Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos: religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais*. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2012.

FIABANI, Adelmir et al. Comunidade negra Mata Grande: cotidiano e História. In: LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. (Org.). *Entre o costume e a lei: superando o "silêncio" e descortinando a história afro-brasileira*. São José: Premier, 2011.

FIABANI, Adelmir. Fazendas, cativos e gado na história do Tocantins. In: MAESTRI, Mário; Lima, Solimar Oliveira (Org.). *Peões, gaúchos, vaqueiros, cativos campeiros. Estudos sobre a economia pastoril do Brasil*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

FIABANI, Adelmir. *Mato, palhoça e pilão: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004)*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FIABANI, Adelmir. *Os novos quilombos: luta pela terra e afirmação étnica no Brasil (1988-2008)*. Palmas: Editora Nagô, 2015.

FUNES, Eurípedes Antônio. *Goiás 1800-1850: um período de transição da mineração à agropecuária*. Goiânia: EdUFG, 1986.

FRANCO, V. M. M. *Viagem à Comarca da Palma na Província de Goyaz*. Rio de Janeiro: Typographia da Reforma, 1876.

GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil, principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1806-1841*. Belo Horizonte Itatiaia, São Paulo Ed. da universidade de São Paulo, 1975.

GERALDIN, Odair. (Org.). *A (trans)formação histórica do Tocantins*. Goiânia. EdUFG/Palmas: Unitins, 2002.

GOMES, Evanir Matos. *O rosário dos congos na festa do Carmo*. Porto Nacional: Pote, 2004.

GORENDER, Jacob. *O escravismo colonial*. 6ª ed. São Paulo: Ática: 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HERMANN, Jaqueline. Quilombos. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.) *Dicionário do Brasil Colonial. (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 494-495.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

KARASCH, Mary. Os quilombos do ouro na capitania de Goiás. In: REIS, João José; GOMES, Flávio. (Org.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

LOPES, Rita de Cássia Domingues. *Identidade e Territorialidade na Comunidade Remanescente de Quilombo Ilha de São Vicente – Tocantins*. Palmas: EDUFT, 2020.

MAESTRI, Mário. *Deus é grande, o mato é maior: trabalho e resistência escrava no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo. EdUPF, 2002

MAESTRI, Mário; Lima, Solimar Oliveira (Org.). *Peões, gaúchos, vaqueiros, cativos campeiros: estudos sobre a economia pastoril do Brasil*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

MARIANO, Ricardo. *Análise sociológica do crescimento pentecostal*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2001.

MARQUES, Janote Pires. Educação patrimonial e ensino da história local na educação básica. *Ensino em Perspectivas*, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-11, 2021.

MAWE, John. *Viagem ao interior do Brasil*. São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1978.

MENEZES, Ivaldino Ferreira de. *Natividade e o Recenseamento de Sua População (1872-1920)*. Dissertação (Mestrado Profissional em História). PPGHisPam - Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional-TO, 2022.

MESSIAS, Noeci Carvalho. *Folias do Divino Espírito Santo: fé e devoção em Monte do Carmo-TO*. Goiânia, 2010.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez/Brasília: UNESCO, 2000.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNIZ, M. Cultura e pesquisa em comunidades quilombolas do Tocantins. In: SANTOS, R. de S. (Org.). *Educação, território e cultura quilombola no Tocantins: debates, experiências e pesquisa*. Goiânia: Kelps, 2015.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma História feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Júnio Batista do. *Conhecendo o Tocantins: História e Geografia*. Goiânia: Asa Editora, 2007.

NINA RODRIGUES, Raymundo. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Madras, 2008.

OLIVEIRA, Hamilton Afonso de. A população de Goiás na transição da mineração para a pecuária (1804). *História Revista*. Goiânia, v. 21, n. 1, p. 154-187, jan./abr. 2016.

PALACIN, Luiz et al. *História de Goiás em documentos*. Goiânia: EdUFG, 1995.

PALACIN, Luís; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna *História de Goiás (1722-1972)*. 7ª ed. Goiânia: EdUCG/Ed. Vieira, 2008.

PARENTE, Temis Gomes. *Fundamentos históricos do estado do Tocantins Colonial*. Goiânia: EdUFG, 2007.

POHL, Johann Emanuel. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EdUSP, 1976.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos - Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol.1, n. 2, 1996.

PÓVOA, Liberato. *História didática do Tocantins*. Goiânia: Kelps, 1999.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, David Wiliam Aparecido. *Da escravidão à liberdade: irmandades negras paulistanas antes e depois da abolição*. Texto publicado em Culturas Africanas e Afro-brasileiras em Sala de Aula, organizadora Renata Felinto. Belo Horizonte Fino Traço Editora, 2012.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODRIGUES, Carmen Tatiane Oliveira; BISPO, Marciléia Oliveira. Súcia: Uma Dança De Manifestação Cultural E Religiosidade Em Monte do Carmo-TO. *Revista Produção Acadêmica*. Porto Nacional, Núcleo de Estudos Urbanos Regionais e Agrários – Nurba. n. 1, p. 144-161, jun., 2015.

RODRIGUES, Jaime. *De Costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

ROSA, Eloísa Marques. *A Suça em Natividade: Festa, batuque e ancestralidade*. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Performances Culturais). Universidade Federal de Goiás, Escola de Música e Artes cênicas. Goiânia, 2015.

SAINTE-HILAIRE, August de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EdUSP, 1975.

SAINTE-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de Goiás*. São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1975.

SALLES, Gilka Vasconcellos F. *Economia e escravidão na Capitania de Goiás*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1992.

SANTOS, M. J. P. *Os Desafios Da Atuação Docente Na Comunidade Quilombola De Chapada Da Natividade – TO: Colégio Fulgêncio Nunes (2012 -2019)*. UFT: Porto Nacional, 2022. Disponível: <file:///C:/Users/roberta.tavares/Downloads/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20DE%20MARIA%20DE%20JESUS%20PEREIRA%20DOS%20SANTOS.pdf> Acesso em: 28 ago. 2023.

SANTOS, Nayara Kallinne Cândido dos. *Comunidade Quilombola Morro São João no Município de Santa Rosa do Tocantins: Memórias e Território*. UFT, Porto Nacional, 2020.

SILVA e SOUZA, Luiz Antônio da. *O descobrimento da Capitania de Goyaz: governo, população e coisas mais notáveis*. Goiânia: EdUFG, 1967.

SILVA, Josimar Jânio de Sousa; ZITZKE, Valdir Aquino. Territórios Negros no Tocantins: Caracterização das comunidades quilombolas no Território Eclesiástico da Diocese de Porto Nacional, Tocantins. *KWANISSA – Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros*. Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/18365> Acesso em: 10 Ago 2023.

SILVA, Otávio Barros da. *Breve História do Tocantins e de sua gente: uma luta secular*. Brasília. Solo Editores, 1996.

TESKE, Wolfgang. *Cultura Quilombola na Lagoa da Pedra, Arraias – Tocantins: rituais, símbolos e redes de significados de suas manifestações culturais: um processo folk comunicacional de saber ambiental*. Brasília: Senado Federal, 2010.

TRINDADE, José Fonseca. *Lugares de pessoas*. São Paulo. Escolas profissionais salesianas, 1948. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/5988> Acesso em 10 Ago 2023.

VIEIRA, Martha Victor. O movimento separatista do norte goiano (1821-1823): desconstruindo o discurso fundador da formação territorial do estado do Tocantins. *Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais*. UEG/UNU Iporá, v.3, n. 1, p. 63-84 – jan/jun 2014.

ZITZKE, Valdir Aquino; REIS, E. A. Entre o Sagrado e o Profano: os corpos afro-brasileiros nas festas religiosas. In: BRESSANIN, César Evangelista F.; ZITZKE, Valdir Aquino (Org.) *Religiosidade no Tocantins*. v. 1. Curitiba: Editora CRV, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A – PRODUTO FINAL



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA DAS
POPULAÇÕES AMAZÔNICAS**

ROBERTA TAVARES DE ALBUQUERQUE MENEZES

**PRODUTO FINAL – MATERIAIS DIDÁTICOS SOBRE A MANIFESTAÇÃO
CULTURAL A DANÇA DA SUÇA – UMA DANÇA QUILOMBOLA**

**PORTO NACIONAL-TO
2024**

SUÇA UMA DANÇA QUILOMBOLA



ROBERTA TAVARES DE ALBUQUERQUE MENEZES

SUÇA É ALEGRIA, É DANÇA, É ESTILO, É RESISTÊNCIA, É BATUQUE, É ANCESTRALIDADE!

SUÇA PRA VOCÊ!



APRESENTAÇÃO

Nesse contexto da elaboração do produto final do Mestrado Profissional em História das Populações Amazônicas, decidimos por materiais didáticos com sequência didática para ser aplicado em sala de aula apresentando formas de trabalhar as manifestações culturais da comunidade de Chapada da Natividade, como a dança da suça no Colégio Estadual Fulgêncio Nunes e por consequência nas escolas quilombolas e regulares da rede de ensino básico.

Sabemos da dificuldade de materiais didáticos para o planejamento de aulas sobre a educação patrimonial e quilombola, pois, nossas tradições culturais sempre foram repassadas de forma oral, não sendo fácil a elaboração de sequência didática sobre as manifestações culturais do Tocantins, a exemplo da suça, prática secular no quilombo de Chapada da Natividade.

Porém, sendo a suça uma expressão afro-brasileira, presente nas comunidades quilombolas, como Chapada da Natividade, é importante que os estudantes conheçam a história trazida até os nossos dias, afirmando a ancestralidade e pertencimento da sua cultura. A lei 10.639/2003 e a 11.645/2008 tornou obrigatório o estudo da História africana e afro-brasileira nas escolas. Em seu artigo 1º § 2º diz que: “Os conteúdos referentes

à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação artística e de Literatura e Histórias Brasileiras.

Desse modo a dança da suça como uma dança afro-brasileira deve ser trabalhada de forma interdisciplinar abrangendo as disciplinas de Arte, Literatura e História. Mas não há impedimento para que as outras áreas trabalhem. Além dessas disciplinas especificada na lei, há também na comunidade de Chapada da Natividade, no Colégio Estadual Fulgêncio Nunes desde 2017, um currículo voltado para a educação quilombola, onde contempla além das outras áreas, duas disciplinas: Cultura Quilombola e Saberes e Fazeres quilombola que fortalece e valoriza as tradições, costumes e saberes da comunidade.

Nesse sentido na educação patrimonial, "patrimônio cultural", significa os bens materiais e imateriais, de valor para a memória e a identidade de um povo, de uma comunidade ou sociedade específica, conforme prescrito na Constituição de 1988 que, incluem monumentos, construções, sítios, objetos, documentos, tradições, valores, modos de fazer, festas e linguagens, inseridos no contexto cultural da população definida. O estudo do patrimônio cultural permite o entendimento da identidade e a evolução de uma sociedade, além de como se deu suas influências em sua memória. A partir de Chauí (2006) o reconhecimento do direito à memória e ao patrimônio cultural, são condição para a realização da cidadania. Diante disso, os materiais pedagógicos sobre a manifestação cultural – a dança da suça, patrimônio histórico e imaterial⁴⁵ do Tocantins, como produto final, servirá de sugestão como recursos para os docentes aplicarem em sala de aula.

JUSTIFICATIVA

A comunidade remanescente de Quilombo Chapada da Natividade, possui em sua história uma relação muito forte com a manifestação cultural a dança da suça, que se encontra presente desde o período da exploração do ouro no antigo norte goiano (Tocantins). Podemos ver essa prática, nas festividades religiosas do catolicismo

⁴⁵ No dia 4 de agosto de 2.000 foi publicado o Decreto 3.551, que regulamentou o artigo 216, § 1º, da Constituição Federal, e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). Foi justamente por meio do PNPI que o Governo do Tocantins desenvolveu os inventários da suça (sússia) e do capim dourado – que é reconhecido nacional e internacionalmente como uma das referências do Estado –, documentando origens, personagens, técnicas de produção por meio do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). Extraído: <https://www.to.gov.br/secult/noticias/patrimonio-imaterial-uma-das-riquezas-do-estado-do-tocantins/1pd7th0324mb>

tradicional, como o festejo do Divino Espírito Santo, festejo da Padroeira Sant'Ana, festejo de Santo Reis, além de ser apresentada em eventos do município, nas escolas Estadual e Municipal, e, em outras cidades do Estado do Tocantins.

A inserção dos materiais pedagógicos sobre a dança da suça no ambiente da escola pode contribuir para o conhecimento e aprendizagem da herança histórica e cultural dos estudantes quilombolas e não quilombolas tocantinenses, pois é sabido que a população do Tocantins, a sua grande maioria, é composta por negros⁴⁶.

A suça, é tida para a Associação Quilombola Visão de Águia da comunidade de Chapada da Natividade como um elemento de identidade cultural dos quilombolas, pois a narrativa oral, coloca que para ser estruturada a Associação, foi necessário escolher uma expressão das tradições da comunidade para representar o quilombo. Assim, a suça tem relevância na vida dessa comunidade.

Os materiais pedagógicos sobre a suça, incluído no currículo escolar das instituições de ensino, pode exercer a desconstrução de estereótipos, preconceitos e promover o entendimento dos discentes sobre as questões étnicas – raciais, despertando para a valorização de sua identidade cultural.

Importante observarmos a resistência dessa manifestação cultural na comunidade quilombola de Chapada da Natividade, para fortalecer e preservar a dança da suça, foram criados coletivos dessa prática: O grupo de suça Dona Maria, organizado pela a Associação Quilombola Visão de Águia, o grupo de suça Tia Zezinha do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes e o grupo de suça Mestre Patricinho. Atualmente, só o primeiro e o último grupo de suça estão em atividade. O grupo Tia Zezinha do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes esteve ativo até o ano de 2020.

Nesse sentido, os materiais pedagógicos referentes a suça, podem fomentar a representatividade dos estudantes, além de conectá-los a sua própria cultura, no incentivo ao diálogo e a prática dessa manifestação cultural.

A suça como patrimônio histórico e imaterial de influência afro-brasileira, é um tema importante para ser trabalhado nas escolas, e, em especial escolas quilombolas como

⁴⁶ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou nesta sexta-feira, 22, os resultados do Censo Demográfico de 2022 relacionados à identificação étnico-racial da população, por sexo e idade. De acordo com os dados, no Tocantins houve aumento de pessoas que se declararam pretas e indígenas. O grupo que predomina no Estado é o de pardos: 939.260 pessoas, o que corresponde a 62,2% da população. Já 350.613 se declararam brancas (23,2%); 199.394, pretas (13,1%); 20.023, indígenas (1,3%); e 3.405, amarelas (0,2%). <https://clebertoledo.com.br/tocantins/mais-de-60-da-populacao-tocantinense-e-parda-enquanto-brancos-somam-232-pretos-indigenas-e-amarelos-nao-chegam-a-15/#:~:text=O%20contingente%20de%20pardos%20no,%25%20para%2023%2C2%25>.

o Colégio Estadual Fulgêncio Nunes. Trabalhando as tradições, costumes, saberes da comunidade, os estudantes vivenciam sua realidade, valorizando o ser quilombola, a ancestralidade e pertencimento.

A Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012⁴⁷ define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.

[...] Art. 1º Ficam estabelecidas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, na forma desta Resolução.
 § 1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica: I - organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se: a) da memória coletiva; b) das línguas remanescentes; c) dos marcos civilizatórios; d) das práticas culturais; e) das tecnologias e formas de produção do trabalho; f) dos acervos e repertórios orais; g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; h) da territorialidade. (Feitosa, 2012, p. 3).

A lei em questão explicita que as tradições, as práticas culturais das comunidades quilombolas devem estar presente no ensino básico. Nesse sentido, a manifestação cultural a dança da suça pode ser trabalhada, seguindo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, bem como atendendo a lei 10.639/2003 e a 11.645/2008 que tornou obrigatório o ensino da História africana e afro-brasileira na educação básica.

Portanto esse produto final vem propor material didático para uma aplicabilidade que fomente o fortalecimento da identidade cultural de estudantes quilombolas e não quilombolas, a valorização de suas tradições, o combate a invisibilidade e ao preconceito dessa expressão cultural.

VERSOS MUSICAIS DE SUÇA

Pisa na barra da saia, morena! Pisa, pisa,
 pisa morena! Pisa na barra da saia, morena!
 Pisa, pisa, pisa morena! Pisa na barra da
 saia, morena! Pisa, pisa, pisa morena! Pisa
 na barra da saia, morena! Pisa, pisa, pisa
 morena!

Olha a vila da mata, virou bananá! Onte eu
 comi bananinha de lá. Olha a vila da mata,
 virou bananá! Onte eu comi bananinha de
 lá. Virou, virou, virou bananá! Onte eu

comi bananinha de lá. Virou, virou, virou
 bananá! Onte eu comi bananinha de lá.

Oh papagaio, meu louro! Me dá o pé, meu
 cheiroso! Oh papagaio, minha rosa! Me dá
 o pé, minha cheirosa! Oh papagaio, meu
 louro! Me dá o pé meu cheiroso! Oh
 papagaio, minha rosa! Me dá o pé, minha
 cheirosa!

Eu vi a arara no olho do buriti! Eu vi a arara
 no olho do buriti. Penteadando seus cabelos,

⁴⁷ Resolução CNE/CEB 8/2012. Diário Oficial da União, Brasília, 21 de novembro de 2012, Seção 1, p. 26.

fazendo boca de rir! Penteando seus cabelos, fazendo boca de rir.

Olha o veado catingueiro, chegou foi agora! Fogo nele, senão vai embora! Olha o veado catingueiro, chegou foi agora! Fogo nele, senão vai embora! Olha o veado catingueiro, chegou foi agora! Fogo nele, senão vai embora! Olha o veado catingueiro, chegou foi agora! Fogo nele, senão vai embora!

A chuva que chove hoje é pra meu boi beber! A chuva que chove hoje é pra meu boi beber. É pra nascer capim! É pra meu boi comer. É pra nascer capim! É pra meu boi comer. Fui ontante, pra vim onte, não voltei porque não quis! Fui ontante, pra vim onte, não voltei porque não quis. Agora eu quero ver quem governa meu nariz! Agora eu quero ver quem governa meu nariz. A chuva que chove hoje é pra meu boi beber. A chuva que chove hoje é pra meu boi beber. É pra nascer capim! É pra meu boi comer. É pra nascer capim! É pra meu boi comer.

Olha eu sou um vaqueiro novo, e eu não sei onde é minha cama! De dia tô no cerrado, e de noite, puxando ronco! Olha eu sou um vaqueiro novo, e eu não sei onde é minha cama! De dia tô no cerrado, e de noite, puxando ronco!

Oh diacho da véia, que quer comigo?! Eu já guentei. Não guento mais! Oh diacho da véia, que quer comigo?! Eu já guentei. Não guento mais! Quê, querer, quê, que, que quer comigo?! Eu já guentei. Não guento mais! Quê, querer, quê, que, que quer comigo?! Eu já guentei. Não guento mais!

Oh tundá, tundá, tundá! O feijão na pedra não dá! Oh tundá, tundá, tundá! O feijão na pedra não dá! Oh tundá, tundá, tundá! O feijão na pedra não dá! Oh tundá, tundá, tundá! O feijão na pedra não dá!

Olha o peru, peru, peru da bananeira! Peru bebeu cachaça, e farreou a noite inteira! Olha o peru, peru, peru da bananeira! Peru bebeu cachaça, e farreou a noite inteira! Oh, cadê meu beiju?! Cachorro comeu! Oh, cadê meu beiju?! Cachorro comeu! Oh, cadê meu beiju?! Cachorro comeu!

A formiga que dói é jiquitaia! A formiga que dói é jiquitaia! A formiga que dói é jiquitaia! Ela morde, ela coça, ela esconde na palha! Ela morde no pé e debaixo da saia! A formiga que dói é jiquitaia! A formiga que dói é jiquitaia! A formiga que dói é jiquitaia! A formiga que dói é jiquitaia!

Oh minha beleza! Oh minha belezinha! Samba, samba, samba! Samba. Beleza é minha. Oh minha beleza! Oh minha belezinha! Samba, samba, samba! Samba. Beleza é minha.

Sugestões para os facilitadores

Proceda a leitura dos versos musicais de suça e dialogue com os estudantes sobre o que representa as histórias cantadas nos versos de suça no cotidiano da comunidade. Sugira de acordo com a turma que for trabalhar, que transforme os versos em histórias em quadrinhos, produção textual, contação dos versos por meio de desenhos, cantar os versos de suça, (convide mestre de suça da comunidade) para auxiliar nas músicas suça. Essas atividades podem fazer com que os estudantes, em especial quilombolas, percebam suas raízes e valorizem suas tradições.

A aplicação e sala de aula está prevista para duas aulas de 50 minutos. Pode ser trabalhado com estudantes do ensino fundamental ao ensino médio

Suçã: manifestação cultural folclórica do Tocantins⁴⁸

É assim, com versos curtos, extraído da vida real, e ao som da batucada, que se manifesta uma das mais antigas riquezas culturais do Tocantins – a Suça. Uma herança de descendentes africanos que vieram trabalhar como escravos, na atividade mineradora do ouro, na atual região sudeste do estado, ainda no século XVIII. O gingado africano integra dança, cantos, sons de viola, caixa, tambor e pandeiros. E marcam os festejos religiosos do catolicismo popular e folias tocantinenses. A dança está presente nas regiões centro e sudeste do Tocantins. Cada comunidade em ritmo diferente, seja no passo, ou nos instrumentos, cada apresentação traz seus significados particular. A mestre suceira dona Alzina Cardoso, de mais de 70 anos, do município de Almas, explica o que significa a Jiquitaia.

As cantigas da Suça, comprovam o que diz a história, falam da realidade em que viviam antepassados, a relação com o senhorio, com a terra, árvores e animais, as dificuldades que passavam, os costumes da época, o desejo de liberdade. A história é confirmada pelos estudos do professor Wolfgang Teske, pesquisador de cultura, da Universidade Federal do Tocantins, e diretor de Patrimônio Histórico-cultural da Secretaria de Cultura do Estado.

Para quem vive a cultura da Suça de perto a definição dança se resume em poucas palavras. É que expressa a mestre suceira do município de Natividade, Felisberta Pereira da Silva. A suceira tem razão, o peneirado africano, ao som da batucada e letras reais, contagia quem dança e encanta quem assiste, e o difícil é ficar parado na hora da apresentação. Maria Cleonita Lemos, conhecida como Kita, aprendeu a dançar Suça muito cedo com seus avós, com apenas seis anos

⁴⁸ Texto extraído: <https://www.to.gov.br/secom/noticias/suca-manifestacao-cultural-folclorica-do-tocantins/3gfpuzdy2043>.

de idade. Hoje com 46 anos, fala emocionada o que representa a Suça na sua vida. Suça não tem limite de idade. Se aprende cedo a dançar, é uma herança familiar, que passa de geração em geração, os passos marcados e o gingado cultural, que corre nas veias de um povo que não deixa a cultura morrer. A prova disso, está com dona Inês Pereira da Cruz Piedade, que começou dançar aos 12 anos e hoje está com 64 e não quer parar.

Na casa de dona Inês, a Suça está bem viva, a missão da matriarca está cumprida, como manda o costume, ela já ensinou passo a passo, a suas duas novas gerações: filhos e netos. Sidney Piedade dos Anjos, de 17 anos, é um deles, aprendeu a dançar tão cedo que nem se lembra quando foi, mas sabe muito bem dizer o que representa a dança para ele.

A paixão dos suceiros pela dança, fortaleceu as tradições folclóricas e a identidade do Tocantins. Hoje considerada pelos estudiosos como uma das mais importantes manifestações culturais do interior do Brasil, com apresentações de grupos tocantinenses no país e também na Europa. Apesar de ainda não ter o registro de patrimônio imaterial do Brasil, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – o Iphan, reconhece a importância da manifestação cultural da Suça. Explica o superintendente do Iphan, no Tocantins, Antônio Miranda dos Santos.

Garantida pela Constituição do Estado do Tocantins, está inserida nas políticas públicas de valorização das manifestações culturais, que trazem nas suas demandas apresentações de Suça em eventos oficiais e de cultura popular do estado. Ainda segundo o Iphan, a cultura da Suça precisa ser mantida viva e reconhecida. É... Antônio dos Santos, se depender do Sidney dos Anjos, neto da dona Inês da Piedade, a Suça não vai morrer.

Sugestões para os facilitadores

Realize a leitura do texto com os estudantes, após a leitura, em roda de conversa, incentive os estudantes a falar sobre a dança da suça em sua comunidade, buscando observar a percepção dos mesmos quanto a essa manifestação cultural. Importante que o docente relacione a dança da suça como uma manifestação afro-brasileira que ainda sofre com preconceitos por alguns grupos, por ser dança de negro, dança de tambor. Nesse momento o professor deve pesquisar sobre por exemplo, o Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil de 11 de outubro de 1890 que proibiu os negros de praticar sua cultura, como a Capoeira que vigorou no Brasil de 1889 a 1937 e dialogar com os estudantes sobre discriminação, racismo racial.

A aplicação em sala de aula está prevista para duas aulas de 50 minutos. Para estudantes de nonos anos do ensino fundamental e do ensino médio.

Estudo das imagens



Sugestões para facilitadores

Inicie o estudo dessas imagens conceituando manifestação cultural, identidade cultural, patrimônio histórico material e imaterial. Após a discussão desses conceitos, motivar os discentes a explorar as imagens, o que podemos observar nessas imagens? Os instrumentos do batuque de suça, os vestuários, os foliões, o que os foliões estão fazendo? Você conhece as pessoas das fotos? Em qual comunidade estão? Eles são quilombolas? Qual a importância de manter viva a tradição? Essas são algumas sugestões de questionamentos, os docentes podem elaborar outras perguntas em relação a imagem ou utiliza-las com outras metodologias, adaptando as turmas que estiver lecionando. Após a análise pedir para os estudantes produzir um texto sobre o que aprenderam sobre as imagens que foram trabalhadas.

A aplicação em sala de aula está prevista para uma aula de 50 minutos. Para os estudantes do ensino fundamental II.

Apoio pedagógico: sugestões de links sobre a dança da suça

Sússia – Patrimônio Imaterial do Tocantins | Circuito Cultural IFTO (youtube.com)

Do Ritual – Grupo do Tambor

<https://www.youtube.com/watch?v=p-Qfk9z17cE>

Suça é mais que dança, história!

<https://www.youtube.com/watch?v=kRe7i5ty6pQ>

Suça no Tocantins.

https://www.youtube.com/watch?v=YJq1oZ4Kf_I

Mãe Ana: histórias e memórias de um grupo de suça

<https://www.youtube.com/watch?v=D4kDzMP7RbQ>

Pontos que podem ser discutidos:

- **Identidade Cultural** – Os versos de suça refletem a identidade cultural do quilombo Chapada da Natividade? O que as histórias contam sobre as tradições e o dia a dia da comunidade?
- **Transmissão Oral:** Como a história oral dos versos de suça e das narrativas dos sujeitos da comunidade, colabora para a preservação da cultura quilombola ao longo do tempo e qual a relevância de manter viva essa tradição oral?
- **Valorização das tradições:** Por que valorizar e preservar as tradições culturais é importante? Como pode fortalecer o pertencimento de suas raízes ancestrais?
- **Criatividade e Expressão:** As atividades propostas permitem que os estudantes expressem sua criatividade e interpretem os versos de suça de diferentes formas? Há uma contribuição dessas atividades para a compreensão das narrativas culturais?

APÊNDICE B – PROPOSTA DE APLICABILIDADE PEDAGÓGICA

1) **Objetivos da pesquisa que indicam aplicabilidade**

Objetivo Geral

Desenvolver materiais didáticos com a finalidade de promover o conhecimento, a prática da dança da suça nas escolas de ensino básico do Tocantins, contribuindo para a preservação e fortalecimento da identidade cultural.

Objetivos Específicos

- Pesquisar sobre a história cultural e social da dança da suça, explorando sua gênese e sua importância para o quilombo de Chapada da Natividade;
- Elaborar materiais didáticos com atividades pedagógicas, que permitam os discentes vivenciar e aprender sobre a dança da suça de forma participativa, fomentando o contato com suas tradições;
- Identificar elementos da suça, como passos, ritmos, vestuários e instrumentos musicais, com o objetivo de uma visão abrangente da manifestação cultural;
- Capacitar os docentes do ensino básico, para a utilização dos materiais didáticos, fornecendo orientações e suporte técnico – pedagógico, promovendo uma abordagem interdisciplinar da dança da suça no currículo escolar;
- Avaliar o impacto dos materiais didáticos através de observações em sala de aula, ouvindo os professores e estudantes e análise dos resultados da aprendizagem, com a finalidade de aprimorar continuamente o processo de ensino.

2) **Os principais aspectos abordados no andamento da pesquisa foram:**

Identidade Cultural, História Oral, Quilombo, Suça, Educação Quilombola, Educação Patrimonial.

3) **Os possíveis resultados a serem alcançados:**

- Preservação e fortalecimento da dança da suça;
- Integração entre disciplinas;
- Valorização da Identidade Cultural;
- Desenvolvimento de habilidades sociais;
- Promoção do enaltecimento da cultura afro-brasileira;

- Desconstrução de estereótipos;
- Estímulo ao diálogo intercultural.

4) As possíveis ações que podem ser executadas na educação básica ao término da pesquisa:

- Ministrar palestras nas escolas da Rede Estadual de Ensino, em especial, escolas quilombolas sobre o tema da pesquisa;
- Inclusão dos materiais didáticos nos currículos escolares;
- Oferecer formação aos professores sobre a importância da dança da suça;
- Produzir materiais didáticos, como vídeos, atividades práticas, cartilhas que abordem a dança da suça de forma acessível para os discentes;
- Realizar oficinas de suça com a contribuição dos Mestres e Mestras da comunidade para os estudantes;
- Promover a integração de disciplinas através dos materiais didáticos;
- Realizar eventos culturais na escola que destaque a dança da suça envolvendo a comunidade escolar e local;
- Estabelecer parcerias com coletivos de suça da comunidade, para desenvolver o aprendizado dos discentes sobre a dança da suça.

5) Como pretende colocar em prática os resultados obtidos para contribuir com a educação básica?

- Estabelecendo parcerias com instituições educacionais, em especial, escolas quilombolas, oferecendo oficinas, palestras, formação aos professores;
- Apresentando os resultados da pesquisa em simpósios, congresso, seminários.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha; MATTOS, Hebe Maria. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana”: uma conversa com historiadores. In: *Estudos Históricos*, n. 41, 2008, p. 5-20.
- ARANTES, Antônio Augusto. “Patrimônio imaterial e referências culturais”. In: *Tempo Brasileiro: Patrimônio Imaterial*, out-dez, n. 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
- ARRUTI, José Maurício. Políticas Públicas para quilombos: terra educação e saúde. In: PAULA, Marilene de; HERINGER, Rosana (Org.). *Caminhos convergentes: estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação, Heinrich Boll, ActionAid, 2009.
- BITENCOURT, Marcelo. Partilha, resistência e colonialismo. In: BELLUCCI, Beluce. (Org.) *Introdução à História da África e da Cultura Afro-Brasileira*. Rio de Janeiro: CEAA / CCBB, 2003, p. 69-91.
- BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos Alberto; d’ADESKY, Jaques. *Racismo, preconceito e intolerância*. São Paulo: Atual, 2002.
- BORGES, Edson. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia*. Secretaria de Educação Fundamental. Rio de Janeiro: DP&A, 2000b.
- BORGES, Edson. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC, 2004.
- BORGES, Edson. *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03*. Brasília: MEC/SECAD, 2005a.
- BORGES, Edson. *Relatório de Desenvolvimento Humano. Racismo, pobreza e violência*. Brasília: PNUD-Brasil, 2005b.
- BORGES, Edson. *História da Educação do Negro e outras Histórias*. Brasília: MEC/SECAD, 2005c.
- BORGES, Edson. *Educação Africanidades Brasil*. Brasília: MEC/UNB/CEAD, 2006.
- BORGES, Edson. *Indagações sobre currículo: diversidade e currículo*. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2007a.
- BRASIL. *100 anos de Bibliografia sobre o negro no Brasil*. Brasília: Fundação Cultural Palmares / Ministério da Cultura, 2000a.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Educação Quilombola*. Brasília: Salto para o Futuro. Boletimn. 10, 2007b.
- BRASIL. Ministério da Educação. “Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana”. Nov. 2009.
- BRASIL. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

CAVALEIRO, Eliane dos Santos. (Org). *Racismo e antirracismo na educação*. São Paulo: Summus, 2001.

FONSECA, Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ; IPHAN, 1997.

FONSECA, Cecília Londres. “Os inventários nas políticas de patrimônio imaterial”. In.: FONSECA, Cecília Londres. *Celebrações e Saberes da Cultura Popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectivas*. Séries: Encontros e estudos, n. 5. Rio de Janeiro: Funarte; CNFCP, 2004.

HORTA, M. de L. P. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN, 1999.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. *Política Nacional de Promoção da Igualdade racial*. Decreto n. 4, 886, 20 nov. 2003.

SANTOS, Maria de Jesus Pereira dos. *Os Desafios da Atuação Docente na Comunidade Quilombola de Chapada da Natividade – TO: Colégio Fulgêncio Nunes (2012 -2019)*. TCC (Graduação em História) UFT-Campus de Porto Nacional. Porto Nacional – TO, 2022.

SILVA, Nilce da; FERREIRA, Cléa M. da Silva. “Formação de professores com base na Lei 10.639/03. Cultura Africana e o legado de Eduardo Mondlane nos dias atuais. *Revista Millenium*. Online, n. 34, abr. 2008. Disponível em <http://www.ipv.pt/millenium/millenium34/default.htm> acessado em 03/11/2009.

<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10639&ano=2003&ato=431MTTq10dRpWTbf4>

ANEXOS

Com relação aos instrumentos, foram realizadas entrevistas e questionários em Chapada da Natividade. Para a realização de coleta de informações qualitativas, utilizou-se os seguintes questionários:

ANEXO I



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS
POPULAÇÕES AMAZÔNICAS - PPGHISPAM**

**A DANÇA DA SUÇA: IDENTIDADE, MEMÓRIA HISTÓRICA E CULTURAL
DO QUILOMBO DE CHAPADA DA NATIVIDADE, TOCANTINS (2015 A 2022)**

ROTEIRO DE ENTREVISTAS (PARTICIPANTES DA DANÇA DA SUÇA)

Este roteiro de entrevista enquadra-se numa investigação no âmbito de uma Dissertação de Mestrado junto ao Programa de pós-graduação em História das Populações Amazônicas, realizado na Universidade Federal do Tocantins – Porto Nacional – TO. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos (Dissertação de Mestrado), sendo realçado que as respostas dos participantes representam apenas a sua opinião.

MESTRANDA: ROBERTA TAVARES DE ALBUQUERQUE MENEZES

INDAGAÇÃO PRINCIPAL DO PESQUISADOR

Analisar e registrar a contribuição da dança da suça na formação da identidade quilombola na comunidade de Chapada da Natividade – Tocantins.

NOME: _____
Gênero: _____ Idade: _____ Estado civil: _____ Profissão: _____

1. Como ocorreu o seu processo de entrada e participação na suça? Há quantos anos participa das atividades da dança?

2. Sabemos que a dança da suça tem uma representação e um sentido de ancestralidade presente na história dos homens e mulheres negros africanos que viveram em comunidade de quilombos. Como você compreende essa relação da suça com a memória e ancestralidade dos povos africanos na sua comunidade?

3. Em que aspecto você considera que a suça fortalece e unifica as famílias com a identidade quilombola africanas?

4. Sabendo que o grupo Mestre Patricinho é um grupo formado há poucos anos, por que houve a necessidade da formação desse grupo no quilombo de Chapada da Natividade?

5. Como a Associação Quilombola Visão de Águia contribui para que a dança da suça seja vista como uma manifestação da identidade quilombola?

6. O que a dança da suça representa para a comunidade quilombola de Chapada da Natividade?

7. Como podemos perceber a resistência dessa manifestação popular no quilombo de Chapada da Natividade?

8. Você se sente pertencente a essa tradição? Por quê?

ANEXO II



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS
POPULAÇÕES AMAZÔNICAS – PPGHISPAM**

**A DANÇA DA SUÇA: IDENTIDADE, MEMÓRIA HISTÓRICA E CULTURAL
DO QUILOMBO DE CHAPADA DA NATIVIDADE – TOCANTINS (2015 A 2022)**

**ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO / DISCENTES DO 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTALII E DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO**

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma Dissertação de Mestrado no programa de pós graduação em História das Populações Amazônicas, realizada na Universidade Federal do Tocantins – Porto Nacional – TO. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos (Dissertação de Mestrado), sendo realçado que as respostas dos participantes representam apenas a sua opinião.

MESTRANDA: ROBERTA TAVARES DE ALBUQUERQUE MENEZES

INDAGAÇÃO PRINCIPAL DO PESQUISADOR

Analisar e registrar a contribuição da dança da suça na formação da identidade quilombola na comunidade de Chapada da Natividade – Tocantins.

NOME: _____

1. GÊNERO: () feminino () masculino () não binário () outro especifique

2. Faixa etária:

- () 14 a 20 anos () 21 a 26 anos () 27 a 32 anos
() 33 a 38 anos () 39 a 44 anos () 45 a 50 anos
() acima de 50 anos

3. Estado civil:

- () solteiro(a) () casado(a) () viúvo(a) () divorciado(a) () outros

4. Você conhece ou já ouviu falar sobre a dança da suça?

- () Sim
() Não

5. Você dançou ou fez parte de algum grupo de dança da suça?

- () Sim, já fiz parte de um grupo de dança da suça.
() Não, pois não me despertou interesse.
() Sim, participo atualmente de um grupo.

6. Assinale (X) apenas 01 (uma) alternativa a respeito do que a suça representa pra você:

- uma forma de brincadeira
 uma dança ancestral/ histórica
 uma prática de lazer

7. De acordo com as informações que você já teve acesso, a dança da suça faz parte:

- Da identidade quilombola
 Do folclore brasileiro
 Da prática artística de povos dança clássica

8. Em quais ocasiões voce presenciou a dança da suça sendo trabalhada na escola:

- Como conteúdo abordado na sala de aula.
 Somente no evento do Dia Nacional da Consciência Negra.
 Em outras atividades festivas.
 Não foi trabalhada na escola.

9. A dança da suça é uma manifestação popular afro-brasileira trazida pelos negros escravizados, símbolo de resistência dos povos quilombolas. Para você é importante a escola trabalhar essa manifestação histórica e cultural da comunidade de Chapada da Natividade?

- Não Sim

Indique um (01) motivo

10. A dança da suça é uma tradição presente em várias cidades da região sudeste do Tocantins e no quilombo de Chapada da Natividade. Alguém de sua família já participou ou participa dessa manifestação cultural?

- Sim Não

Quem da família? _____

11. Como a manifestação cultural, a dança da suça reforça o pertencimento da comunidade quilombola?

- Através da resistência e envolvimento das novas gerações.
 Por meio dos repasses de saberes dos mestres e mestras.
 Pelo trabalho desenvolvido na escola com a dança da suça.
 Fazendo parte da associação quilombola.
 Todas as alternativas estão corretas.

12. Em sua opinião o que a dança da suça representa para a comunidade de Chapada da Natividade? Assinale (x) apenas duas alternativas.

- O fortalecimento da cultura quilombola
 A prática de uma brincadeira
 A identidade do quilombo
 Somente diversão.

13. Sendo a cultura quilombola um fator marcante para a identificação de

pertencimento, a dança da suça tem fortalecido essa relação através da resistência e perpetuação como expressão popular. Pra você é importante à escola organizar e manter um grupo da dança da suça?

Sim Não

Indique uma (01) justificativa

ANEXO III



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS
POPULAÇÕES AMAZÔNICAS - PPGHISPAM**

**A DANÇA DA SUÇA: IDENTIDADE, MEMÓRIA HISTÓRICA E CULTURAL
DO QUILOMBO DE CHAPADA DA NATIVIDADE, TOCANTINS (2015 A 2022)**

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO (EQUIPE DIRETIVA E PROFESSORES)

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma Dissertação de Mestrado junto ao Programa de pós-graduação em História das Populações Amazônicas, realizado na Universidade Federal do Tocantins – Porto Nacional – TO. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos (Dissertação de Mestrado), sendo realçado que as respostas dos participantes representam apenas a sua opinião.

MESTRANDA: ROBERTA TAVARES DE ALBUQUERQUE MENEZES

INDAGAÇÃO PRINCIPAL DO PESQUISADOR

Analisar e registrar a contribuição da dança da suça na formação da identidade quilombola na comunidade de Chapada da Natividade – Tocantins.

NOME: _____

1. Gênero: () feminino () masculino () não binário () outros Justifique _____

2. Faixa etária:

- () 21 a 26 anos () 27 a 32 anos
() 33 a 38 anos () 39 a 44 anos () 45 a 50 anos
() acima de 50 anos

3. Estado civil:

- () solteiro(a) () casado(a) () viúvo(a) () divorciado(a) () outros

4. Formação Acadêmica:

- () Licenciatura
() Especialização
() Mestrado

5. Função que desempenhava na escola entre os anos de 2015 a 2022:

- () Coordenador(a) Pedagógico(a)
() Coordenador(a) de Programas e Projetos
() Diretor(a)
() Orientador(a) Educacional
() Secretário

() Professor

6. A BNCC diz: Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. Essa competência estabelece como fundamental que os alunos conheçam, compreendam e reconheçam a importância das mais diversas manifestações artísticas e culturais. Você considera que o Colégio Fulgêncio Nunes como uma instituição quilombola contribui para que através dessa competência os alunos vivenciem sua identidade e fortaleça sua cultura por meio da dança da suça? De que forma?

7. Reconhecer e discutir o significado de eventos e manifestações culturais e da influência da cultura na formação de grupos e identidades envolvendo a expressão cultural como a dança da suça, na comunidade de Chapada da Natividade é vista pela escola como parte da educação quilombola? Justifique.

8. Com a Lei nº 10.639/03, a história e a cultura afro-brasileiras tornaram-se conteúdos obrigatórios em sala e pauta para o projeto político-pedagógico das escolas. Como o colégio Fulgêncio Nunes trabalha em sala de aula a cultura quilombola local? As manifestações culturais da comunidade, a exemplo da dança da suça estão contempladas no Projeto Político Pedagógico? Justifique.

09. A dança da suça faz parte dos eventos da escola? Quais? Por qual motivo?

ANEXO IV**Depoimento da ex presidente da Associação quilombola Visão de Águia do quilombo de Chapada da Natividade sobre a criação do grupo Mestre Patricinho.**

Me chamo Auderina de Jesus Reis Furtado, brasileira, casada, inscrita no CPF: 598667991-15, Rg: 102,685 SSP/TO, casada, residente e domiciliada na Rua Maria Bamba, centro de Chapada da Natividade-TO. No ano de 2019 a meados de 2021 estive presidente da Associação Quilombola Visão de Águia no quilombo urbano de Chapada da Natividade –TO. Nesta época já conhecia a professora Roberta Tavares de Albuquerque. A mesma havia trabalhado em nosso município como professora por vários anos, sendo ela profunda conhecedora da nossa cultura local. Em setembro de 2020 a professora Roberta Tavares de Albuquerque entrou em contato comigo para falar que umas ex-alunas dela teria a procurado para que a mesma as ajudassem a divulgar e conseguir instrumentos para o grupo de sucia Mestre Patricinho, grupo idealizado por jovens com o objetivo de ensinar a dança para as novas gerações. Foi nesta oportunidade que a Professora Roberta Tavares de Albuquerque me perguntou se eu estava sabendo da Lei Aldir Blanc- Lei de apoio à cultura- como ficou denominada a Lei 14.017 de 29 de junho de 2020 e se eu tinha interesse em fazer um projeto para a associação tendo como base a dança da sucia. Respondi que sim, porém não tinha conhecimento como proceder. Neste momento ela me passou os contatos do Diego Brito e da Kecia Ferreira, ambos com experiências na confecção de projetos culturais. A professora Roberta Tavares de Albuquerque mesmo morando em outro município me passava as coordenadas os nomes dos fazedores de cultura em nosso município, pois eu sendo uma quilombola não tinha determinado conhecimento. O projeto foi feito e enviado para análise, sendo aprovado em dezembro de 2020. Em novembro de 2021 houve a execução do mesmo. Este no valor de R\$ 45.000 permitiu que nossa associação promovesse várias oficinas de confecção de instrumentos utilizados na dança da sucia, palestras e compra de vários instrumentos de som. Utilizamos o recurso de forma responsável, garantindo que o impacto positivo da cultura fosse sentido por todos os envolvidos. Agradecemos o apoio da professora Roberta Tavares de Albuquerque por está sempre contribuindo positivamente no desenvolvimento da cultura local, em especial ao grupo de Sucia Mestre Patricinho o qual faz apresentações em vários eventos dentro e fora do nosso município.

ANEXO V

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS
UFT

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: A DANÇA DA SUÇA: identidade, memória histórica e cultural do quilombo de Chapada da Natividade / Tocantins de 2015 a 2022.

Pesquisador: Roberta Tavares de Albuquerque Menezes

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 68608223.4.0000.5519

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - CAMPUS PORTO NACIONAL

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.219.523

Apresentação do Projeto:

A dança da suça é uma manifestação da cultura popular e se mistura com o sagrado e o profano, havendo uma celebração, uma euforia ao batuque dos tambores, da caixa, da viola, do roncador e dos pandeiros. É dançada em pares, homens e mulheres rodopiam entre si num ritmo frenético do batuque de suça e do tambor. Os versos de suça são curtos e cantam a história do cotidiano dos ancestrais e da comunidade. Ao som do batuque a herança dos descendentes de africanos que foram trazidos à força como escravizados para trabalhar nas minas de ouro na região sudeste do

Tocantins no século XVIII, resiste e mantém viva seu pertencimento, sua identidade quilombola na comunidade de Chapada da Natividade. Tendo o marco temporal nesta pesquisa iniciado em 2015 por razões que nesse ano, pensando em fortalecer a cultura quilombola, foi criado no Colégio Fulgêncio Nunes o grupo de suça Tia Zezinha e no mesmo ano iniciou parceria entre escola e Associação Quilombola Visão de Águia.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar e registrar a contribuição da dança da suça na formação da identidade quilombola

na comunidade de Chapada da Natividade - Tocantins.

Objetivos específicos Identificar como a memória histórica e cultural da dança da suça colabora para o fortalecimento da identidade quilombola;

Pesquisar na escola Fulgêncio Nunes como a manifestação cultural da dança da suça reforça o

Endereço: Quadra 109 Norte, Av. Ns 15, ALCNO 14, Prédio da Reitoria, 2º Pavimento, Sala 16.

Bairro: Plano Diretor Norte **CEP:** 77.001-090

UF: TO **Município:** PALMAS

Telefone: (63)3229-4023

E-mail: cep_uft@uft.edu.br

Outros	Cartadeautorizacaoassociacaoquilombola.pdf	03/07/2023 20:15:58	Roberta Tavares de Albuquerque Menezes	Aceito
Outros	termoautorizacaoousoimagemdepoimento.docx	03/07/2023 20:04:57	Roberta Tavares de Albuquerque Menezes	Aceito
Outros	Formulariorespondparecer.doc	03/07/2023 19:59:34	Roberta Tavares de Albuquerque Menezes	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJMESTRADOROBERTAecol etaded ados.docx	03/07/2023 19:49:25	Roberta Tavares de Albuquerque Menezes	Aceito
Outros	pareceresautorizaodaospacho.pdf	03/07/2023 19:42:22	Roberta Tavares de Albuquerque Menezes	Aceito
Outros	TALE.docx	03/07/2023 19:30:03	Roberta Tavares de Albuquerque Menezes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODEASSENTIMENTOLIV REEES CLARECIDO.docx	03/07/2023 19:29:02	Roberta Tavares de Albuquerque Menezes	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoroberta.pdf	29/03/2023 18:43:52	Roberta Tavares de Albuquerque Menezes	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracaodecompromissodopesquisador.pdf	07/02/2023 18:26:53	Roberta Tavares de Albuquerque Menezes	Aceito

Situação do Parecer: Aprovado **Necessita Apreciação da CONEP:** Não

PALMAS, 04 de agosto de 2023

Assinado por:

MARCELO GONZALEZ BRASIL FAGUNDES

(Coordenador(a))

Endereço: Quadra 109 Norte, Av. Ns 15, ALCNO 14, Prédio da Reitoria, 2º Pavimento, Sala 16.

Bairro: Plano Diretor Norte **CEP:** 77.001-090

UF: TO **Município:** PALMAS

Telefone: (63)3229-4023

E-mail: cep_uft@uft.edu.br

ANEXO VI

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Convidamos a Sr. _____ para participar da Pesquisa – A dança da Suça: identidade, memória histórica e cultural do quilombo de Chapada da Natividade – Tocantins de 2015 a 2022, sob a responsabilidade da pesquisadora Roberta Tavares de Albuquerque Menezes na qual pretende analisar e registrar a contribuição da dança da suça na formação da identidade quilombola na comunidade de Chapada da Natividade – Tocantins, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas – PPGHISPAM, da Universidade Federal do Tocantins. Para tal verificação, pretende-se considerar como a memória histórica e cultural da dança da suça colabora para o fortalecimento da identidade quilombola; pesquisar na escola Fulgêncio Nunes como a manifestação cultural da dança da suça reforça o pertencimento da comunidade quilombola. Identificar e compreender os elementos da suça como resistência e ancestralidade. Registrar a partir das narrativas dos mestres e mestras e praticantes da dança da suça o que essa manifestação representa e sua importância para a comunidade quilombola.

A pesquisa utilizará fontes orais como entrevistas e documentais por meio de questionários, fotografias, vídeos, documentos oficiais, documentários que complementar a pesquisa bibliográfica sobre a manifestação cultural, a dança da suça e a identidade da comunidade quilombola e a relação com a escola quilombola de Chapada da Natividade. A justificativa desta investigação é decorrente de um trabalho desenvolvido na comunidade de Chapada da Natividade, Tocantins, sobre a dança da suça. A pesquisa contribui para que a dança da suça que é uma manifestação popular da cultura do Tocantins e que está presente no quilombo de Chapada da Natividade continue resistindo e se fortalecendo como uma prática cultural e valorizando a identidade quilombola. E também tendo em vista a importância histórica da comunidade de Chapada da Natividade, onde foi desenvolvido por quase 18 anos a docência e a vivência da cultura quilombola. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas gravadas e filmada por meio de celular. Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento o (a) senhor(a) não precisa realizá-lo. Ao aceitar participar, estará contribuindo para a realização de um estudo que servirá para reflexão e posterior elaboração de estratégias e ações específicas para a promoção de saberes sobre a dança da suça na pós-graduação, levando em consideração as lacunas e potencialidades identificadas a partir das práticas culturais. Apesar de ser voluntária sem que haja elementos que impliquem em opressão e coação, esta pesquisa apresenta riscos mínimos para o participante, visto que não será exposto a nenhum tipo de modificação intencional que venha a interferir na sua integridade fisiológica, psicológica ou social. A probabilidade de risco previsto refere-se a eventuais constrangimentos devido ao cansaço ou aborrecimento ao responder ao questionário que, caso seja necessário poderá ocorrer à suspensão do mesmo, uma vez que serão utilizados todos os procedimentos éticos para preservar o bem-estar dos envolvidos. O material recolhido a partir da entrevista poderá gerar eventuais desconfortos aos participantes do estudo. Em qualquer momento, caso sofra algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, o Sr.(a) terá direito a indenização. Desse modo, conforme preconiza a norma operacional nº 001/2013, o participante tem garantida a privacidade, sigilo e confidencialidade no decorrer das etapas de pesquisa. O mesmo pode se recusar a participar e, caso aceite, é garantida a retirada do consentimento a qualquer tempo sem nenhum prejuízo para as partes envolvidas. Também nenhuma informação que possa identificar ou prejudicar o participante será

divulgada. Os participantes terão acesso aos resultados deste estudo que serão divulgados em diferentes meios de comunicação técnico-científicos: oral e impresso, sempre com fins de produção do conhecimento científico e do aprimoramento das práticas de letramento voltadas à internacionalização da pós-graduação. A identidade do participante colaborador em hipótese alguma será revelada, apenas serão utilizados códigos para se referir aos PPG que constitui objeto desta pesquisa. Portanto, a sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Se após confirmar participação nesta o(a) Sr (a) desistir de colaborar, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase desta pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo mantida em sigilo. Para obtenção de qualquer tipo de informação sobre os seus dados, esclarecimentos, ou críticas, em qualquer fase do estudo, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável no endereço: Rua Voltaire Aires Cavalcante, nº 75 setor Novo Horizonte – Dianópolis, Tocantins. O e-mail é rta.menezes@gmail.com telefone (63)99247-5404, CPF 719.149.354-20. Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa o(a) Sr (a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFT. O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se o(a) senhor (a) achar que a pesquisa não está sendo realizada da maneira como imaginou ou que está sendo prejudicado(a) de alguma forma, poderá entrar em contato com o CEP da Universidade Federal do Tocantins pelo telefone (63) 3229-4023, pelo email: cep_uft@uft.edu.br, ou se dirigir ao endereço: Quadra 109 Norte, Av. Ns 15, ALCNO 14, Prédio da Reitoria, 2º Andar, Sala 16, CEP-77001-090 - Palmas/TO. O (A) Sr. (a) pode inclusive fazer a reclamação sem se identificar, se preferir. O horário de atendimento do CEP é segunda e terça das 14h00minh às 17h00minh e quarta e quinta das 09h00minh às 12h00minh. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo sr.(a), ficando uma via com cada um de nós.

Eu, _____, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não receberei nenhum tipo de compensação financeira pela minha participação neste estudo e que posso sair quando quiser.

Chapada da Natividade, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora responsável

ANEXO VII

Certidão de Autorreconhecimento



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
 MINISTÉRIO DA CULTURA
 FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, **CERTIFICA** que a **Comunidade de Chapada de Natividade**, localizada no município de Chapada de Natividade, Estado do Tocantins, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 005, Registro n. 449, fl. 57, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, **É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS.**

Declarante(s):

Vilásio Nunes de Carvalho – CPF nº 597.064.901-59
 Francisca Dionízio de Santana – CPF nº 623.273.561-72
 Herminia de Jesus Pinto – CPF nº 534.311.541-15
 Edileuza Gonçalves de Almeida – CPF nº 607.308.621-00
 Jovelina Pinto de Cerqueira – CPF nº 875.245.971-34

Eu, **Maria Bernadete Lopes da Silva** (Ass.)....., Diretora da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília, DF, 12 de dezembro de 2005.

O referido é verdade e dou fé

UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO
 Presidente da Fundação Cultural Palmares

SBN Quadra 02 – Ed. Central Brasília – CEP: 70040-904 – Brasília – DF - Brasil
 Fone: (0 XX 61) 424-0106(0 XX 61) 424-0137 – Fax: (0 XX 61) 326-0242
 E-mail: chefiadegabinete@palmares.gov.br http://www.palmares.gov.br

“A Felicidade do negro é uma felicidade guerreira” (Wally Salomão)